

The cover features a stylized illustration of a woman with glasses and a flower. The woman is depicted in a dark, abstract style, wearing a dark top and glasses. She is holding a large, stylized flower that has a face with a wide smile. The background is a light, textured grey. The title 'Patativa do Assaré' is written in a large, elegant, serif font, with 'do' in a smaller size. Below the title, the author's name 'Cláudio Portella' is written in a smaller, elegant, serif font. At the bottom, the text 'SELECÇÃO' is written in a small, bold, sans-serif font.

# Patativa do Assaré

*Cláudio Portella*

SELECÇÃO

Se o poeta marinheiro ∞ Canta as belezas do mar, ∞ Como poeta  
proceiro ∞ Quero o meu sertão cantar ∞ Com respeito e com carinho.  
∞ Meu abrigo, meu cantinho, ∞ Onde viveram meus pais. ∞ O  
mais puro amor dedico ∞ Ao meu sertão caro e rico ∞ De belezas  
naturais. ∞ Meu sertão das vaquejadas, ∞ Das festas de apartação, ∞

COLECÇÃO  
MELHORES  
POEMAS



*MELHORES  
POEMAS*

*Patativa  
do  
Assaré*

*Seleção  
CLÁUDIO PORTELLA*

1ª edição digital  
São Paulo  
2012



**Cláudio Portella** (Fortaleza, 1972). É autor de *Bingo!* (Poesia, 2004), publicado pela editora portuguesa Palavra em Mutação. Possui trabalhos publicados na revista *Caros Amigos*, na revista *Coyote*, na revista *Poesia Sempre*, no jornal *Rascunho*, no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, na revista internacional de poesia *Dimensão*, na revista portuguesa *Palavra em Mutação*, nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, nos jornais *Diário do Nordeste* e *O Povo*. Na internet, seus textos proliferam em publicações eletrônicas tais como *Capitu* (SP) (foi colunista da revista), *Paralelos* (RJ), *Etcetera* (SP), *Mnemozine* (SP), *Germina* (MG & SP), *Cronópios* (SP), *Cronopinhos* (SP), *Patife* (MG), *Escritoras Suicidas* (MG & SP), *LaLupe* (Buenos Aires, Argentina), *Sensibles del Sur* (Bariloche, Argentina), *Boletín Misioteletras* (Misionera, Argentina), *Corsário* (CE), *Jornal de Poesia* (CE), site do *Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura* (CE). Textos seus foram traduzidos para o inglês, para o espanhol e italiano. Em 2002, ganhou com *Predileções em carma vivo* o concurso de conto da *Ubeny* (União Brasileira de Escritores Seção de Nova York). Foi coeditor da revista *Arraia Pajéurbe* (Funcet – Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza, 2000-2004).

Para Cristina Abdo, Flamínio Araripe,  
Gilmar de Carvalho, Isabel Cristina,  
Jânia Maria e Juarez Portela,  
sem os quais esta seleção  
não seria possível.

# SEU DOTÔ ME DÊ LICENÇA: PATATIVA DO ASSARÉ

(Um Estudo)

Começemos por desmistificar o maior engano quando o tema é Patativa do Assaré: o poeta não foi o iletrado, o analfabeto, que o censo comum propaga. Antônio Gonçalves da Silva nasceu no dia 5 de março de 1909, na Serra de Santana, distante 18 km de Assaré, cidade da região do Cariri, interior do Ceará. Filho de pequenos proprietários rurais. Perde – em decorrência de uma enfermidade e de não haver, naquela época, médico na cidade de Assaré – a visão do olho direito então com quatro anos de idade. É tentadora a analogia com Camões e Homero, que também perderam a visão e que foram leituras importantes para Patativa. Mas a comparação para por aqui. A inserção contextual de cada poeta frente a sua terra e a seu povo é, sobremaneira, unilateral. Semelhança maior há com o afamado violeiro-cantador cearense Cego Aderaldo (1878–1967), já que além de conterrâneos e contemporâneos (obstante Aderaldo ser 31 anos mais velho), Patativa do Assaré, antes de se tornar poeta, foi violeiro-cantador. Em 28 de março de 1917, seu pai falece. O menino Antônio está então com 8 anos de idade. Passa desde então a trabalhar na terra deixada pelo pai que mais tarde seria dividida entre os irmãos. Seu trabalho na lavoura é concomitante com sua criação poética. Trabalhando o solo enraizava também sua poesia, daí impossível sair da serra de Santana, onde plantou sua roça até os 70 anos. Aos 12, passando poucos meses na escola, – e ainda dividindo as atividades escolares com o trabalho na roça –, é alfabetizado. Aprendera a ler na cartilha de Felisberto de Carvalho, editada por 67 anos (1892-1959) pela livraria Francisco Alves, e que foi muito usada nas escolas públicas de todo o país. Da cartilha da escola, apaixonou-se pela leitura, tornando-se um autodidata e um leitor contumaz. Leu com voracidade os poetas românticos, elegendo Castro Alves seu predileto, justamente por sua poesia de denúncia e protesto. Questões sociais que também demarcaram a poesia de Patativa. Leu o *Tratado de versificação* de Olavo Bilac e Guimarães Passos, o que o ajudou na concepção de poesias na forma culta. É possível encontrar uma

antologia dos sonetos de Patativa no livro *Patativa do Assaré, um clássico* (Crato, CE: A Província Edições, 2002), de Plácido Cidade Nuvens. Selecionei para o presente livro os sonetos: “Um grande poeta“, “Ciúme“, “Nanã“ (um dos mais belos sonetos de Patativa, esse soneto foi gravado no Crato/CE, pelo professor francês Raymond Cantel), “Coisa estranha“, “À meretriz“, “Voz estranha“, “Fuga de Vênus“, “Herança“, “Eu sou do campo“, “A Morte/Estrambote“, “A minha cinza“, “Minhas filhas“, “Esta terra parece um paraíso“, “Percorrendo o Nordeste em pregação“, “Vou casar sem saber você quem é“, “Vive doidinha a procurar marido“, “É preciso saber compor soneto“, “Minha castanhola“, “Ingratidão“, “À professora Neuma“, “Amanhã“, onde podemos ver a força do Patativa sonetista. Alguns desses sonetos foram improvisados em questão de minutos por Patativa; num costumeiro jogral com o seu sobrinho, também poeta, Geraldo Gonçalves de Alencar, onde um dava o mote e o outro rapidamente glosava em cima do mote. Prosseguindo no rol das leituras do poeta encontramos Catulo da Paixão Cearense (que na verdade era maranhense), autor da clássica canção *Luar do sertão*, e Zé da Luz – esse paraibano. Esses dois autores burilando a poesia de forma cabocla na cabeça do nosso Patativa. Na verdade ele passou a dominar com facilidade as duas formas de poesia: a culta e a cabocla. Utilizando uma ou a outra, dependendo da emoção do público e da mensagem.

Fascinado pelas leituras coletivas de folhetos de cordel, pelo som da viola e pela peleja entre cantadores, arrisca os primeiros versinhos, para aos 16 anos convencer a mãe a vender uma ovelha e comprar sua primeira viola. Torna-se cantador de improviso e aos 19 anos é levado por um parente a Belém. Essa viagem é de suma importância para, usando o termo de Paul Zweig: *a formação do poeta*. Lá trava cantorias com inúmeros cantadores e faz o percurso, sempre cantando, das colônias (na verdade aglomerados) de nordestinos, que se estendiam ao longo da estrada de ferro entre Belém e Bragança.

Em Belém, morava, nessa época, o jornalista cratense (Crato, CE) José Carvalho de Brito, que ao ouvir a cantoria do jovem Antônio o batizou com a alcunha de Patativa. O jornalista do Crato registrou esse fato em seu livro *O matuto cearense e o caboclo do Pará*, publicado em 1930 e republicado pelas Edições UFC, em 1973. A patativa é um pequeno pássaro de coloração acinzentada que tem como principal característica o hábito de se esconder na mata e imitar o canto de variados pássaros. O que vem de

encontro com as temáticas e as formas dos poemas (já que seu canto é uno) de Patativa, transitando entre a forma culta e a matuta, seus poemas abordam o telúrico, o humor, o social, o folclórico e até o erótico. Vale ressaltar a bela passagem de um dos inúmeros textos, sobre o poeta, do maior estudioso da obra de Patativa, o professor e escritor Gilmar de Carvalho: “Patativa não é pássaro por acaso. Talvez nunca tenha havido uma simbiose tão forte entre pessoa e epíteto: é como se, magicamente, ele abdicasse da sua condição humana para gorjear poesia. Canto que traz, de modo contundente, a complexidade das questões filosóficas da dor, da finitude, do amor e da cidadania”.

Voltando do Pará, o cantador Patativa percebeu que havia muitos outros cantadores com a mesma alcunha. Resolveu então se chamar “Patativa do Assaré”. Hoje a ave patativa está em extinção.

De 1930 a 1955, Patativa do Assaré passa todo esse período na Serra de Santana, trabalhando braçalmente em seu roçado e criando mentalmente a maior parte de sua obra poética. Vez ou outra partia com outro cantador (seu parceiro mais constante foi o cantador João Alexandre, seu rival nas pelepas e em muitas apresentações) para cantorias nas cidades de sua região, outras fronteiriças com Pernambuco e Paraíba, indo até a algumas cidades da região centro-sul. Mas ele próprio sabia que sua passagem como violeiro-cantador era um estágio, necessário, para o poeta que ansiava em sê-lo. Mesmo depois de abandonar de vez a cantoria, pouco antes do golpe militar de 1964, continuou sempre que podia criando ele mesmo o mote, como se estivesse em combate com outro violeiro, e glosando ele mesmo sobre o tema. Selecionei algumas dessas passagens. Era como se o poeta já formado revisitasse seus caminhos.

Patativa, dono de uma memória extraordinária, sabia de cor todos os seus mais de mil poemas. Ele não burilava seus versos como os poetas de bancada fazem; seus versos e rimas brotavam em sua cabeça como as plantas brotavam em seu roçado. O poema nascia pronto e exato, redondo, sem precisar de emendas. O que nos faz lembrar Borges (Jorge Luis Borges, 1899–1986), que também não retrabalhava seus escritos, a palavra primeira era sempre a mais adequada.

Nesses 25 anos a transmissão da poesia de Patativa é toda oral. O poeta declamava seus poemas nos terreiros em noite de lua, em roda de amigos ou na pioneira rádio de Crato: Rádio Araripe. Patativa sempre gostou muito de Crato, onde tinha bons amigos, cidade de efervescência comercial e

artística: xilógrafos, cantadores, músicos e poetas faziam a vida cultural do lugar. Visitando Crato, Patativa era figura certa na Rádio Araripe e foi numa dessas manhãs que o latinista cratense José Arrais de Alencar (radicado no Rio de Janeiro), ouvindo ao vivo a voz de Patativa declamando seus poemas nas ondas da Rádio Araripe, percebeu que devia immortalizar toda aquela carga oral: tentou o livro. Procurou Patativa e editou pelo selo Borsoi Editores, do Rio de Janeiro: *Inspiração nordestina*, de 1956. O primeiro livro de Patativa. Do latim: *Scripta manet, verba volant*.

Novamente a rádio foi crucial na divulgação da obra de Patativa. O poeta havia composto a música “A triste partida” que canta a história de uma família nordestina, fugindo da seca, rumo a São Paulo. Essa música logo virou um hino e vários violeiros incorporaram-na em seus repertórios. Muitos eram os que iam à rádio só para cantar “A triste partida”. Certa vez uma dupla de violeiros cantava na rádio os tocantes versos da toada, e quem sintoniza dessa vez essa emissão e se emociona profundamente com os versos da canção é o “rei do baião”, ninguém menos que o extraordinário cantor Luiz Gonzaga. A história se repete: Luiz Gonzaga vai à procura do poeta e após uma negociação grava “A triste partida”, em 1964. A música na voz do “Velho Lua” foi um sucesso, lembrada até hoje, o que contribuiu para elevar o nome de Patativa do Assaré no Brasil inteiro.

Dos livros do Patativa, um dos mais importantes é *Patativa do Assaré: novos poemas comentados*, idealizado e produzido pelo grande intelectual e historiador cearense, amigo do poeta, J. de Figueiredo Filho. Intercalando os poemas de Patativa há inteligentes comentários feitos por J. de Figueiredo Filho acerca dos poemas. Selecionei muitos poemas desse livro. E agradeço a Flamínio Araripe (neto de J. de Figueiredo Filho e homem sensível à cultura nordestina) e à sua mãe Eneida Figueiredo Araripe, por me permitirem tal seleção.

Entre os poemas que selecionei dessa obra consta o poema “Prefeitura sem prefeito”. Deixemos o próprio J. de Figueiredo comentar: “quanto ao caso da prefeitura de Assaré, sempre abandonada, naquela época, não é a primeira vez que tal coisa acontece. O prefeito, como quase todos os candidatos a cargos eletivos, uma vez vitorioso, esquece sempre as promessas anteriores. Se é prefeito esquece tudo e torna-se o dono absoluto da municipalidade, podendo até não frequentá-la com assiduidade. Mas, os versos contra a autoridade pouco assídua na prefeitura levaram o vate



sertanejo, irreverente, a dar com os costados na cadeia. O passarinho da serra foi engaiolado. Como a patativa azul, trinou dentro da gaiola”.

*Patativa descontente,  
Nesta gaiola, cativa,  
Embora bem diferente,  
Eu também sou Patativa.*

*Linda avezinha pequena,  
Temos o mesmo desgosto,  
Sofremos a mesma pena,  
Embora, em sentido oposto.*

*Meu sofrer e teu penar  
Clamam a Divina Lei.  
Tu, presa para cantar  
E eu preso porque cantei.*

O poeta já fazia versos de denúncia e criticava o flagelo humano quando veio o golpe militar de 1968; não poderia ser diferente, se posicionou contra os militares e passou a colaborar, sob pseudônimo, com os jornais da UNE. Sendo inclusive ameaçado de prisão, o que felizmente não deu em nada. Mas nessa época teve que censurar alguns de seus versos. Contudo, a essência da poesia de Patativa sempre foi em defesa do homem puro e livre de amarras. Logo depois estava dando entrevista para o jornal *Movimento* (1975-1981) que era contrário à ditadura. Se posicionou contra ela até participar, no palanque, recitando seus versos de revolta nas Diretas-Já.

Depois de um mal-entendido com uma das canções de Patativa gravada por Fagner (a letra “O vaqueiro”, modificada para “Sina” e registrada sem a autoria de Patativa, no disco do cantor *Manera Fru-Fru*, 1972; persistindo o engano quando o disco foi lançado em cd, em 1996). Fagner vai a Crato procurar Patativa e desse encontro nasce uma amizade. Patativa sempre foi um homem bom, sem ressentimentos. O entendimento é tão perfeito entre os dois que Fagner grava a canção de Patativa “Vaca Estrela e Boi Fubá”, e saíram a divulgá-la. Primeiro em Fortaleza, depois no Teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro. No *Som Brasil*, de Rolando Boldrin, na Hebe Camargo, no Festival de Verão (Guarujá, SP) etc. Enfim, onde cantavam o sucesso era enorme.

Em meus estudos – e se nesse livro não aparecem referências bibliográficas é porque as próprias são toda a bibliografia, a discografia e os

livros sobre o poeta aqui catalogados – percebi que cantoria, peleja e cordel são a mesma coisa. Mas isso é tema para outros textos. Por hora fiquem com os cordéis selecionados: “Vicença e Sofia ou o castigo de mamãe” e “Brosogó, Militão e o Diabo”.

Patativa do Assaré é um poeta popular com quatro títulos universitários de Doutor *Honoris Causa*. Midiático, com várias apresentações em emissoras de TV (recitou seus versos até em uma novela das oito, da Rede Globo – *Renascer*, 1993). Gravado e regravado por uma série de grandes cantores e cantoras nacionais. Descoberto na Inglaterra, estudado na França (Sylvie Debs, da Universidade Robert Schuman e Raymond Cantel, da Sorbonne); traduzido pelo também francês Jean Pierre Rosseau.

Com tudo o que lemos nesse estudo podemos crer que o poeta do Nordeste Brasileiro aqui enfocado é, ao lado de Camões, Homero e Dante, um dos maiores poetas populares do mundo.

*Cláudio Portella*

# *POEMAS*

# FONTE PATATIVANA

Aos poetas do Nordeste  
Ofereço meus louvores  
Aos que são meus seguidores  
E já passaram no teste  
Com a proteção celeste  
E inspiração soberana  
Cantando a raça humana  
Prazeres, dores e mágoas  
Porque beberam das águas  
Das Fontes Patativanas.

Eu digo em nome do Cristo  
Com a verdade completa  
Ao meu amigo poeta  
Com muita atenção assisto  
Temos o Manoel Calixto  
Que gosta da carrascana  
Porém, com cana ou sem cana  
Verseja em qualquer negócio  
Porque é um grande sócio  
Da Fonte Patativana.

Cícero Batista se sai  
Com roça e com poesia  
Com as farsas que ele guia  
O seu prestígio não cai  
De quando em vez ele vai  
Pra feira vender banana  
Outras vezes vender cana  
Além de versejador  
Da Fonte Patativana.

Além da grande fileira  
Dizer agora é preciso  
O campeão do improviso

É o Miceno Pereira  
Com sua voz altaneira  
Cantando toda semana  
Como pássaro Viana  
Ele é muito sonoro  
E vive muito ditoso  
Na Fonte Patativana.

O meu colega Maurício  
Segue este mesmo caminho  
Cantando a flor, o espinho  
O prazer e o sacrifício  
Meu parente, meu patrício  
Nesta Serra de Santana  
A poesia bacana  
Apresenta muito bem  
Porque faz parte também  
Da Fonte Patativana.

O Geraldo e o João Bandeira  
Cada qual é bom poeta  
Que segue a mesma reta  
Com expressão verdadeira  
Na poesia brejeira  
Um se alegra e outro se ufana  
O que já leu não se engana  
São poemas irmanados  
Porque foram inspirados  
Na Fonte Patativana.

O Pedro verseja um pouco  
É o caçula, meu irmão  
Dono de uma produção  
Chamada Ladrão de Coco  
Sua casa de reboco  
Velha e modesta choupana  
Maria era nossa mana  
Mas nossa mana, Maria  
Um só verso não fazia

Na Fonte Patativana.

Finalmente, meus leitores  
Nesta preciosa arte  
Apresentei grande parte  
Dos que são meus seguidores  
Cantei prazeres e dores  
Nessa Serra de Santana  
Para a nação soberana  
Eu partirei brevemente  
Dando adeus à boa gente  
Da Fonte Patativana.

## UM GRANDE POETA

Carregou da miséria o grande fardo,  
Foi a pobreza sua companhia,  
Esta andrajosa mãe da poesia  
Nunca negou-lhe da tortura o dardo.

E assim de olhar pedinte e passo tardo  
Fora do mundo a lamentar vivia.  
Hoje repousa sob a terra fria,  
Já ninguém fala do indigente bardo.

Eu, que na vida não gozei de nada,  
Vou palmilhando aquela mesma estrada  
Tendo por ele um sentimento nobre.

Foi meu colega, foi meu grande amigo,  
Autor do livro, *Cantos de um mendigo*,  
Foi tão poeta que morreu de pobre.

# CIÚME

Tal qual a ave noturna quando agoura  
Que até faz a criança apavorar,  
O ciúme lhe fez não me entregar  
O soneto que eu fiz à professora.

É bem livre e liberta a nossa loura  
Como o pássaro que voa pelo ar,  
Para a mesma prender e dominar  
Tua força não é superiora.

Ciumento, egoísta, tenha calma  
E não queira perder a sua alma,  
É preciso saber que existe Deus.

Se, com manhas, trapaças ou enredos,  
Eu não quero saber dos teus segredos,  
Não procure também saber dos meus.



# PREFEITURA SEM PREFEITO

Nesta vida atroz e dura  
Tudo pode acontecer,  
Muito breve há de se ver  
Prefeito sem prefeitura;  
Vejo que alguém me censura  
E não fica satisfeito,  
Porém, eu ando sem jeito,  
Sem esperança e sem fé,  
Por ver no meu Assaré.  
Prefeitura sem prefeito

Por não ter literatura,  
Nunca pude discernir  
Se poderá existir  
Prefeito sem prefeitura.  
Porém, mesmo sem leitura,  
Sem nenhum curso ter feito,  
Eu conheço do direito  
E sem lição de ninguém  
Descobri onde é que tem  
Prefeitura sem prefeito.

Ainda que alguém me diga  
Que viu um mudo falando  
E um elefante dançando

No lombo de uma formiga,  
Não me causará intriga,  
Escutarei com respeito,  
Não mentiu este sujeito.  
Muito mais barbaridade  
É haver numa cidade  
Prefeitura sem prefeito.

Não vou teimar com quem diz  
Que viu ferro dar azeite,

Um avestruz dando leite  
E pedra criar raiz,  
Ema apanhar de perdiz  
E um rio fora do leito,  
Um aleijão sem defeito  
E um morto declarar guerra,  
Porque vejo em minha terra  
Prefeitura sem prefeito.

# O RETRATO DO SERTÃO

Se o poeta marinheiro  
Canta as belezas do mar,  
Como poeta roceiro  
Quero o meu sertão cantar  
Com respeito e com carinho.

Meu abrigo, meu cantinho,  
Onde viveram meus pais.  
O mais puro amor dedico  
Ao meu sertão caro e rico  
De belezas naturais.

Meu sertão das vaquejadas,  
Das festas de apartação,  
Das alegres luaradas,  
Das debulhas de feijão,  
Das danças de São Gonçalo,  
Das corridas de cavalo  
Das caçadas de tatu,  
Onde o caboclo desperta  
Conhecendo a hora certa  
Pelo canto do nambu.

É diferente da praça  
A vida no meu sertão;  
Tem graça, tem muita graça  
Uma noite de São João.  
No clarão de uma fogueira,  
Tudo dança a noite inteira  
No mais alegre pagode,  
E um caboclo bronzeado  
Num tamborete sentado  
Tocando no pé de bode.

Os que não querem dançar  
Divertem com adivinha,

Outros, brincam a soltar  
Foguete, traque e chuvinha.  
A mulher quer ser comadre  
E o homem quer ser compadre,  
Um ao outro dando a mão.  
Assim, o festejo cresce  
E o sertão todo estremece  
Dando viva a São João.

Se, por capricho da sorte,  
Eu sertanejo nasci,  
Até chegar minha morte

Eu hei de viver aqui,  
Sempre humilde e paciente  
Vendo, do meu sol ardente  
E da lua prateada,  
Os belos encantos seus  
E escutando a voz de Deus  
No canto da passarada.

Aqui, do mundo afastado,  
Acostumei-me a viver,  
Já nasci predestinado,  
Sabendo amar e sofrer.  
Neste meu sertão bravio,  
Nas belas tardes de estio,  
Da chapada ao tabuleiro,  
Eu louvo, adoro e bendigo  
O ladrar do cão amigo  
E o aboiar do vaqueiro.

Se a clara noite aparece,  
Temos a mesma beleza.  
Tudo é riso, paz e prece,  
E a festa da natureza  
Seu compasso continua.  
A noturna mãe-da-lua  
Solta o seu canto agoureiro,  
Sua funérea risada,

Vendo a filha imaculada  
Brilhando o sertão inteiro.

Que prazer! que grande gozo,  
Que bela e doce emoção,  
Ouvir o canto saudoso  
Do galo do meu sertão,  
Da risonha madrugada  
De uma noite enluarada!  
A gente sente um desejo,  
Um desejo de rezar  
E nesta prece jurar  
Que Jesus foi sertanejo.

Meu sertão, meu doce ninho,  
De tanta beleza rude,  
Eu conheço o teu carinho,  
Teu amor, tua virtude.  
Eu choro triste, com pena,  
Ao ver a tua morena  
Sem letra e sem instrução,  
Boa, meiga, alegre e terna  
Torcendo um fuso na perna,  
Fiando o branco algodão.  
Cantei sempre e hei de cantar  
O que o meu coração sente,  
Para mais compartilhar  
Do sofrer de minha gente.  
Com as rimas de meu canto  
Quero enxugar o meu pranto,  
Vivendo na soledade  
Com esta gente querida,  
Modesta e destituída  
De orgulho, inveja e vaidade.

Esta gente boa e forte  
Para enfrentar consequência,  
Que zomba da própria sorte  
Com dobrada paciência,

Que trabalha e não se cansa,  
Porque a sua esperança  
É sempre a safra vindoura;  
O sonho do sertanejo,  
Seu castelo e seu desejo  
É sempre o inverno e a lavoura.

Desta gente eu vivo perto,  
Sou sertanejo da gema  
O sertão é o livro aberto  
Onde lemos o poema  
Da mais rica inspiração.  
Vivo dentro do sertão  
E o sertão dentro de mim,  
Adoro as suas belezas  
Que valem mais que as riquezas  
Dos reinados de Aladim.

Porém, se ele é um portento  
De riso, graça e primor,  
Tem também seu sofrimento,  
Sua mágoa e sua dor.  
Esta gleba hospitaleira,  
Onde a fada feiticeira  
Depositou seu condão,  
É também um grande abismo  
Do triste analfabetismo,  
Por falta de proteção.

Sou sertanejo e me orgulho  
Por conhecer o sertão  
Durmo na rede e me embrulho  
Com um lençol de algodão.  
De alpercata de rabicho  
Penetro no carrapicho,  
Sofrendo a vida penosa  
Do trabalho do roçado  
E por isso sou chamado  
Poeta de mão calosa.

Da mais cruel desventura  
Conheço o amargo sabor,  
Pois vivo da agricultura,  
Sou poeta agricultor.  
Eu sei com toda certeza  
Como é que vive a pobreza.  
Do sertão do Ceará,  
A sua manutenção  
É almoço de feijão  
E a janta de mugunzá.

Sou sertanejo e conheço  
Meu sertão em carne e osso,  
Trabalho muito e padeço  
Com a canga no pescoço,  
E trago no pensamento  
Meu irmão do sofrimento  
Que, no duro padecer,  
Levando o peso da cruz,  
É quem trabalha e produz  
Para a cidade comer.  
Eu não ignoro nada  
Deste sertão sofredor  
Que puxa o cabo da enxada  
Sem arado e sem trator.  
Pobre sertão esquecido  
Que já está desiludido  
E não acredita mais  
Nas promessas e nos tratos  
E juras de candidatos  
Nas festas eleitorais.

Meu sertão da sariema,  
Sertão queimado do sol,  
Que não conhece cinema,  
Teatro, nem futebol,  
Sertão de doença e fome  
Onde o pobre assina o nome

Com uma pena na mão,  
Para, enganado e inocente,  
Dar um voto inconsciente  
Quando é tempo de eleição.

Este sertão que persiste  
Soltando os mesmos gemidos  
É qual purgatório triste  
Das almas dos desvalidos.  
Ele não tem providência  
De remédio ou de assistência  
Pra sua gente roceira,  
Dentro do mais pobre quarto  
A mulher morre de parto  
Nos braços da cachimbeira.



## O BANCO DO CHICO ROSADO

Tudo quanto é peste e praga,  
Sempre acompanha o poeta,  
Sua desgraça é completa,  
Sua luz sempre se apaga.  
Antônio T. de Gonzaga  
Foi preso e foi exilado,  
Camões morreu desprezado  
E eu vivo doente e manco  
Porque sentei-me no banco  
Do senhor Chico Rosado.

Eu muito me prejudico  
Com o pequenino assento,  
Sofri o maior tormento  
Sobre o banquinho do Chico;  
Triste e desgostoso fico  
Pensando em meu padecer  
E ele, pra se defender,  
É um sujeito ladino,  
Tem um banco pequenino  
Que bota o povo a correr.

A casa que o Chico habita,  
Bem pouca gente frequenta  
Porque nela se apresenta  
Uma sentença maldita:  
Quando ele quer que a visita  
Tenha bem pouca demora  
Traz o banquinho pra fora,  
No mesmo o pobre se senta,  
Peleja, mas não aguenta,  
Dá adeus e vai embora.

A minha terra adorada  
Tem gente pra tudo e sobra

Cabra de gênio de cobra  
Que topa toda parada,  
Não se importa com zoadas  
E nem tem medo de azar,  
No momento de brigar  
Faz barulho e faz fuxico,  
Porém, o banco do Chico  
Não há quem queira alisar.

## MAIÓ DECEPÇÃO

Seu moço, que é viajante,  
Conhece o sertão e a praça,  
Deve conhecê bastante  
O que é bondade e desgraça.  
Sei que o Senhô teve estudo,  
Conhece um pôco de tudo,  
Pois munta coisa aprendeu,  
Quêra escutá com tenção  
A maió decepção  
Que comigo aconteceu.

O meu nome é Malaquia,  
Sou honrado, honesto e sero,  
Sou o maió da freguesia  
Na bondade e no critero.  
Seu moço, eu sou tão isato  
Que, quando faço o meu trato,  
Só chego inriba da hora,  
Tanto que, por causa disto,  
Não dou valô a registo,  
Ricibo nem promissóra.

Meus papé resorvo tudo,  
Mas divido eu sê assim,  
Já levei munto canudo,  
Jurgando os ôtro por mim.  
Daqui a três légua e meia,  
Fica a cidade de Areia,  
Que é sede municipá.  
Foi lá que passei, patrão,  
A maió decepção  
Que a gente pode passá.

Chegou ali um sujeito,  
Há seis ou sete ano atrás,

Sem vergonha, sem respeito,  
Ladrão, cabreiro e sagaz,  
Chamado Mané José.  
Tinha a fala de muié,  
Que fazia aborrecê.  
A fala do tal gaiato  
Era o miado de um gato,  
Quando pede dicumê.

Lá na cidade, o sujeito  
Vevia meio introsado  
Com escrivão e prefeito,  
Com juiz e delegado.  
E o cara lisa, sabido,  
Aduladô, inxirido,  
Divido alguém lhe informá,  
Ficou sabendo que eu era  
Uma pessoa sincera  
E entendeu de me robá.

Eu tava, uma menhãzinha,  
Mas Raqué, minha muié,  
Lá no fugão da cozinha,  
Tomando o nosso café,  
Quando uvi uma voz fina,  
Parecendo uma buzina:  
“Ô de casa! Ô de casa!”  
Seu moço, eu naquela hora,  
Saí de dentro pra fora,  
Pisando inriba de brasa.

E aquele marmanjo horrendo,  
Da cara de intipatia,  
Quando me viu, foi dizendo:  
“Como vai, seu Malaquia?”  
Não lhe conheço de vista,  
Porém, a gente benquista  
Já me deu informação:  
Na cidade, me dissero

Que o senhô é o mais sincero  
Dos home deste sertão.  
Sabendo desta verdade,  
Fiquei munto satisfeito,  
Eu gosto da honestidade,  
Pois sou deste mesmo jeito.  
Pra sê pontuá e honrado,  
Eu já nasci inducado  
E, mesmo sem tê estudo,  
A minha fala segura  
Tem o valô da iscritura,  
Com selo, carimbo e tudo.

Se qué sabê se é ou não,  
Vá preguntá na cidade.  
Lá, eu tenho relação  
Com todas oturidade.  
E é por isso que hoje venho  
Aqui, com bastante impenho,  
Falá com seu Malaquia,  
Pra me imprestá um dinhêro,  
Quatrocento mil cruzêro,  
A juro, por quinze dia.

Pode crê neste meu dito,  
O meu trato é tiro e queda,  
Pra fazê papé bonito,  
Pôca gente me arremeda;  
É tanto que eu sou um sóço  
De uma casa de negoço  
Que tem lá na capitá  
E ganho mais um salaro,  
Pruquê sou foncionáro  
Do gunvêrno estaduá.

Nunca a ninguém inganei,  
Provo e faço um juramento  
E, mesmo fora da lei,  
Eu lhe pago a dez por cento,

O lucro não esperdice,  
Pois gente boa me disse  
Que o dinhêro o sinhô tem,  
Não injeite o risurtado,  
Pruquê dinhêro guardado  
Nunca deu lucro a ninguém.

Seu moço, eu sou verdadêro,  
É certo o que tou dizendo.”  
Eu intreguei o dinhêro  
Com as duas mão tremendo  
E ele, quando recebeu,  
Fingindo me respondeu,  
Dizendo: “Seu Malaquia,  
Os pé que veio buscá,  
Os mêrmo vêm lhe pagá,  
Quando interá quinze dia”.

Na hora que foi saindo  
O cabra Mané José,  
Desconfiança sentindo,  
A minha esposa Raqué,  
Pra ele não precebê,  
Veio logo me dizê,  
Baixinho, com a voz fraca,  
Como quem faz um cuchicho:  
“Malaquia, aquele bicho  
Tarvez te passe na maca!”

O que a muié me dizia  
Foi dito e feito, patrão!  
Quando interou quinze dia,  
O cabra não chegou, não,  
Desonrou o trato que fez  
E eu fui atrás do freguez,  
Daquele peste ladrão.  
Era mió não tê ido,  
Pruquê não tinha sofrido  
A maió decepção.

Andei atrás do imbruião,  
Rua arriba, rua abaxo  
Dizendo com os meu botão:  
“Miserave, eu hoje te acho!”  
Já tava perdendo a fé,  
Quando vi Mané José  
Na sala de um botequim,  
Numa banca de bebida,  
Com sua cara lambida  
E o jeito de muié ruim.

Quando eu vi Mané José,  
Foi me esquentando as urêia,  
Da cabeça até nos pé,  
Fugiu-me o sangue das vêia  
E eu disse: “Seu voz de gato!  
Você quebrou nosso trato,  
Vagabundo sem futuro!  
Me diga se já tá pronto  
Os meus quatrocento conto,  
Que você tomou, a juro!”

E o cabra me respondeu:  
“Tá doido, seu Malaquia?  
Juro por Nosso Senhor  
Não lhe devo esta quantia.  
E, depois de risingá,  
Negá, negá e negá,  
Dizendo que não devia,  
Me chamou, na mesma hora,  
Pra eu contá minha história,  
Dentro da delegacia.

Depois daquele chamado,  
Eu tive grande alegria,  
Pruquê o senhor delegado,  
Há tempo, me conhecia,  
Mas lá na repartição,  
Ele não me deu tenção,

Do meu dito não deu fé,  
Fez um papé muito preto,  
Puxando brasa pro espeto  
Do cabra Mané José.

Eu disse: seu delegado,  
Seu Mané José, um dia,  
Chegou alegre e vexado,  
Lá na minha moradia,  
E eu lhe emprestei um dinhêro,  
Quatrocento mil cruzêro,  
Toda minha inconomia.



O trato já se findou  
E hoje aqui ele jurou  
Que não deve esta quantia.

Pra juntá este dinhêro,  
Que tem seu Mané José,  
Eu passei um ano intêro  
Mais Raqué, minha muié,  
Trabaiando todo dia  
E fazendo inconomia,  
Com o maió sofrimento.  
Com aquele capitá  
O meu prano era comprá  
Meia duza de jumento.

Sei que o senhô delegado  
Conhece bem o meu tipo,  
Eu sou munto acreditado,  
Dentro deste municipio,  
Nunca fiz um papé ruim.  
E ele respondeu pra mim:  
“— Para provar a verdade,  
Sem testemunha não presta,  
Isto de palavra honesta  
Foi coisa da antiguidade”.

Ali, o cabra safado  
Falou com estupidez:  
“— Munto bem, seu delegado,  
Gostei do seu português,  
E o senhô, seu Malaquia,  
Me cobrando esta quantia,  
Tá manchando o meu conceito,  
É um grande atrevimento;  
Se quisé comprá jumento,  
Vá precurá ôtro jeito.

Eu nunca dei prejuízo,  
Sou um cidadão de bem

E pra vivê não preciso  
De dinheiro de ninguém.  
A sua falsa cobrança  
Prova a sua inguinorância,  
É um caso de prisão.  
Eu devia processá  
Porém, vou lhe perdoá,  
Eu tenho um bom coração”.

Sou moço, basta que eu toque  
Nisto que tou lhe falando  
Pra muié senti um choque.  
Ói Raqué, ali, chorando!  
“Não chore não, Raquézinha!  
Vá lá pra sua cozinha  
Se esqueça daquela praga,  
Daquela infeliz desgraça.  
Destá, que a sua trapaça,  
Lá nos inferno ele paga!”

Meu senhô, vou lhe pedi  
Não me chame inguinorante,  
Mas, por favô, quêra uvi,  
A história inda vai adiante,  
Pois o nosso ingrato mundo  
Cria certos vagabundo  
Da mais baxa natureza:  
O senhô inda não viu  
Até em que grau subiu  
Aquela sem-vergonheza.

Depois que o Diabo tramou  
Aquela feia injustiça,  
Lá da cidade azulou,  
Sem mais ninguém tê notiça.  
E o tempo foi se passando  
E foi gastando, gastando  
Aquela negra impressão  
Que eu tinha do condenado,

Eu já tava miorado  
Da minha decepção.

Porém, o prope inocente  
Não tem sossêgo compreto,  
O Diabo, com seus argente,  
Não dêxa ninguém tá queto.  
Eu, certa vez, resorvi  
E um dia saí daqui,  
Fui batê na capitá;  
Não fui visitá parente,  
Fui à capitá, somente,  
Vê as beleza do má.

Pois, mesmo sem tê estudo  
Sei que o má de tudo tem:  
Ele é brando, ele é sisudo  
E tanto vai como vem,  
Tem de tudo uma parcela;  
É das beleza mais bela  
Das obra do Criadô.  
O má representa briga,  
Prazê, tristeza, cantiga,

Gemido, sodade e amô.  
Eu fui, com grande alegria,  
Vê as beleza do má.  
E naquele mêmro dia  
Que cheguei na capitá,  
Indo armunçá num hoté,  
Lá eu vi Mané José  
Trabaiando de garçon.  
Naquela hora, seu moço,  
Eu senti tanto sobroço,  
Que a fala mudou de tom.

Eu tinha pedido um prato,  
Quando avistei o bandido.  
Pensei que aquele gaiato  
Não tinha me conhecido,

Mas tive sorte mesquinha.  
Eu ainda bem não tinha  
Nem começado a comê  
Meu prato de refeição,  
A cuié caiu da mão,  
Quando uvi ele dizê:

“Como vai, seu Malaquia?  
Se o senhô qué se hospedá,  
Vai tê toda garantia,  
Este é o hoté populá,  
Onde a honestidade mora.  
Tem de tudo, a toda hora,  
É esta a pensão que agrada  
A todo e quarqué freguez  
E o quarto número 6  
Tem cama desocupada”.

Sinti medonha surpresa,  
Fiquei danado da vida,  
Fastei pro meio da mesa  
O meu prato de comida,  
Fiz depressa o pagamento  
E, nesse mesmo momento,  
Sem uma palavra dá,  
Saí pra rua apressado,  
Como quem tinha escutado  
A mãe do Diabo rinchá.

Fiquei todo deferente,  
Fiquei leso, fiquei tonto.  
Veio logo em minha mente  
Os meus quatrocento conto,  
Que aquele cão deu sumiço.  
Como a dô de um panariço,  
Que se espreme o carnegão,  
O meu coração doeu  
E, de novo, apareceu  
A minha decepção.

E hoje até mêrmo drumindo,  
Vejo, quando tou sonhando,  
O Mané José mentindo  
E o delegado apoiando.  
Ôtras vez, mesmo acordado,  
Fico meio amalucado,  
Pruquê escuto, argum dia,  
A voz daquele atrivido  
Zuando nos meus uvido:  
“Como vai, seu Malaquia?!”

## AS PROEZAS DE SABINA

Derne o Sú até o Norte  
O mundo cria de tudo,  
Cabra fraco e cabra forte,  
Um alegre, outro sisudo.  
Diz o professô Raimundo  
Que este nosso véio mundo  
De tudo pissui com sobra,  
Coisa bela e coisa feia,  
Home do geno de uvêia,  
Muié do geno de cobra.

A vida não vale nada,  
Tudo veve a pelejá  
E o mundo é uma charada  
Custosa de decifrá.  
Mas, como quarqué sujeito  
Qué tê razão e dereito,  
Dá notiça e discrimina  
As coisa deste universo,  
Eu vou contá nestes verso  
As proeza de Sabina.

Sabina é muié direita,  
Munta honestidade tem,  
Não apoia nem aceita  
Brincadêra com ninguém.  
É dessas muié valente,  
Atrevida e renitente,  
Que, quando pega a falá,  
Nem o Satanás resiste.  
E ainda hoje ela insiste  
Neste Brasi de Cabrá.

Ela nasceu num pranêta  
Afobado e revortado,

Não se assombra com careta  
Nem tem medo de barbado.  
Pensando nesta senhora,  
Vem logo em minha mimora  
O que diz certo cantô  
Nos seus verso nordestino:  
“Paraíba masculino,  
Muié macho, sim sinhô!”

Há munta gente hoje em dia  
Que conhece bem Sabina,  
Viu suas istripulias  
No tempo que era minina,  
Pois era munto sapeca,  
Ispatifava as boneca

Que lhe davam de presente  
E das colega de escola,  
Rasgava livro e sacola:  
Sabina não era gente!

Sua mãe munto bondosa,  
Com razão lhe castigava,  
Mas porém, ela raivosa,  
Pelo chão isperneava.  
Demenhãzinha bem cedo,  
O seu premêro brinquedo  
Era matratá os gato;  
Era raivosa e atrevida.  
Toda hora de comida,  
Sabina quebrava um prato.

Ficou moça munto bela,  
Era um anjo, era um tesôro,  
Mas nunca ninguém viu ela  
Com históra de namôro.  
Nunca foi apaxonada,  
Foi sempre bem respeitada  
Por todo povo dali.  
Era moça munto sera,

Não gostava de pilera  
De mongofa e qui-qui-qui.

Tinha boa qualidade  
Aquela linda minina  
E os rapaz tinha vontade  
De namorá com Sabina,  
Mas quando os óio piscava,  
A moça se retirava  
E não dava confiança.  
Era sisuda e sagaz.  
Por isso, muntos rapaz  
Já tava sem esperança.

Havia um rapaz peitudo,  
Por nome de João Pompeu.  
Sabia daquilo tudo,  
Porém nunca esmoreceu.  
Era amoroso e vaidoso,  
Desses rapaz corajoso,  
Que pra casá não magina,  
Infrentá quarqué derrota  
E andava perdendo as bota  
Pra se casá com Sabina.

João Pompeu sempre dizia:  
Quem percisa é quem percura,  
Até que ele, certo dia,  
Pra cuiê uma madura  
Foi uma verde botá.  
E mesmo sem namorá,  
Sua sorte resorveu.  
Com Sabina se incrontando,  
Foi logo lhe perguntando:  
Você qué casá cum eu?

Ela uviu e foi dizendo:  
Lhe dou a minha promessa,  
Mas porém, fique sabendo:  
Nós tem que casá depressa,



Pois você não continua  
Na minha casa e na sua  
Se virando em lançadêra.  
Veja que o nosso noivado  
Não é pra ficá guardado  
Como carne em geladêra.

E cada quá o mais ligêro,  
Foi resorvê o seu prano.  
Era aquele desespero:  
Compra pano e cose pano,  
Um corria e ôtro corria.  
Com menos de cinco dia,  
Tava pronto os inxová  
E o casamento se deu.  
Sabina com João Pompeu  
Se casou sem namorá.

Era um casá bem unido,  
Valia a pena se vê.  
Entre muié e marido  
Não havia fuzuê.  
Aquelas duas pessoa  
Tinha uma vida tão boa  
Que fazia inveja a tudo.  
Os dois contente vivia,  
Eles junto parecia  
Duas alma num canudo.

Porém, o tá Luçufé  
Nunca se aqueta nem drome,  
Veve atentando as muié,  
Mode briga com os home.  
Muntas vez, a gente vê  
A paz, o gozo e o prazê  
De duas pessoa unida,  
Mas logo depois o Diabo  
Vem bardiá com o rabo  
As água do má da vida.

João Pompeu era querido,  
Todos lhe tinha amizade.  
Foi sempre bem recebido  
Na boa sociedade.  
Gostava de passeá  
E umas bicada tomá  
Com as pessoa granfina,  
Mas tinha pôca demora:  
Toda noite às nove hora  
Tava perto de Sabina.

Onde os amigo chamava  
João Pompeu aparecia.  
Sabina não se importava,  
Mas lhe disse, um certo dia:  
João, você nunca se esqueça,  
Sempre cedo me apareça,  
Pois você já me compreende,  
Tome as suas cachacinha,  
Mas não vá saí da linha,  
Se não você se arrepende.

Este consêio eu lhe dou,  
Pra você tomá cuidado,  
Pois já conhece quem sou,  
Não se casou inganado.  
Oiça bem o que lhe digo,  
Ande com os seus amigo,  
Pode fazê o seu gasto  
Nos botequim, por aí,  
Mas nunca me chegue aqui  
Fazendo de um pé dois rasto.

Dizia ela, zangada:  
É bom tomá meu consêio.  
João não lhe respondeu nada,  
Mas ficou munto vremêio  
Uvindo aquelas razão  
E disse com seus botão:

O diabo desta muié  
Tá fazendo eu ficá ruim,  
Hoje eu vou ao botequim  
E vorto quando eu quisé.

Na noite do mêrmo dia,  
João Pompeu foi para o bá,  
Pois bebendo ele queria  
De Sabina se vingá.  
Não tava de brincadêra,  
Se sentou numa cadêra  
Calado e munto sisudo,  
Com jeito de quem se vinga.  
Uísque, cerveja e pinga,  
Ele ia inrolando tudo.

A noite tava incelente  
E a palesta ia crescendo  
E João Pompeu rinitente  
Sempre bebendo e dizendo:  
Quanto eu pra casa vortá,  
Se a minha muié brigá  
E me recebê com grito,  
Mostrando seu geno mau,  
Lhe mostro com quantos pau  
A gente faz um cambito.

Inquanto aquele pateta  
Chingava a sua muié,  
Em casa, Sabina, inquieta,  
Tava como cascavé  
Na hora que perde o bote,  
Já preparando o chicote  
Pra no marido batê.  
Ia dentro e vinha fora,  
Pois já era nove hora  
E João sem aparecê.

A Sabina ia à cozinha  
E andava nos corredô,

Como franga de galinha  
Caçando canto pra pô.  
E já bem de madrugada,  
Interrogava, zangada:  
O que diabo aconteceu?  
Como a onça da mão torta,  
Roncava no pé da porta,  
Esperando João Pompeu.

Naquela noite, o coitado  
Tava capaz de reboque,  
Vortou munto embriagado,  
Cacundo como um badoque.  
Não podia se aprumá,  
Tremia pra lá e pra cá  
Que nem pano de bandêra,  
As perna vinha trocada  
Como birro de munfada  
Nas mão da muié rendêra.

Tava o pobre João Pompeu  
Sem entrada e sem saída,  
O seu corpo esmoreceu  
Com o peso da bebida,  
O pobre cambaliava,  
Não sabia onde pisava,  
Ia inriba e vinha imbaxo.  
Assim mêrmo entrou na sala  
E disse, tremendo a fala:  
Sabina, eu sou cabra-macho.

Sabina agarrou o marido,  
Sem dó e sem compaxão,  
Deu um soco desmedido,  
Bateu com ele no chão,  
Incarou o pé no cangote  
E foi descendo o chicote:  
Pegue! Pegue! Pegue! Pegue!  
Pra conhecê quem sou eu.

Bateu tanto em João Pompeu,  
Como se bate num jegue!

E depois de tê surrado,  
Mode mostrá sua fama,  
Saiu com o desgraçado,  
Jogou inriba da cama  
E ainda ficou raiando,  
Pilerando e zombando,  
Dizendo com ameaça:  
Esta pisa extravagante  
É pra você, de hoje em diante,  
Aprendê tomá cachaça.

Na tarde do mêmro dia,  
João inda tava deitado.  
Se levantá não queria,  
Pruquê tava incabulado.  
Sabina vendo a demora,  
Disse: se levante agora,  
Pois você não tá doente,  
Não quero marido assim,  
Se levante, cabra ruim,  
banhe o rosto, escove os dente.

Choroso e desconfiado  
Se levantou João Pompeu,  
Com o corpo incalombado  
Da surra que a muié deu.  
Em silêncio e paciente,  
Banhô rosto, escovou dente,  
Como Sabina mandou.  
Sua vergonha era tanta,  
Que o pobre só quis a janta,  
Porque Sabina obrigou.

Depois daquela questão,  
João mudou a sua vida,  
Não foi mais à diversão  
Nem qué sabê de bebida.

Na sua vida privada,  
Pra não vê seus camarada,  
Munta vez vai escondido.  
É tão grande a sua mágua  
Que quando qué bebê água  
Não bebe em copo de vrido.

Ficou bastante inzemprado  
E a diciprina foi tanta,  
Qui mêrmo tanto infadado,  
Meia-noite se levanta  
Pra inganá seus minino.  
Ficou um marido fino,  
Sabe em casa trabaiá.  
Barre casa e faz café,  
Pra ele virá muié  
Só farta dá de mamá.

## MINHA VIOLA

Minha viola querida,  
Certa vez, na minha vida,  
De alma triste e dolorida  
Resolvi te abandonar.  
Porém, sem as notas belas  
De tuas cordas singelas,  
Vi meu fardo de mazelas  
Cada vez mais aumentar.

Vaguei sem achar encosto,  
Correu-me o pranto no rosto,  
O pesadelo, o desgosto,  
E outros martírios sem fim  
Me faziam, com surpresa,  
Ingratidão, aspereza,  
E o fantasma da tristeza  
Chorava junto de mim.

Voltei despercebido,  
Sem ilusão, sem sentido,  
Humilhado e arrependido,  
Para te pedir perdão,  
Pois tu és a joia santa  
Que me prende, que me encanta  
E aplaca a dor que quebranta  
O trovador do sertão.  
Se, às vezes, fico tristonho,

Vendo desfeito o meu sonho,  
Contigo ao peito, componho  
A minha poesia rude.  
Tocando corda por corda,  
O meu coração acorda  
E apaixonado recorda  
Os dias da juventude.

Num abraço doce e amigo,  
Quero estar sempre contigo.  
Se nós não temos abrigo,  
Palácio nem bangalô,  
Temos, com grande franqueza,  
Misteriosa grandeza,  
Incomparável riqueza,  
Que a natureza criou.

Se nós vivemos por fora  
Das coisas que o mundo adora,  
Da grande ambição que explora  
Ouro, prata e posição,  
Temos, em nosso caminho,  
Da mansa brisa o carinho  
E de cada passarinho  
A mais sonora canção.

Sei que, com tua harmonia,  
Não componho a fantasia  
Da profunda poesia  
Do poeta literato,  
Porém, o verso na mente  
Me brota constantemente,  
Como as águas da nascente  
Do pé da serra do Crato.

Viola, minha viola,  
Minha verdadeira escola,  
Que me ensina e me consola,  
Neste mundo de meu Deus.  
Se és a estrela do meu norte,  
E o prazer da minha sorte,  
Na hora da minha morte,  
Como será nosso adeus?

Meu predileto instrumento,  
Será grande o sofrimento,  
Quando chegar o momento  
De tudo se esvaicer,



Inspiração, verso e rima.  
Irei viver lá em cima,  
Tu ficas com tua prima,  
Cá na terra, a padecer.

Porém, se na eternidade,  
A gente tem liberdade  
De também sentir saudade,  
Será grande a minha dor,  
Por saber que, nesta vida,  
Minha viola querida  
Há de passar constrangida  
Às mãos de outro cantor.

# HISTÓRIA DE UMA CRUZ

Papai, conte a história daquela cruzinha  
tão triste, sozinha,  
no pé da ladêra,  
com seus braços abertos, chorosa, coitada!  
na bêra da istrada,  
qui vai pra rebêra.

Me conte o motivo daquilo que vejo,  
me faça o desejo,  
me faça a vontade.  
Pois lá tenho visto muié saluçando  
e a cruz infeitando  
de reza e sodade.

Papai me arreponda! Me conte, me diga  
se a história é intriga,  
o qui foi qui se deu?  
Eu vendo a cruzinha, sinto uma cansêra,  
no pé da ladêra,  
quem foi qui morreu?

– Se é tu nesta vida que mais eu confio,  
iscuta, meu fio,  
meu fio querido.

Que, imbora eu sintindo uma dô no meu peito,  
eu vou com respeito  
fazê teu pidido.

Aquela cruzinha, na bêra da istrada,  
qui veve infeitada  
cum tanta fulô...  
aponta o passado, de um crime de ispanto,  
de luto e de pranto,  
de raiva e de horrô.

A mão da desgraça só pranta veneno

naquele terreno,  
cum feia treição,  
ainda no tempo qui eu era minino,  
um monstro assarsino  
matou Zé Môrão.

O monstro assarsino era um rico patrão.  
E o pobre Môrão  
era seu moradô.  
Morreu de desgraça, naquele diserto,  
e agora tá perto  
de Nosso Sinhô.

Ele era sorterô, rapaiz ainda novo  
quirido do povo  
do nosso sertão.  
Repare o motivo da grande caipora  
e veja na históra  
quem tinha razão.

Um ano ele tinha uma roça tão boa  
qui alguma pessoa  
dizia a brincar:  
– Quem vê esta roça depressa conhece  
qui o dono parece  
qui vai se casá.

Na roça bonita feirão bagiava,  
o mio já tava  
criando caroço.  
E o rico, soberbo, mandou seu criado  
botá todo gado  
na roça do moço.

Môrão, com aquilo, ficô cum desgosto  
e munto disposto  
saiu sem demora.

Abriu a portêra, correu apressado,  
tangeu todo gado  
da roça pra fora.

Foi logo falá sobre aquela questão  
e dixe: Patrão,  
o sinhô tenha dó,  
num quêra fazê minha sorte misquinha,  
aquela rocinha  
custou meu suó.

Pur Nossa Senhora não bote o seu gado  
naquele roçado  
qui tanto custô.  
E o rico orguiôso, ficô gaguejando,  
ficô rismungando  
cum grande rancô.

Vortô sem resposta, o rapaz pensativo,  
pruquê sem motivo  
se achava o patrão.  
De cara inrusgada, danado, trumbudo,  
zangado, sisudo,  
formando questão.

A mãe do agregado, um nervoso sentia,  
e sempre dizia:  
– Meu fio quirido,  
saímo, qui o monstro já qué fazê guerra.  
Por causa da terra  
morreu meu marido.

Meu fio, esta noite, quando eu já durmia,  
sonhei qui nós ia  
sofrê prijuízo.  
E, perto da nossa chupana de páia,  
o rasga-mortáia  
passô dando aviso.

– Mamãe, eu não posso perdê meu trabaio,  
daqui eu num saio,  
daqui num me mudo.  
Saí sem distino... qui sorte essa nossa!  
dexando uma roça

repreta de tudo!

Razão ele tinha, cum toda certeza,  
fazia defesa  
do prope roçado.  
Porém da viúva, os consêio era certo,  
pois tava bem perto  
do mau resurtado.

Depois de dez dia, no pé da ladêra,  
fazendo trinchêra  
de um rompe-gibão,  
o Rico Orguioso, bandido, patife,  
de tiro de rife  
matô Zé Môrão.

O monstro foi preso, mas nada sofreu,  
arguém potregeu  
sua grande malícia,  
pois ele era rico. O maió fazendêro,  
cum munto dinhêro,  
logrô a justiça.

A pobre viúva, chorando, coitada,  
dizia maguada:

“Perdi meu incosto.”

De tanto pensá no seu fio defunto  
ficô sem assunto,  
morreu de desgosto.

Contei toda históra, da serra horrorosa,  
da morte assombrosa,  
de um moço de bem.

Repara, meu fio, quanto é disgraçado  
o pobre coitado  
qui terra não tem.

Meu fio quirido, tu óia pra cruz  
e pede a Jesus,  
o maió potretô,  
e à Vige Maria, rainha quirida,

pra nunca na vida  
tu sê moradô.

# VACA LAVANDEIRA

A inveja é rancorosa,  
Traidora, falsa e cruel.  
Transformou em um dragão  
O formoso anjo Lusbel.  
Caim, por causa da inveja,  
Matou seu irmão Abel.

Nunca mais vesti gibão,  
Nunca mais calcei perneira,  
Desde que a inveja roubou-me  
Um animal de primeira,  
Que era a joia do sertão,  
Minha vaca Lavandeira.

Fui vaqueiro, quinze anos,  
Nas fazendas do sertão,  
Carregado de família,  
Coberto de precisão.  
Toda sorte que eu tirava  
Ia vendendo ao patrão.

Ficou uma bezerrinha,  
Atacada de mangueira.  
O patrão não quis comprá-la,  
Tratei dela a vida inteira  
E botei na bezerrinha  
O nome de Lavandeira.

Lavandeira foi crescendo  
Com proteção milagrosa  
E, depois dela novilha,  
Tornou-se inda mais famosa,  
Era uma peça importante,  
Bonita, mansa e mimosa.

Lavrada de preto e branco,

Tendo bonita armação,  
Orelhas acabanadas  
E, na testa, um coração,  
A cauda muito comprida,  
Quase arrastando no chão.

Conhecia a minha voz,  
De admirável maneira,  
Que, na hora que eu chamava:  
Lavadeira! Lavadeira!  
Para lamber minhas mãos,  
Ela vinha na carreira.

O coronel da fazenda,  
Um ricaço interesseiro,  
Dizia: eu compro esta rês,  
Inda que custe dinheiro,  
Que a rês melhor da fazenda  
Não pode ser do vaqueiro.

E, certo dia, bem cedo,  
Em minha casa chegou,  
Com os modos diferentes,  
Do cavalo desmontou  
E num banco de aroeira,  
Ao meu lado se sentou.

E foi logo me dizendo:  
Eu venho aqui, seu Praxede,  
Porque fiz agora um plano,  
Do qual não há quem me arrede.  
Quem quer vai, quem não quer manda,  
Quem pode comprar não pede.

A novilha Lavadeira  
Quero que você me venda.  
Ela é bonita e famosa,  
Tem o valor de uma prenda.  
Só dá certo para mim,  
Que sou dono da fazenda.



Trocamos por outra vaca  
Ou compro a mesma a dinheiro.  
É preciso ter valor  
Meu nome de fazendeiro  
E a rês melhor da fazenda  
Não pode ser do vaqueiro.

Eu respondi: Coronel,  
Não vendo aquela novilha.  
Ela é a minha esperança,  
Que no meu futuro brilha,  
Criei aquela bichinha  
Como quem cria uma filha.

Quando ela era bezerrinha,  
Eu quis vendê-la, uma vez.  
Porém, devido à doença,  
O senhor conta não fêz;  
Já hoje não há dinheiro,  
Para comprar minha rês.

Depois que, desenganado,  
O coronel foi-se embora,  
Fiquei pensando comigo:  
Estou desgraçado agora,  
Todo objeto invejado  
Termina sendo caipora.

Passei dias e mais dias  
Bastante impressionado,  
Pois, no mundo, sempre foi  
Muito triste o resultado  
Do pobre pai de família,  
Que mora subordinado.

E, enquanto a minha impressão  
Aumentava, dia a dia,  
Sempre ouvindo certas coisas  
Que o fazendeiro dizia,  
A fama de Lavandeira,

De boca em boca corria.

Depois que ela deu bezerro,  
Causou admiração.

Vinte e dois litros de leite  
Dava sem comer ração  
Ainda mais aumentou  
A inveja do patrão.

Pois este, vendo que a rês  
Era famosa e leiteira,  
Ia sempre à minha casa,  
Com sua infernal cegueira,  
Pedindo que eu lhe vendesse  
Minha vaca Lavandeira.

Certa vez, ele me disse:  
Quero um negócio propor,  
Eu lhe dou por sua vaca  
Dois animais de valor,  
A minha vaca Bonina  
E um cavalo corredor.

Lhe respondi: Coronel,  
Eu resultado não vejo,  
Pois somente a minha vaca  
Satisfaz o meu desejo.  
Os meus filhos vivem fartos  
De leite, coalhada e queijo.

Agora veja, leitor,  
O que foi que aconteceu.  
O malvado ambicioso  
Tanto fez, tanto mexeu,  
Que, dentro de pouco tempo,  
A Lavandeira morreu.

A pobre amanheceu morta,  
Num dia de sexta-feira.  
Foi um dia de juízo,  
Quando morreu Lavandeira.

Dentro da minha choupana,  
Chorava a família inteira.

E eu vendo assim se acabar  
Meu recurso, meu tesouro,  
Cavei uma grande cova  
E sem estancar meu choro,  
Sepultei a minha vaca,  
Nem dela tirei o couro.

Cada um, triste, chorava  
Como quem se desengana.  
Leitor, veja o quanto a inveja  
É vil, traidora e tirana:  
Até o próprio bezerro  
Morreu, na mesma semana.

Saí daquela fazenda,  
Não voltei mais ao sertão,  
Pois o vaqueiro trabalha  
Para enriquecer o patrão,  
Este fica com o gado  
E aquele, sem proteção.

Na profissão de vaqueiro,  
Tive uma sorte mesquinha.  
A negra inveja roubou  
Uma esperança que eu tinha:  
Minha vaca Lavandeira,  
Que eu chamava e ela vinha.

Muitas vezes, ainda choro,  
Lembrando a tarde fagueira  
Que eu subia e me apoiava  
Sobre o mourão da porteira  
Dava um aboio e chamava  
Minha vaca Lavandeira.

E hoje, com minha família,  
Não sei onde irei parar.  
Tal qual o judeu errante,

Sem vaca pra comer leite,  
Vivo no mundo a vagar,  
Sem terra pra trabalhar.

## CABOCLO ROCEIRO

Caboclo roceiro das plagas do norte,  
Que vives sem sorte, sem terra e sem lar,  
A tua desdita é tristonho que canto,  
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,  
És rude, cativo, não tens liberdade.  
A roça é teu mundo e também tua escola,  
Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite, tu vives na tua palhoça,  
De dia, na roça, de enxada na mão,  
Julgando que Deus é um pai vingativo,  
Não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas,  
De dores e trevas, debaixo da cruz  
E as crises cortantes quais finas espadas,  
São penas mandadas por Nosso Jesus.

Tu és, nesta vida, um fiel penitente,  
Um pobre inocente no banco do réu.  
Caboclo, não guardes contigo esta crença,  
A tua sentença não parte do céu.

O Mestre Divino, que é Sábio Profundo,  
Não fez, neste mundo, o teu fado infeliz.  
As tuas desgraças, com tuas desordens,  
Não nascem das ordens do Eterno Juiz.

A lua te afaga sem ter empecilho,  
O sol o seu brilho jamais te negou,  
Porém, os ingratos, com ódio e com guerra,  
Tomaram-te a terra que Deus te entregou.

De noite, tu vives na tua palhoça,  
De dia, na roça, de enxada na mão.  
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,  
Tu és meu amigo, tu és meu irmão.

# O QUE É FOLCLORE?

Posso lhe afirmá também:  
Folclore é superstição,  
O medo que você tem  
Do canto do corujão.  
Folclore é aquele instrumento  
Para o seu divertimento  
Que chamamos berimbau;  
E também a brincadeira  
Ritmada e prazenteira  
Chamada Maneiro-Pau.

Folclore, meu camarada,  
Ouvimos a toda hora,  
É história de alma penada,  
De lobisome e caipora.  
Preste atenção e decore,  
Pois, com certeza, folclore  
Ainda posso dizer  
Que é aquele búzio de osso  
Que você põe no pescoço  
Do filho pra não morrer.

É o aboio magoado  
Do vaqueiro na amplidão.  
É o festejo animado  
Da debulha do feijão,  
Carro de boi e gaiola  
E desafio, à viola,  
Do cantador popular  
E também a toadinha  
Da Ciranda-Cirandinha  
Vamos todos cirandar.

Eu e você que vivemos  
No nosso pobre sertão

Muitas coisas inda temos  
Da popular tradição:  
Além de outras, o girau  
E a carrocinha de pau,  
Em vez de bonito carro.  
Que prazer, satisfação,  
A gente comer pirão  
Mexido em prato de barro!

E agora, prezado irmão,  
Estes versos lhe dedico.  
Lhe dei alguma noção  
Do nosso folclore rico.  
Não posso continuar,  
Pois nada pude estudar,  
De dentro do tema saio.  
O resto lhe dirá tudo  
Romão Filgueira Sampaio,  
Mainá e Câmara Cascudo.

De conservar o folclore  
Todos têm obrigação,  
Para que nunca descore  
A popular tradição.  
Os homens de grande estudo,  
Como Mainá e Cascudo,  
Guardam sempre nos arquivo  
Populares tradições,  
Cantigas, superstições  
E costumes primitivos.

Você, caboclo, que cresce,  
Sem instrução nem saber,  
Escuta, mas não conhece  
Folclore o que quer dizer:  
O folclore é um pilão,  
É um bodoque, um pião,  
Garanto que também é  
Uma grosseira cangalha,



Aparelhada de palha  
De palmeira ou catolé.

## O BODE DO SERAFIM

No nosso mundo a caipora  
Atrasa a todo vivente,  
Quem sempre viveu contente,  
Muitas vezes também chora,  
Isto ninguém ignora,  
Pois nosso mundo é assim,  
Tem o que é bom e o que é ruim.  
Para ninguém reprovar,  
Eu vou agora contar  
O que sofreu Serafim.

O Serafim, de quem falo,  
É marchante muito esperto,  
Tudo com ele dá certo  
Sem sofrer nenhum abalo,  
Pra montar burro e cavalo,  
Não há quem dê no seu fim,  
Por isso, Antônio Martim,  
Deu o seu burro Dourado  
Para ser domesticado  
Nas pernas do Serafim.

O marchante prazenteiro  
Ficou bastante obrigado  
E disse: o burro Dourado  
É árduo, forte e ligeiro,  
É muito passarinho,  
Muita gente derrubou,  
Porém, amansá-lo vou,  
A troco de espora e sola.  
Mas desta vez a pistola  
Pelo coice disparou.

Pra de carne sustentar  
A freguesia da zona,

Na casa de certa dona  
Foi ele um bode comprar,  
No Dourado, a galopar,  
Chegando no ponto exato,  
Disse, contente e sensato,  
Passando a mão no bigode:  
Dona, me venda o seu bode,  
Que seja caro ou barato.

Disse a mulher: – Muito bem!  
Podemos negociar,  
Porém preciso avisar,  
Pois não engano a ninguém:  
Grande falta o bode tem,  
Amarrado, ele não vai,  
Se enfeza, pinota, cai,  
E pelo chão se estrebucha,  
A gente na corda puxa  
E ele do canto não sai.

Serafim, com energia,  
Disse: eu levo este danado,  
Ele vai levar machado  
Amanhã cedo do dia,  
Toda minha freguesia.  
Já preparou a panela  
E ansiosa se acautela  
Por este bicho esperando;  
Ele não vai caminhando,  
Mas, vai na lua-da-sela.

No cabresto do Dourado  
Ele amarrou com cautela  
E pôs na lua-da-sela  
O bodão atravessado.  
Cada vez mais animado,  
Pensando em sua melhora,  
Deu um adeus à senhora,  
No terreiro da varanda,

O Dourado olhou de banda  
E saiu de estrada afora.

Ia o marchante, gaiato,  
Sem pensar no seu perigo,  
Alegre, a dizer consigo:  
Comprei o bode barato!  
Eu ganho uma banda e o fato  
Porém, ninguém se incomode,  
Só negocia quem pode,  
Ninguém tira os planos meus:  
Ô mulher tola, meu Deus,  
Pra não saber vender bode!

Eram sete horas e meia  
Da noite daquele dia  
E o coitado não sabia  
Se a coisa ia ficar feia,  
Porém o Diabo aperreia  
E vive a fazer motim.  
O marchante Serafim  
Desta vez quase se arrasa,  
Bem no terreiro da casa  
De seu Egídio Martim.

Assim que ele ali chegou  
Surgiu a sua caipora,  
Naquela apertada hora  
O Satanás se soltou,  
O bode se revoltou,  
Foi a maior confusão:  
Em grande aperreação,  
Achando o cômodo ruim,  
Dos braços do Serafim  
Deu um pinote no chão.

Contei o grande alvoroço  
Da noite mal-assombrada,  
O bodão com a puxada  
Machucou osso por osso.

Me contaram que o pescoço  
Do bode do Serafim,  
Era uma coisa sem fim,  
Devido aos socos danados,  
Deu quatro palmos puxados  
Da mão de Antônio Martim.

Foi assim que terminou  
Aquela cena de azar;  
Interessante é contar  
O burro como ficou,  
Depois que isso se passou,

O Dourado do Martim  
Não precisa de motim,  
Só basta um bode berrar  
Para o danado saltar  
E derrubar Serafim.

## QUADRINHAS

Esta ciência sem par  
De transplante, trouxe um meio,  
Que a pessoa pode amar  
Com o coração alheio.

Entre as mulheres cacei  
As que consolam quem chora,  
E as duas encontrei:  
Mamãe e Nossa Senhora.

Meu benzinho interesseiro  
Me deixou, sem piedade,  
Quando acabei meu dinheiro  
Se acabou nossa amizade.

A descoberta sem par,  
Que causaria receios,  
Seria o de adivinhar  
Os pensamentos alheios.

Não farei o teu desejo,  
Te dando versos, Maria,  
Pois, em teus olhos eu vejo  
Dois livros de poesia.

Desde o dia de tristeza,  
Quando te deixei na cova,  
Foi sepultada a beleza  
Dos versos de minha trova.

Que alguém morre por alguém,  
Sempre ouvi alguém dizer,  
Porém quando a morte vem  
Não há quem queira morrer.

A natura, por capricho,  
Te formou bem diferente:  
És gente virando bicho,

Ou bicho virando gente.

Quando, raivosa, te exaltas,  
Com grosseiras atitudes,  
Acusas as minhas faltas  
E esqueces minhas virtudes.

Me negaste o teu carinho  
E hoje eu vejo o resultado,  
É melhor andar sozinho  
Do que mal acompanhado.

Com três meninas, meu fado,  
É feliz, graças a Deus;  
Tu vives sempre ao meu lado  
E as duas dos olhos teus.

O quê, palavra mesquinha,  
Me surge, não sei por quê.  
Lá vão sete em uma linha:  
Que, que, que, que, que, que, que.

Se aquieta, não seja louca,  
Menina da saia curta,  
Além desta roupa pouca,  
Trepada no pé de murta!

Por uma casualidade,  
Ou um ato milagroso,  
Sai uma simples verdade  
Da boca do mentiroso.

Muito faz aborrecer  
A mulher que é linguaruda,  
Mas, não há quem queira ser  
Esposo de mulher muda.

Ser poeta é ter paixão,  
É sentir da dor o espinho,  
Ter tudo no coração  
E viver sempre sozinho.

Ao amor nasci propenso,

Só nele tenho pensado  
E tanto pensei, que penso  
Que dele fui dispensado.

A fogueira da vaidade  
Vive acesa noite e dia,  
Mas, da sua claridade,  
Todos voltam de alma fria.

Você, que passa grã-fina,  
Levando o ninho dos ninhos,  
Tenha cuidado, menina,  
Com estes dois passarinhos.

Segue o tempo o seu caminho,  
Um dia vai e outro vem,  
Roubando assim, de pouquinho  
A beleza de meu bem.

Casamento é um problema  
Muito duro de roer,  
A mulher prepara o tema  
Para o esposo resolver.

Quem mais bate é o coração,  
Pois bate antes de nascer  
E com a continuação,  
Vai batendo até morrer.

Moreninha, o meu desejo,  
Não é o que pensas tu,  
Pois eu te pedi um beijo  
E vens me dar um beiju!

A mulher também tem isca  
Da forma que o amor tem,  
Um belisca o outro belisca,  
Até que o mais tolo vem.



# NANÃ

É triste a flor que desabrocha sem carinho  
E sem carícia do sereno da manhã...  
Assim nasceu, lá no sertão, minha Nanã,  
Sem uma luz que iluminasse o seu caminho.

Com o pobre pai a morar num tosco ninho,  
A desventura foi a sua negra irmã,  
Enquanto a sorte protegia a cortesã,  
A desdita lhe dava um pão magro e mesquinho.

Depois veio a seca cruel e assoladora,  
Contra aquela linda florzinha encantadora  
E a coitada morreu, mirrada pela fome.

Hoje, um poeta chora triste esta saudade  
E as aves cantam a chamar na solidão:  
Nanã! Nanã! Nanã! seu doce e belo nome.

# MINHA IDADE E MINHA POESIA

*Ao amigo e colega Elói Telles*

Completei noventa anos  
É idade bem comum,  
Vou seguindo novos planos  
Para os meus noventa e um,  
Chegando aos noventa e dois  
Procuro logo depois  
O meu regime mudar,  
Mudarei de refeição  
Comendo feijão com pão  
Para a saúde aumentar.

Quando mudar de comida,  
Eu mudarei de atitude  
Vou levando minha vida  
Com poesia e saúde,  
Sem faltar inspiração  
Conhecendo com razão  
Que o mundo foi Deus quem fez  
E a vida não é sentença  
Com a divina licença  
Recito aos noventa e três.

Se a nossa vida é um drama  
E este mundo é um teatro,  
Conduzindo a mesma fama  
Recito aos noventa e quatro,  
Para mostrar o meu dom  
Como sou poeta bom,  
Com a poesia brinco  
E mesmo neste absurdo  
Cachingando, cego e surdo  
Recito aos noventa e cinco.

Canto a Terra e o Infinito

Neste simples português,  
Compondo verso bonito  
Recito aos noventa e seis,  
Cortando como gilete  
Passo por noventa e sete  
E vou aos noventa e oito,  
Não há quem me desaprove  
Que no meus noventa e nove  
Rimo afoito com biscoito.

Mas quando completar cem,  
Aí é dura a parada,  
Não dou bolas pra ninguém  
Nem quero saber de nada,  
Vou todo cheio de ruga  
Igualmente a tartaruga,  
Com o pensamento fraco  
Caducando lá num canto  
Rimando diabo com santo  
E careta com macaco.

Veja amigo esta verdade  
Cheia de filosofia,  
Isto aí é minha idade  
Com a minha poesia.

Responda com brevidade  
Dizendo se recebeu  
A nossa velha amizade  
Eu acho que não morreu.

## PAI LUIZ E O PREGUIÇOSO

Ninguém dirá ao contrário  
Do que estou dizendo aqui,  
Pai Luiz é imaginário  
Como a Caipora e o Saci,  
Pelo inverno ele parece,  
Aparece e permanece  
Bem sisudo e curioso  
Com o fim de se arrancar  
E ao mesmo tempo morar  
Na roça do preguiçoso.

O preguiçoso vadio  
Depois da roça plantada  
Abandona o seu plantio  
Sem nunca pegar na enxada,  
Pai Luiz chega e se apossa,  
Fica por dentro da roça  
Sem cansaço e sem fadiga,  
Pra ele é grande a vantagem,  
O feijão não vinga vagem  
E o milho não bota espiga.

Vai semana e vem semana  
E o preguiçoso a brincar,  
Jogando e bebendo cana  
Andando de bar em bar,  
Com pilhéria e com lambança  
Já não tem mais nem lembrança  
O preguiçoso gaiato  
Do plantio no abandono  
E Pai Luiz é o dono  
Da plantação e do mato.

Com seu jeito sisudo,  
Cumprindo a sua missão,

Fica por dentro de tudo,  
Do mato e da plantação  
E o vagabundo na rua  
Com a malandragem sua  
Vaidoso sempre vaidoso  
E Pai Luiz aproveita  
Para não haver colheita  
Na roça do preguiçoso.

# A LIGEIRA DO ãO

Ai, dão, dão,

Tem a ligeira do a,  
Tem a ligeira do ão,  
A do ão foi eu quem fiz,  
Ninguém que diga que não.

Ai, dão, dão,

A pior coisa do mundo  
Que causa admiração,  
É uma velha e uma moça  
Dizendo malcriação.

Ai, dão, dão,

Como Narcisa e Toinha  
Na beira do cacimbão,  
Quando uma dizia sim,  
A outra dizia não.

Ai, dão, dão,

Apontava com o dedo  
E batia o pé no chão,  
Pra ser um frango e um galo  
Só faltava o esporão.

Ai, dão, dão,

Saiu tanto nome feio  
Da caderneta do cão  
Que até minhas laranjeiras  
Ouvindo a esculhambação.

Ai, dão, dão,

Balançaram suas galhas  
Caiu laranja no chão  
Valha-me Nossa Senhora

Mãe de Deus da Conceição  
Ai dão, dão,  
Quando eu for ao Juazeiro  
Rezar a minha oração  
Vou trazer uma estátua  
Do Padre Cícero Romão.

Ai, dão, dão,  
E botar na minha baixa  
Pegado no seu bastão  
Para ver se essas mulheres  
Respeitam meu cacimbão.

Ai, dão, dão,  
Tenha de mim piedade  
Mulher do meu coração,  
Peço até por caridade  
eu não mereço isto não!

Ai, dão, dão.

## MORRER SEM MORRER DEVERAS

Do meu fúnebre caixão,  
Sem soluços nem gemidos,  
Eu subi para a Mansão  
Da Pátria dos Escolhidos,  
Alegre me receberam  
E uma festa promoveram,  
Eu fiquei muito feliz,  
Vivo a recordar ainda,  
Foi a viagem mais linda  
Que na minha vida eu fiz.

Disseram vendo o troféu  
Que a natureza me deu:  
Vamos ter festa no céu,  
O Patativa morreu!  
São Pedro Muito Sapeca  
Foi trazer sua rabeca  
E no arco passando breu,  
Cantou com voz compassiva:  
Viva, viva o Patativa,  
Ele é um colega meu.

Na recepção imensa  
De rabeca e cantoria,  
Chegou em nossa presença  
Castro Alves da Bahia,  
Com muita satisfação  
Apertou a minha mão  
E me disse com amor:  
Sei tudo que aconteceu,  
Lá na Terra onde viveu  
Foi poeta e professor.

Lá na Terra de Iracema  
Com a sua poesia,



Abordou o mesmo tema  
Que eu abordei na Bahia,  
Foi grande amigo do povo  
Preto, branco, velho e novo,  
Com sextilhas e sonetos  
E num esforço varonil  
Foi defensor do Brasil  
Dos pobres, brancos e pretos.

Com este mesmo ideal  
Eu cantei, cantei, cantei,  
Lá na Terra de Cabral  
O maior exemplo dei,  
Porém hoje eu vejo tudo,  
Quer tenha ou não tenha estudo,  
Ou de maneira qualquer,  
Naquele país distante  
Por mais que o poeta cante,  
Não alcança o que ele quer.

Com esta declaração  
A qual eu não conhecia  
Dei um aperto de mão  
No poeta da Bahia,  
Mas vi que tudo aquilo era  
O que chamamos quimera  
Ou ilusão do sentido,  
No sono fui bem-ditoso,  
Mas despertei desgostoso  
Porque não tinha morrido.

# LAGARTIXAS VERDINHAS PELO CHÃO

Um calango nas árvores trepou  
E ficou a vagar de copa em copa  
Qual vaidoso rapaz que tudo topa,  
Lagartixa do mesmo se agradou  
E com ele ao seu lado passeou  
Pelos matos frondosos do sertão,  
Surgiu logo uma nova produção  
Porque Deus desta forma permitiu  
E mais tarde na Terra a gente viu  
Lagartixas verdinhas pelo chão.

Esta história que eu conto aconteceu,  
Foi por isso que um tal naturalista  
Exibindo um papel de cientista  
De saber do segredo prometeu,  
Pelejou porém nada resolveu,  
A pesquisa do mestre foi em vão  
E depois que não teve solução,  
Ficou ele a dizer que não sabia  
Porque neste Brasil a gente via  
Lagartixas verdinhas pelo chão.

Veio um sábio chamado Faraó  
E depois que as florestas pesquisou,  
Ele viu bem de perto e retratou  
Um calango transando uma brobó,  
Disse o sábio consigo: Veja só  
Quanto pode o poder da criação,  
O famoso poeta tem razão,  
Tudo quanto ele diz o povo crê  
E a verdade é que agora a gente vê  
Lagartixas verdinhas pelo chão.

Vou voltar para o Egito satisfeito,

Desvendei o segredo emaranhado  
E ainda mesmo que fosse endiabrado  
Com a minha ciência eu dava jeito,  
Vou fazer uma placa com respeito  
E na mesma gravar uma inscrição  
Confirmando a verdade com razão,  
No Brasil Patativa e eu no Egito  
E bem no alto da placa eu deixo escrito:  
Lagartixas verdinhas pelo chão.

# UM MUNDO DESCONHECIDO

Um pássaro no seu encanto  
Tanta pena possuía  
Que ave nenhuma podia  
Ter pena daquele tanto,  
Quem tirasse um tanto ou quanto  
Ganharia o prêmio rei,  
Eu para lá me mandei  
Porém fui enganado,  
O pássaro estava pelado,  
Nenhuma pena encontrei.

Perguntei ao empregado  
Zelador daquela Arena,  
Onde é que está tanta pena  
Deste pássaro agigantado?  
Respondeu: ele é encantado,  
É segredo da magia,  
Seu peneiro todo dia  
Nasce e cresce e é retirado  
Para ser manipulado  
Dentro da feitiçaria.

Eu sou um gênio e vigio  
Esta enigmática Arena  
Com medo que alguma pena  
Caia nas mãos de um vadio,  
No seu jeito eu desconfio,  
Que é um grande roubador,  
Eu não sei como o senhor  
Se atreve a chegar aqui,  
Lugar onde anda o Saci  
Procurando pecador.

Quem vem do lado de lá  
Transpondo as trevas escuras,

A procura de aventuras  
Por este lado de cá,  
Castigo receberá  
Contra o erro que comete,  
Num labirinto se mete  
E vai transformado em aço  
depois de cair no laço  
Do setecentos e sete.

E agora vou sair,  
A minha hora é chegada,  
Mas logo vem uma fada  
Pra me substituir,  
Dela o senhor vai ouvir,  
O que nada lhe convém,  
No seu mistério ela tem  
De cada encanto uma dose,  
Na sua metamorfose  
Nunca respeitou ninguém.

Saiu o gênio apressado  
Depois que muito falou  
E logo a fada chegou  
Fedendo a chifre queimado  
E me perguntou de lado:  
Caramba, quem você é?  
Sem esperança e sem fé  
Com o jeito de pateta?  
É com certeza o poeta,  
Patativa do Assaré.

Mesmo sendo um vagabundo  
Você é um semigênio  
Você já bebeu hidrogênio  
Lá no espaço de seu mundo,  
Mas com meu poder profundo  
Não lhe quero junto a mim,  
Neste reinado sem fim  
Eu e minhas companheiras

Somos todas mensageiras  
Do feiticeiro Aladim.

Você com a sua audácia  
Um grande insulto me fez,  
Chegando a segunda vez  
Com esta perspicácia  
Nem remédio de farmácia  
Poderá lhe defender  
Vai com certeza morrer  
Cruelmente castigado  
Ficando petrificado  
Pra nunca mais renascer.

Eu fiquei apavorado  
Com a grosseira atitude  
Quis falar porém não pude,  
Senti meu corpo gelado,  
Me achando naquele estado,  
De perto a fada saiu,  
A linda aurora surgiu  
E eu disse: É coisa medonha  
Como é que um poeta sonha  
Coisas que nunca existiu?

# A DERROTA DE PEDRO TOPA TUDO E A VINGANÇA DE BILUCA

Toinha querida neta  
Que é poetisa também  
Porque nasceu com o dom  
E sabe versejar bem,  
Se meu trabalho aprecia,  
Leia nesta Poesia  
Que o mundo de tudo tem.

Na remota antiguidade  
Quando havia bom estudo,  
Amor, virtude e verdade  
E não havia chifrudo,  
Existia um valentão  
Caçador de profissão,  
Era o Pedro Topa Tudo.

Ele era muito valente  
E nunca temia nada  
Naquele tempo passado  
Foi o herói da caçada,  
Nas brenhas onde caçava  
Às vezes até matava  
Canguçu e onça-pintada.

Dizia Pedro orgulhoso:  
Não preciso ter estudo,  
Quem ver minha inscrição  
Já conhece o conteúdo,  
Por brincadeira não tome,  
O P é Pedro, seu nome,  
E os dois T é Topa Tudo.

Disse ele um dia: Biluca,  
Eu tive uma opinião,

Hoje eu sei que é lua cheia  
Vai ser bonito o clarão  
Parece um lençol prata  
E eu hoje vou para a mata  
Brigar com assombração.

Disse Biluca assustada:  
Pedro, deixe de besteira  
Sei que você já matou  
Muita fera carniceira,  
Porém este plano é chato,  
Estas coisinhas do mato  
Não aguenta brincadeira.

Mulher, o que você pensa?  
Acha que estou com infuça  
Você é tola, bem tola,  
Não sabe nada, Biluca,  
Vive aqui na sua vida  
Tal qual a coisa escondida  
No fundo de uma cumbuca.

Você já conhece bem  
Que eu sei atirar com arte  
E onde eu disparo um tiro  
Escutam por toda parte,  
Você não vai nem dormir,  
Acordada vai ouvir  
O tiro do bacamarte.

Pedro saiu para a mata  
Com a má educação,  
Chegou lá, gritou eu venho,  
Brigar com assombração  
Estou raivoso e disposto  
De bacamarte no rosto  
Apareça o valentão.

Quando Pedro disse assim,  
Provando que era valente



Em paga do desaforo,  
Chegou logo de repente  
Com uma força profunda  
Uma chutada na bunda  
Que o Pedro pulou pra frente.

Uma voz disse: atrevido,  
Você não pensa nem sunda,  
Pra pagar o atrevimento,  
Faça ou não faça corcunda  
Vá preparando a traseira  
Aquela foi a primeira  
E agora aguenta a segunda.

Pedro nervoso gritou:  
O coisa esquisita e chata,  
Tá, tá, tá, sei que são três,  
E cada qual me maltrata  
E ali reparava bem  
Porém não via ninguém  
Mas pé na bunda era mata.

Disse uma voz arrogante:  
Vá viver no seu lugar  
Não demore mais aqui  
Porque se você teimar  
Com lambança vagabunda,  
Vai levar chute na bunda  
Até a gata miá.

Pedro não respondeu nada  
E ali não teve demora,  
Pegou o seu bacamarte  
E saiu de estrada afora  
Dizendo: eu sempre lutei  
Até a onça matei  
Mas fui desonrado agora.

Me deram tanta chutada  
Que quase um osso me tora

Aquilo é coisa encantada  
Já estou ciente agora  
Até um palpite fiz  
Aquilo é Pai Luiz,  
O tal Saci e a Caipora.

Quando o Pedro entrou em casa  
Com a fúria do leão  
Biluca perguntou: Pedro  
Como foi de assombração?  
E o Pedro gritou: Biluca  
Esta pergunta maluca  
Não venha me fazer não.

Se entupa, faça silêncio,  
Nada queira perguntar  
Eu vou passar vários dias  
Sem com você conversar  
Faça o seu silêncio aí  
E tem uma roupa aqui  
Para bem cedo lavar.

Biluca de manhanzinha  
Pegou a roupa afobada  
Conduziu aquele embrulho  
Bastante impressionada  
Mas quando desembulhou  
Inda mais bruta ficou,  
As calça estava cagada.

Disse Biluca com raiva:  
Estou sendo uma empregada  
Sendo eu a dona da casa  
Estou sendo uma criada  
Nesta anarquia medonha  
Como mulher sem-vergonha  
Lavando calça cagada.

Eu sei que se eu falar alto  
Uma surra é a resposta,

Porém eu vou me vingar  
Já fiz a minha proposta  
E em silêncio, o meu estudo,  
Não é Pedro Topa Tudo  
É Pedro Topa Bosta.

# CRÍTICA CONSTRUTIVA

Ainda quando Tarrafa  
Pertencia a Assaré  
Ali nasceu Vilani  
E por isto a mesma é  
Sem questão e sem problema,  
Assareense da gema  
Da cabeça até o pé.

Quando tive essa certeza  
Foi grande a minha alegria,  
De outra pessoa importante  
Meu Assaré merecia,  
Um grande prazer me deu  
Porque Vilani nasceu  
Com o dom da poesia.

Ela é minha colega  
E tem o mesmo ideal,  
Pode ser classificada  
Poetisa social,  
Por ser forte e destemida  
Já se tornou conhecida  
Do sertão a capital.

Com a sua inspiração  
Sem ninguém lhe fazer roubo,  
Ela publicou um livro  
Contra o falso demagogo,  
Seu livro foi publicado  
Com um título revoltado,  
Livro, *Lagarta de fogo*.

*Lagarta de fogo* queima  
Com coragem desmedida,  
Contra a medonha injustiça  
Que sofre a classe oprimida,

A pobreza desprezada  
Constantemente humilhada  
Sem dispor da própria vida.

Conduzindo o seu volume,  
Vai Vilani, para frente,  
Vai defender o Sem-Terra  
Que padece descontente,  
Com este constante jogo,

O seu *Lagarta de fogo*  
É um herói combatente.

O seu *Lagarta de fogo*  
Defende a classe operária,  
Principalmente o agregado  
Na situação precária  
Procurando solução  
Por um pedaço de chão  
Pedindo reforma agrária.

Vilani é um orgulho  
Para os seus familiares,  
E por isto, com razão,  
Nestes versos populares  
Oferece o Patativa  
Esta crônica construtiva  
Para Vilani Soares.

## O POETA PATATIVA E A SARIEMA DE TOTELINA

Totelina, minha amiga,  
É preciso que eu lhe diga  
Do que estou gozando aqui  
Vale mais do que o cinema  
O canto da sariema  
Que você possui aí.

Logo que amanhece o dia  
Procuro, com alegria,  
No ouvido colocar  
Meu aparelho auditivo  
Para escutar, compassivo,  
A sariema cantar.

No meu viver de poeta  
Minha alegria é completa  
Quando ela cantando está.  
Sinto com muito carinho  
Que estou vendo um pedacinho  
Do sertão do Ceará.

Naquele ditoso dia  
Que, com bastante alegria,  
Você resolveu comprar  
Este mimo de valor  
Me fez um grande favor  
Que só Deus pode pagar.

Vou lhe fazer um pedido  
E espero ser atendido  
Agora neste momento  
Meu pedido é que você  
Não venda nunca e nem dê  
Este meu divertimento.

Para os versos terminar  
Vou a verdade afirmar  
Nesta terra de Iracema:  
Todos três merecem viva!  
O poeta Patativa,  
Totelina e a sariema.

# PREFEITO COM PREFEITURA

*Ao Prefeito*

*Antônio Benjamim de Oliveira Filho*

O que eu tenho publicado  
O leitor sabe direito,  
Eu publiquei no passado  
“Prefeitura Sem Prefeito”  
Porém, hoje é diferente,  
Falo para toda gente  
E sei que ninguém censura,  
Com esperança e com fé  
Temos no Assaré  
Prefeito com Prefeitura.

Digo com muito respeito  
E mostro a prova real,  
Oliveira é o prefeito  
Da energia rural,  
Com o trabalho que fez,  
Nosso povo camponês  
Se livrou da treva escura  
E hoje está muito bem  
Provando que Assaré tem  
Prefeito com Prefeitura.

Vive muito satisfeito  
Nosso povo camponês  
O que Oliveira tem feito  
Outro prefeito não fez,  
Dentro de sua gestão  
Levou iluminação  
Ao campo e ao arraial,  
O que eu digo é bem-aceito  
Oliveira é o Prefeito  
Da energia rural.



Me deixa entusiasmado  
Sua administração,  
Pois muito tem trabalhado  
No setor da educação,  
Nossa classe estudantil  
Gozando prazeres mil,  
Sonhando a vida futura  
Está se sentindo bem  
Provando que Assaré tem  
Prefeito com Prefeitura.

Trabalha muito animado,  
Sacrifício não lhe abate,  
Porque tem sempre a seu lado  
Doutor Tasso Jereissate,  
Esta sadia amizade  
Lhe dá oportunidade  
Na sua boa atitude,  
Com o nosso governador  
Foi como que interventor  
Para a construção do açude.

Quando a famosa adutora  
Com sua capacidade  
Provou que é transportadora  
De água pra nossa cidade,  
Com licença do prefeito  
Gritou o povo satisfeito  
Com um tom de mangação:  
Vai para lá, carro-pipa!  
Agora ninguém constipa  
Com tua poluição!

Disse a verdade completa  
Do campo até a cidade,  
Porque sou velho poeta  
Da justiça e da verdade  
Eu nunca fui lisongeiro  
Gosto de ser verdadeiro

E dar a prova segura  
Digo e ninguém ignora  
Nosso Assaré tem agora  
Prefeito com Prefeitura.

## DOUTOR *HONORIS CAUSA*

Com 90 anos de idade  
Já não vejo a claridade  
Que meu guia sempre vê  
Porém me sinto ditoso  
Com este título honroso  
Que veio pra me reviver.

Faltam visão e audição  
Mas não falta expressão  
Pra falar do que percebo  
Na minha simples linguagem  
Agradeço a homenagem  
Carinhosa que recebo.

Na minha simplicidade  
Expondo a minha verdade  
Um grande prazer me dá  
Este gesto de bondade  
Está dando a Universidade  
Federal do Ceará.

Dr. Gilmar de Carvalho  
Com seu ótimo trabalho  
Também incluído está  
Com muita capacidade  
Fazendo a Universidade  
Federal do Ceará.

Mesmo afastado do meio  
De prazer bastante cheio  
No meu cantinho isolado  
Obrigado, professores,  
Os meus apreciadores  
Que tanto têm elogiado.

A Urca me ofereceu

O mesmo título me deu  
Já está guardado aqui  
Esta generosidade  
Veio da Universidade  
Regional do Cariri.

Um *Honoris Causa* aqui  
Outro *Honoris Causa* ali  
Tenho mais outro acolá  
Pois este título, em verdade,  
Vem também da Universidade  
Estadual do Ceará.

Com a minha timidez  
Julgando, por minha vez,  
Fico até encabulado  
Um poeta agricultor  
Com três títulos de Doutor  
Sem nunca ter estudado.

Não estudei em colégio  
Meu estudo é o privilégio  
Que a natureza me deu  
Estes universitários  
De fino vocabulário  
Conhecem mais do que eu.

E agora pra terminar  
Nessa forma popular  
Do meu versejar moderno  
Envio com amizade  
A cada Universidade  
O meu abraço fraterno.

*Improviso em agradecimento ao título de Doutor Honoris Causa da UFC, entregue ao poeta em solenidade que teve lugar dia 18 de dezembro de 1999, na cidade de Assaré. O título foi proposto pelo professor Gilmar de Carvalho, do Curso de Comunicação Social da UFC.*

# DIA NACIONAL DA POESIA

Cento e cinquenta e três anos  
Já fazem que na Bahia  
Nasceu o grande poeta  
O gênio da poesia.  
Pela sua poesia  
Mereceu palmas e bravos  
Castro Alves da Bahia  
O poeta dos escravos.

Disse a verdade completa  
No seu “Navio negreiro”  
Foi ele o maior poeta  
Deste país brasileiro.  
Foi o maior do país,  
Afirmo, julgo e dou fé,  
Esta é a verdade que diz  
Patativa do Assaré.

*Assaré, 14 de março de 2000, improviso em entrevista na Rádio Bandeirantes do Rio de Janeiro.  
Programa do radialista Antônio Bápi Filho.*

## SAUDAÇÃO AO ANO 2000

Com amor no coração  
Faço a minha saudação.  
Meu bom dia, ano dois mil,  
Trazendo felicidade,  
Paz, justiça e liberdade,  
Seja bem-vindo ao Brasil.

Meu querido ano dois mil  
Lhe pede favores mil,  
Nestes versinhos roceiros,  
Um poeta que se empenha  
Pedindo que o povo tenha  
Um Brasil dos brasileiros.

Ouvindo com atenção  
Minha solicitação  
Ficarei muito feliz  
Queremos que você faça  
Desde o campo até a praça  
Progresso em nosso País.

# VACA ESTRELA E BOI FUBÁ

Seu dotô, me dê licença  
Pra minha história eu contá.  
Se hoje eu tou na terra estranha  
E é bem triste o meu pená,  
Mas já fui muito feliz  
Vivendo no meu lugá.  
Eu tinha cavalo bom,  
Gostava de campeá  
E todo dia aboiava  
Na portêra do currá.  
Ê ê ê Vaca Estrela,  
Ô ô ô Boi Fubá.

Eu sou fio do Nordeste,  
Não nego o meu naturá  
Mas uma seca medonha  
Me tangeu de lá pra cá.  
Lá eu tinha meu gadinho  
Não é bom nem maginá,  
Minha bela Vaca Estrela  
E o meu lindo Boi Fubá,  
Quando era de tardezinha  
Eu começava a aboiá.  
Ê ê ê Vaca Estrela  
Ô ô ô Boi Fubá.

Aquela seca medonha  
Fez tudo se trapaia;  
Não nasceu capim no campo  
Para o gado sustentá,  
O sertão esturricou,  
Fez os açude secá,  
Morreu minha Vaca Estrela,  
Se acabou meu Boi Fubá,  
Perdi tudo quanto tinha  
Nunca mais pude aboiá.  
Ê ê ê ê Vaca Estrela  
Ô ô ô ô Boi Fubá.

E hoje, nas terra do Sú,  
Longe do torrão natá,  
Quando vejo em minha frente  
Uma boiada passá,  
As água corre dos óio,  
Começo logo a chorá,  
Me lembro da Vaca Estrela,  
Me lembro do Boi Fubá;  
Com sodade do Nordeste  
Dá vontade de aboiá.  
Ê ê ê ê Vaca Estrela  
Ô ô ô ô Boi Fubá.

*Obs.: Este poema foi também musicado pelo autor.*



## A MORTE DE NANÃ

Eu vou contá uma históra  
Que eu não sei como comece,  
Pruquê meu coração chora,  
A dô do meu peito cresce,  
Omenta o meu sofrimento  
E fico uvindo o lamento  
De minha arma dilurida,  
Pois é bem triste a sentença  
De quem perdeu na isistença  
O que mais amou na vida.

Já tou véio, acabrunhado,  
Mas inriba deste chão,  
Fui o mais afurtunado  
De todos fios de Adão.  
Dentro da minha pobreza,  
Eu tinha grande riqueza:  
Era uma quirida fia,  
Porém morreu muito nova.  
Foi sacudida na cova  
Com seis ano e doze dia.

Morreu na sua inocença  
Aquele anjo incantadô,  
Que foi na sua isistença,  
A cura da minha dô  
E a vida do meu vivê.  
Eu bejava, com prazê,  
Todo dia, demenhã,  
Sua face pura e bela.  
Era Ana o nome dela,  
Mas, eu chamava Nanã.

Nanã tinha mais primô  
De que as mais bonita joia,

Mais linda do que as fulô  
De um tá de Jardim de Troia  
Que fala o dotô Conrado.  
Seu cabelo cachiado,  
Preto da cô de viludo.  
Nanã era meu tesôro,  
Meu diamante, meu ôro,  
Meu anjo, meu céu, meu tudo.

Pelo terrêro corria,  
Sempre sirrindo e cantando,  
Era lutrida e sadia,  
Pois, mesmo se alimentando  
Com feijão, mio e farinha,  
Era gorda, bem gordinha  
Minha querida Nanã,  
Tão gorda que reluzia.  
O seu corpo parecia  
Uma banana-maçã.

Todo dia, todo dia,  
Quando eu vortava da roça,  
Na mais completa alegria,  
Dento da minha paioça  
Minha Nanã eu achava.  
Por isso, eu não invejava  
Riqueza nem posição  
Dos grande deste país,  
Pois eu era o mais feliz  
De todos fio de Adão.

Mas, neste mundo de Cristo,  
Pobre não pode gozá.  
Eu, quando me lembro disto,  
Dá vontade de chorá.  
Quando há seca no sertão,  
Ao pobre farta feijão,  
Farinha, mio e arrôis.  
Foi isso o que aconteceu:

A minha fia morreu,  
Na seca de trinta e dois.

Vendo que não tinha inverno,  
O meu patrão, um tirano,  
Sem temê Deus nem o inferno,  
Me dexou no desengano,  
Sem nada mais me arranjá.

Teve que se alimentá  
Minha querida Nanã,  
No mais penoso matrato,  
Comendo caça do mato  
E goma de mucunã.

E com as braba comida,  
Aquele pobre inocente  
Foi mudando a sua vida,  
Foi ficando deferente.  
Não sirria nem brincava,  
Bem pôco se alimentava  
E inquanto a sua gordura  
No corpo diminuía,  
No meu coração crescia  
A minha grande tortura.

Quando ela via o angú,  
Todo dia demenhã,  
Ou mesmo o rôxo bejú  
Da goma da mucunã,  
Sem a comida querê,  
Oiava pro dicumê,  
Depois oiava pra mim  
E o meu coração doía,  
Quando Nanã me dizia:  
Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia intêro  
E a coitada não comia,  
Não brincava no terrêro  
Nem cantava de alegria,

Pois a farta de alimento  
Acaba o contentamento,  
Tudo destrói e consome.  
Não saía da tipoia  
A minha adorada joia,  
Infraquecida de fome.

Daqueles óio tão lindo  
Eu via a luz se apagando  
E tudo diminuindo.  
Quando eu tava reparando  
Os oincho da criança,  
Vinha na minha lembrança  
Um candiêro vazio  
Com uma tochinha acesa  
Representando a tristeza  
Bem na ponta do pavio.

E, numa noite de agosto,  
Noite escura e sem luá,  
Eu vi crescê meu desgosto,  
Eu vi crescê meu pená.  
Naquela noite, a criança  
Se achava sem esperança  
E quando vêi o rompê  
Da linda e risonha orora,  
Fartava bem pôcas hora  
Pra minha Nanã morrê.

Por ali ninguém chegou,  
Ninguém reparou nem viu  
Aquela cena de horrô  
Que o rico nunca assistiu,  
Só eu e minha muié,  
Que ainda cheia de fé  
Rezava pro Pai Eterno,  
Dando suspiro maguado  
Com o seu rosto moiado  
Das água do amô materno.

E, enquanto nós assistia  
A morte da pequenina,  
Na menhã daquele dia,  
Veio um bando de campina,  
De canaro e sabiá  
E começaram a cantá  
Um hino santificado,  
Na copa de um cajuêro  
Que havia bem no terrêro  
Do meu rancho esburacado.

Aqueles passo cantava,  
Em lovô da despedida,  
Vendo que Nanã dexava  
As misera desta vida,  
Pois não havia recurso,  
Já tava fugindo os curso,  
Naquele estado misquinho,  
Ia apressando o cansaço,  
Seguido pelo compasso  
Da musga dos passarinho.

Na sua pequena boca  
Eu via os laibo tremendo  
E, naquela afrição loca,  
Ela também conhecendo  
Que a vida tava no fim,  
Foi regalando pra mim  
Os tristes oincho seu,  
Fez um esforço ai, ai, ai,  
E disse: “abença, papai!”  
Fechô os óio e morreu.

Enquanto finalizava  
Seu momento derradêro,  
Lá fora os passo cantava,  
Na copa do cajuêro.  
Em vez de gemido e choro,  
As ave cantava em coro.

Era o bendito prefeito  
Da morte de meu anjinho.  
Nunca mais os passarinho  
Cantaro daquele jeito.

Nanã foi, naquele dia,  
A Jesus mostrará seu riso  
E omentá mais a quantia  
Dos anjo do Paraíso.  
Na minha imaginação,  
Caço e não acho expressão  
Pra dizê como é que fico.  
Pensando naquele adeus  
E a curpa não é de Deus,  
A curpa é dos home rico.

Morreu no maió matrato  
Meu amô lindo e mimoso.  
Meu patrão, aquele ingrato,  
Foi o maió criminoso,  
Foi o maió assarsino.  
O meu anjo pequenino  
Foi sacudido no fundo  
Do mais pobre cimitero  
E eu hoje me considero  
O mais pobre deste mundo.

Soluçando, pensativo,  
Sem consolo e sem assunto,  
Eu sinto que inda tou vivo,  
Mas meu jeito é de defunto.  
Invorvido na tristeza,  
No meu rancho de pobreza,  
Toda vez que eu vou rezá,  
Com meus juêio no chão,  
Peço em minhas oração:  
Nanã, venha me buscá!

## VIDA SERTANEJA

Sou matuto sertanejo,  
Daquele matuto pobre  
Que não tem gado nem quêjo,  
Nem ôro, prata, nem cobre.  
Sou sertanejo rocêro,  
Eu trabaio o dia intêro,  
Que seja inverno ou verão.  
Minhas mão é calejada,  
Minha péia é bronzeada  
Da quintura do sertão.

Por força da natureza,  
Sou poeta nordestino,  
Porém só canto a pobreza  
Do meu mundo pequenino.  
Eu não sei cantá as gulora,  
Também não canto as vitora  
Dos herói com seus brasão,  
Nem o má com suas água...  
Só sei cantá minhas mágua  
E as mágua de meus irmão.

Canto a vida desta gente  
Que trabaia inté morrê  
Sirrindo, alegre e contente,  
Sem dá fé do padecê,  
Desta gente sem leitura,  
Que, mesmo na desventura,  
Se sente alegre e feliz,  
Sem nada sabê na terra,  
Sem sabê se existe guerra  
De país cronta país.

Eu canto o forte cabôco,  
De gibão e chapéu de côro,

Que, com corage de lôco,  
Infrenta a raiva do tôro  
Com um agudo ferrão.  
E das noite de São João  
Eu canto as belas foguêra  
Com seu fogo milagroso,  
Segredo misterioso  
Da moça casamentêra.

Eu canto o sertão querido,  
A fonte dos meus poema,  
Onde se iscuta o tinido  
Do grito da sariema  
E onde o sertanejo véio  
Observa os Evangéio  
E nas noite de luá,  
Sirrindo, alegre e ditoso,  
Conta históra de Trancoso  
Para o seu neto iscutá.

Sou sertanejo e me gabo  
De já tê visto o vaquêro,  
Atrás do novio brabo  
Atravessá o tabulêro.  
Amo a vida camponesa,  
nunca invejei a beleza  
E a fantasia da praça.  
Eu sou irmão do cabôco,  
Que ri, que zomba e faz pôco  
Da sua prope desgraça.

Cabôco que não cubiça  
Riqueza nem posição  
E nem aceita a maliça  
Morá no seu coração.  
Cabôco que, nesta vida,  
Além da sua comida,  
O que mais estima e qué,  
É a paz, a honra e o brio,



O carinho de seus fio  
E a bondade da muié.

O que mais preza e percura  
O matuto camponês  
É não quebrá sua jura,  
Que, no casamento, fez.  
Sem enfado e sem preguiça,  
Quando vai uvi a missa,  
De paz, amô e alegria,  
Leva o seu coração cheio,  
Prumode uvi os consêio  
Do padre da freguesia.

E assim, na sua peleja,  
Com a famia que tem,  
Não inveja nem deseja  
O gozo de seu ninguém.  
Mas, por infelicidade,  
Cronta seu gosto e vontade,  
Munta vez, o pobre vê  
A muié morrê de parto,  
Gemendo dentro de um quarto,  
Sem ninguém lhe socorrê.

Morre aquela criatura,  
Depois, a pobre coitada,  
No rumo da sepultura,  
Vai numa rede imbruiada.  
Um adjunto de gente,  
Uns atrás, ôtros na frente,  
Num apressado rojão,  
Quando um sorta, o ôtro pega:  
É assim que se carrega  
Morto pobre no sertão.

Fica, o viúvo, coitado!,  
De arma triste e dilurida,  
Para sempre separado  
Do mió da sua vida,

Mas, porém, não percebeu  
Que a sua muié morreu,  
Só por fartá um dotô.  
E, como nada conhece,  
Diz, rezando a sua prece:  
Foi Deus que ditriminou!

Pensando assim desta forma,  
Resignado, padece;  
Paciente, se conforma  
Com as coisa que acontece.  
Coitado! Ingnora tudo,  
Pois ele não tem estudo,  
Também não tem assistência.  
E por nada conhecê  
Em tudo o camponês vê  
O dedo da Providença.

Só a coisa que o matuto  
Conhece, repara e vê  
É tê que pagá tributo  
Sem ninguém lhe socorrê,  
É derramá seu suó,  
Com paciência de Jó,  
Mode botá seu roçado,  
Esperto, forte e disposto  
E tê que pagá imposto  
Sem ninguém tê lhe ajudado.

Às vez, alegre e contente,  
Quando é tempo de fartura,  
Ele diz pra sua gente:  
Nossa safra tá segura!  
Mas, de repente, intristece,  
Pruquê magina e conhece  
Que os home de posição  
Só óia para o seu rosto  
Pra ele pagá imposto  
Ou votá nas inleição.

Quando aparece um sujeito,  
De gruvata e palitó,  
Todo alegre e satisfeito,  
Como quem caça chodó,  
O matuto esperiente  
Repara pra sua gente  
E, sem tê medo de errá,  
Diz, com um certo desgosto:  
Ele vem cobrá imposto  
Ou pedi pra nós votá.

## SOU CABRA DA PESTE

Eu sou de uma terra que o povo padece  
Mas nunca esmorece, procura vencê,  
Da terra adorada, que a bela caboca  
De riso na boca zomba no sofrê.

Não nego meu sangue, não nego meu nome,  
Olho para fome e pergunto: o que há?  
Eu sou brasileiro, fio do Nordeste,  
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

Tem munta beleza minha boa terra,  
Derne o vale à serra, da serra ao sertão.  
Por ela eu me acabo, dou a própria vida,  
É terra querida do meu coração.

Meu berço adorado tem bravo vaquêro  
E tem jangadêro que domina o má.  
Eu sou brasileiro, fio do Nordeste,  
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

Ceará valente que foi munto franco  
Ao guerrêro branco Soare Moreno,  
Terra estremecida, terra predileta  
Do grande poeta Juvená Galeno.

Sou dos verde mare da cô da esperança,  
Que as água balança pra lá e pra cá.  
Eu sou brasileiro, fio do Nordeste,  
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

Ninguém me desmente, pois, é com certeza,  
Quem qué vê beleza vem ao Cariri,  
Minha terra amada pissui mais ainda,  
A muié mais linda que tem o Brasi.

Terra da jandaia, berço de Iracema,  
Dona do poema de Zé de Alencá.  
Eu sou brasileiro, fio do Nordeste,

Sou cabra da peste, sou do Ceará.

## COISA ESTRANHA

Esta noite, já quase madrugada,  
No silêncio melhor de toda gente,  
Despertei do meu sono de inocente  
Pelo doido ladrar da cachorrada.

E fiquei a dizer: não devo nada,  
Criminoso não sou, vivo contente.  
Quem me vem perturbar, tão insolente,  
O repouso feliz desta morada?

Me fugiram os pulsos, pois sou fraco  
E lembrei-me de gato, de cassaco  
E raposa, mexendo no poleiro.

Porém logo notei estranha coisa:  
Nem cassaco, nem gato, nem raposa.  
Era um vice-prefeito em meu terreiro.

# POBRE SANTO ANTÔNIO!

Muitas coisas acontecem  
Que causam sofrer profundo,  
Até os santos padecem  
Com a mudança do mundo.

Santo Antônio esteve bem,  
Tinha cobre na algibeira,  
Ganhava sempre o vintém  
Da moça casamenteira.

Só bastava perceber  
De algum vintém o tinido  
Pra fazer aparecer  
Um objeto perdido.

Assim o santo vivia,  
Como o escrivão no cartório,  
Sempre as gaitas recebia  
Dentro de seu oratório.

Mas, passou o tempo do cobre  
E ele ficou desgostoso.  
Esquecido e muito pobre,  
Deixou de ser milagroso.

Foi seu estado precário,  
Seu fracasso e sua queda,  
O sistema monetário  
Da mudança da moeda.

Criaram o patrimônio  
Da moeda do cruzeiro  
E, com isto, Santo Antônio  
Nunca mais ganhou dinheiro.

## VINGANÇA DE MATUTO

Tu sabe, Chico, que é crué e marvado  
O adevogado quando qué robá?  
E que a justiça nas mão dele rola  
Como essas bola de jogá biá?

Se tu não sabe vai uvi agora  
A minha história de arribá chapéu;  
É uma história do maió canudo,  
Que crama tudo, a terra, o má e o céu.

Repare, Chico, aquele belo sito  
Munto bonito, que nós tamo vendo,  
Do meu pai era aquele belo sito  
E o Binidito, um orguioso horrendo,  
Criou inveja e começou questão,  
Com imbição, cronta meu pai fez guerra,  
Gastou dinhêro com feroz maliça  
E a injustiça lhe intregou a terra.

Duas vaquinha de nós comê leite  
E o burro Azeite, comedô e bonito  
Meu pai gastou, pra defendê seu lado  
E o resurtado foi perdê seu sito.

Nossa escritura era um papé benfeito,  
Dava o dereito com largura e fundo,  
Mas, o dotô, que escurecia tudo,  
Passou o canudo mais pió do mundo.

Meu pai saiu de onde viveu morando  
Ficou vagando sem achar incosto  
E de pensá no seu penoso estado  
Morreu, coitado! de crué desgosto.

Meu pai morreu e me deixô sem nada,  
Triando a estrada de um sofrê sem fim,  
Tá vendo, Chico, como eu fui robado



E o adevogado foi safado e ruim?

Nem sei dizê, meu camarada Chico,  
Como é que eu fico de paxão de horrô!  
Quando eu reparo e vejo aquele sito  
Que o Binidito de meu pai tomou.

Minha vingança é, que depois da morte,  
Tem ele a sorte de viver afrito,  
Lá nas caldêra do purão do Inferno,  
Tem fogo eterno para o Binidito.

## MINHA REZA

A fome é o maior martírio  
Que pode haver neste mundo.  
Ela provoca delírio  
E sofrimento profundo,  
Tira o prazer e a razão.  
Quem quiser ver a feição  
Da cara da mãe da peste,  
Na pobreza permaneça,  
Seja agregado e padeça  
Uma seca no Nordeste.

A fome é fera homicida,  
Destrói a nossa matéria  
E elimina a nossa vida.  
De tudo quanto é miséria,  
A fome tem uma dose,  
É mãe da tuberculose  
E da sepultura irmã:  
Provoca tanta anarquia  
Que o devoto contraria  
A oração da manhã.

A Divina Providência  
Sei que há de me perdoar,  
Pois, quem vive na indigência,  
Sem almoço e sem jantar,  
Perde a esperança e a crença,  
Em alegria não pensa  
Nem quer saber de cantiga.  
Aquele que está com fome  
Se esquece do próprio nome,  
Só se lembra da barriga.

No ano cinquenta e oito,  
Naquela crise danada

Que, quem comia biscoito,  
Terminou sem comer nada,  
No distrito do Barreiro,  
O cidadão verdadeiro,  
Joaquim Ferreira dos Santos,  
Fiado vendia milho  
A neto, avô, pai e filho  
Daqueles pobres recantos.

Do seu milho empaioado  
Que havia grande porção,  
Vendia sempre fiado,  
Sem receber um tostão,  
Por ser generoso e franco.  
Ia lá o preto e o branco  
Também o bonito e o feio  
E enquanto não acabou-se,  
Quem à sua casa fosse  
Voltava de saco cheio.

A onda estava bem grossa  
E a frequência era geral,  
Como formiga de roça  
Dentro do mandiocal.  
Ninguém saía da linha  
Quando um ia, o outro vinha  
E os martírios eram tantos  
Que o rico não considera  
E o Deus do Barreiro era  
Joaquim Ferreira dos Santos.

Eu tinha cinco mininos,  
Estavam pisando em brasa,  
Todos cinco pequeninos  
Com fome dentro de casa.  
Naquele grande aperreio,  
Não encontrando outro meio,  
Fui logo dizendo assim:  
Não temos o que comer,

Eu vou também me valer  
Do paiol de seu Joaquim.

E fui dormir no sentido  
De também levar meu saco,  
Mas depois de ter dormido  
Acordei bastante fraco  
E, para Deus me ajudar,  
Me ajoelhei pra rezar,  
Pensando em meus tristes prantos  
E, com o milho em memória,  
Comecei rezando: Glória  
Joaquim Ferreira dos Santos.

Naquele instante eu notei  
Que estava rezando errado  
E depressa procurei  
Rezar com maior cuidado.  
Recorri à Santa Madre  
E disse: Em nome do Padre  
Mas, ao dizer: e do Filho,  
Fui de novo atrapalhando,  
Sem assunto, perguntando:  
– Seu Joaquim, inda tem milho?

E então, como quem se enfeza,  
Já bastante aperreado,  
Caçando na mente a reza  
Que a mamãe tinha ensinado,  
Segui na mesma peleja:  
Bendito e louvado seja  
O cidadão verdadeiro,  
Pra sempre seja louvado  
Quem vende milho fiado  
No distrito do Barreiro.

## PERFUME DE GAMBÁ

Bom dia, muito bom dia,  
Faz tempo que eu não lhe via  
Minha amiguinha gambá,  
Você vem toda chêrosa,  
Mas parece desgostosa,  
O que aconteceu por lá?

Minha amiga o nosso chêro  
Foi nosso Deus verdadeiro  
Que com ele nos dotou,  
É riqueza naturá,  
Somo obrigada a cherá  
Mesmo partida de dô.

Foi de Deus que recebemo,  
Prefumada nós vivemo  
Prevenida a todo istante  
Para um efeito quarqué  
E ao mesmo tempo ele é  
Prefume e desodorante.

Minha amiga o nosso chêro  
É o mió do mundo intêro  
Digo e afirmo porque posso,  
É premêro sem segundo,  
Não há prefume no mundo  
Mais mió do que o nosso.

Sobre o meu ar de tristeza  
Que até lhe causa surpresa  
Lhe conto o que se passou,  
Tive uma sorte mesquinha  
Ganhei quatro gambazinha  
Porém só uma escapou.

Tava perto de chegá

Meu dia de descansá,  
Veja bem, querida amiga,  
Com grande alegria minha  
Eu já sentia as bichinha  
Mexê na minha barriga.

Mas porém tando com fome  
Entrei na roça de um home,  
Pois quando com fome eu tô  
Em qualquer lugá eu entro  
Quando eu cuidei tava dentro  
De um cantêro de fulô.

Recendença, cravo e rosa  
E outras fulô catingosa  
Foi causa do meu asá,  
Com a catinga danada  
Eu fiquei embriagada  
Vomitei pra me acabá.

Com o meu estado incrive  
E o meu sofrimento horrive  
Das podridão das fulô,  
As coitada adoecêro  
Ainda viva nascêro  
Porém só uma escapou.

Eu chorei, chorei, chorei  
E em vez de quatro fiquei  
Com uma só gambazinha,  
Vai breve se batizá  
E para prazê me dá  
Você vai sê a madrinha.

– Pois não! com muito prazê,  
Sendo assim vejo crescê  
A nossa véia amizade,  
É um negoço importante  
E dagora por diante  
Já vou lhe chamá cummade.

– Você tem toda razão,  
Porém me preste atenção  
É preciso tê cuidado  
Quando fô sê a madrinha,  
Daqui pra minha casinha  
Tem um perigo danado.

Desça de ladeira a baixo,  
Quando chegá no riacho  
Perto de uma grande horta  
Tem cravo e tem bugari  
E a fedentina dali  
Nem o Satanás suporta.

– Comade dêxe comigo  
Não vou caí no perigo  
Conheço bem a ladêra,  
Conheço o caminho certo  
E não passo nem por perto  
Daquela grande sujêra.

Vamo combiná o dia  
Que eu vou com muita alegria  
Sua fia amadrinhá.  
A sua casinha arrume,  
Mas não mêxa em seu perfume  
Deixe que eu vou perfumá.

## À MERETRIZ

Se alguém te chama de perdida e louca  
Não acredites, pois não é verdade,  
Há quem procure cheio de ansiedade  
A graça e o riso que tu tens na boca.

Foste menina, já usaste touca,  
Foste donzela, tinhas virgindade,  
Tudo é fugaz e tudo é brevidade  
De qualquer forma, a nossa vida é pouca.

Nunca lamentes teu viver de puta,  
Entre os pomares tu também és fruta,  
Alguém te estima e com fervor te quer.

No chão, na cama ou dentro de uma rede  
Tu és a fonte de matar a sede  
Do desgraçado que não tem mulher.



# ACRÓSTICO ESPALHAFATOSO

*Acróstico espalhafatoso, obedecendo  
o seguinte nome: Vicente Alencar*

Visão do bosque sedutora e crente  
Incauto drama perpassando a vinda  
Cortando a selva transviada e linda  
Ecos doridos de um cantar dolente.

No frio sopro do pampeiro quente  
Tirita o nauta de expressões infindas  
Entre as riquezas que o ladrão nos brinda  
Agrilhoando o coração da gente.

Lamenta e chora o jubiloso triste  
E a patavina que no mundo existe  
No firme posto do legal papel,

Cortando a barba do velhinho infante  
Acena e brada a repetir constante:  
Roxo, rajado, confusão, babel.

# VOZ ESTRANHA

*Quando Geraldo Gonçalves de Alencar, poeta e sobrinho de Patativa, bebia demasiadamente e conseguiu deixar de beber, Patativa produziu o seguinte soneto:*

Volta querido, vem para meus braços,  
Teremos noite com a mesma lua,  
O meu afeto ainda continua,  
Reataremos da amizade os laços.

De lindas jovens tu terás abraços,  
Quer na fazenda, quer em plena rua,  
Eu serei sempre protetora tua,  
A todo instante guiarei teus passos.

Ouvindo ao longe aquela voz estranha  
Eu já tomado de impressão tamanha  
Fui ver de perto quem assim falou.

Era uma pipa de uma tamanho horrendo  
Muito chorosa a soluçar dizendo:  
O meu Geraldo nunca mais voltou.

# O PRAZER DA PIPA

*E quando o mesmo Geraldo Gonçalves de Alencar  
recomeçou a beber, Patativa produziu o seguinte soneto:*

A mesma pipa que gemeu de dores  
Chorando a falta de freguês ausente  
Hoje na espuma toda reluzente  
Mostra o rosário de bonitas cores.

Ao som da flauta, violões, tambores,  
Pife e zabumba, canta sorridente,  
Tudo que alegre o coração da gente  
Hinos de bravos e canções de amores.

Se alguém pergunta o principal motivo  
De tantas galas neste mês festivo,  
Ela esquecendo o padecer de outrora,

Responde cheia de um amor profundo:  
Eu sou a pipa mais feliz do mundo,  
Foi meu Geraldo que voltou agora.

## O NADADOR

Desde novo, gostou de ver as águas  
Do oceano, tão verdes e tão belas,  
E ele pensava que vagando nelas  
Poderia aplacar as suas mágoas.

Conduzido por este pensamento,  
Aprendeu a nadar em tempo breve,  
Como se fosse uma canoa leve  
Singrando as ondas do soprar do vento.

Seus amigos, lhe vendo sobre o mar,  
Tranquilamente, sem temer as brumas,  
Transpondo as vagas, sacudindo espumas,  
Sentiram ânsia de também nadar.

Sem temerem das ondas o furor,  
Cada qual, a sorrir, dizia: Eu entro!  
E se jogaram de oceano adentro  
Com a mesma intenção do Nadador.

E assim tangidos por vontade louca,  
Alguns deles até fazendo apostas,  
Uns nadavam de frente outros de costas  
Vendo as águas lhe entrando pela boca.

O mar raivoso nunca fez carinho,  
Os teimosos e ousados aprendizes,  
Foram todos, coitados! infelizes,  
Deixando o bravo Nadador sozinho.

Foram todos das águas se afastando,  
Receosos da forte maresia  
E daqueles no mar da poesia  
Só Geraldo Alencar ficou nadando.

# CARTA OU BILHETE

*Resposta de uma carta a  
Geraldo Gonçalves de Alencar:*

Meu colega Geraldo, com malícia,  
Estas letras de lá você me atira,  
Não recebo estas linhas por notícia  
Você está provocando a minha lira.

Recebi neste Rio de Janeiro,  
De uma carta a miniatura chata,  
Num papel tão mesquinho e tão vasqueiro  
Que eu fiquei sem saber de que se trata.

Você fez aumentar mais o meu choro,  
Foi lacônico, foi breve e foi cruel  
E inda mais, por pirraça de desaforo  
A palavra política no papel!

Só por ser empregado federal,  
Você está se tornando tão cacete,  
Seu escrito só tem ponto-final,  
Isto aqui não é carta, é um bilhete!

Você nunca gostou de economia  
E hoje vive a poupar tinta e caneta,  
Se remete umas linhas hoje em dia  
É na folha de alguma caderneta.

Ou lhe falta cachaça com limão,  
Ou lhe falta o cruzeiro no seu bolso  
Ou não quis receber educação  
No ginásio que fez por reembolso.

\* \* \*

Os versos são meus, mas a inspiração foi sua, tá bom?  
*Patativa, Rio de Janeiro, junho de 1975*

## FUGA DE VÊNUS

Veja a verdade que lhe conto agora;  
Deus com a sua grande majestade,  
Em tudo mostra prova de verdade,  
Não é na praça que a verdade mora.

No meu sertão eu conheci outrora,  
Lá no recanto duma soledade,  
Bonita jovem duma qualidade  
Muito mais linda do que a deusa Flora.

Aquela meiga e rude camponesa,  
Era dotada da maior beleza,  
Com simpatia de fazer sorrir.

Era atraente, tão simpática e bela  
Que contemplar a formosura dela,  
Vênus não pôde, teve que fugir.

## HERANÇA

Querida esposa que ouvindo está  
Roubou-lhe o tempo a jovial beleza,  
Mas tem o dote da maior nobreza  
Sua bondade não se acabará.

Morrerei breve, porém Deus lhe dá  
Força e coragem com a natureza  
De no semblante não mostrar tristeza  
Quando sozinha for viver por cá.

Não tenho terra, gado, nem dinheiro,  
Só tenho o galo dono do terreiro  
Que a madrugada nunca ele perdeu.

Conserva esposa, minha pobre herança,  
Seja bem calma, paciente e mansa,  
Você não chore, que este galo é seu.

# EU SOU DO CAMPO

Eu sou do campo, pois nasci ali  
Assim Deus quis e assim Deus me fez,  
Muito me orgulho de ser camponês,  
Sou filho nato deste Cariri.

Sou glorioso, pois a maior glória,  
É ver a lua e ver do sol o brilho,  
Tenho na vida minha linda história,  
Pois sou casado, tenho esposa e filho.

No pequenino e lindo pirilampo  
De noite vejo dos primores seus,  
Se o vento ruge na relva do campo  
No seu sussuro eu ouço a voz de Deus.

O grande sábio quando me observa  
Diz venturoso com prazer sem fim:  
Só Deus que é grande em seu poder conserva  
Um Patativa tão feliz assim.



## A MORTE

Certa vez, em meu roço de algodão,  
Não sei como, perdendo a roçadeira,  
Avistei uma velha na carreira  
Conduzindo uma foice em sua mão.

Me prostrei de joelhos sobre o chão  
E pedi com a voz terna de freira,  
Me empreste sua foice mensageira,  
Tenha deste coitado compaixão.

E a velha respondeu com a voz forte:  
Eu lhe empresto, mas veja, eu sou a morte,  
Para mim, nunca foice há de faltar.

Mas lhe aviso, você tenha cuidado,  
O seu dia pra mim está marcado,  
É com esta que eu venho lhe matar.

### ESTRAMBOTE

No momento que a foice eu agarrei  
Num buraco profundo eu enterrei,  
Nunca mais da tal foice eu esqueci,  
Sei que a mesma com raiva me procura  
Me querendo levar pra sepultura,  
Mas não sabe onde a foice eu escondi.

## A MINHA CINZA

Arde o cigarro em direção da boca,  
Pelo espaço a fumaça vai subindo  
E a cinza em seu curso é muito pouca  
Pois em migalhas vai no chão caindo.

Fica o fumante de garganta rouca,  
Mas iludido com um sonho lindo  
E enquanto sonha esta esperança louca  
Cinza e cigarro vão diminuindo.

Do cigarro eu terei a mesma sorte,  
Serei fumado um dia pela morte,  
Pois da vida conheço este mistério.

A morte há de chegar, ela me pita,  
E alguém choroso um dia deposita  
A minha cinza lá no cemitério.

## MOTE

O fumo mata a pessoa  
E a gente não deixa o fumo.

## GLOSAS

Vicente muito sofreu,  
Mas hoje está muito bem,  
Vicente Gonçalves tem  
Mais coragem do que eu,  
Bastante cigarro ardeu,  
Porém seguiu novo rumo,  
Acabou todo consumo  
E hoje vive a dizer loa:  
O fumo mata a pessoa  
E a gente não deixa o fumo.

Com o vício que me domina  
Já sinto meu corpo exague  
E vejo meu próprio sangue  
Repleto de nicotina,  
Nem que eu tome vitamina  
Conheço que não me aprumo  
Sem fumar não me acostumo  
E por isto vivo à toa,  
O fumo mata a pessoa  
E a gente não deixa o fumo.

## O SABIÁ VAIDOSO

Um sabiá vaidoso do seu canto,  
Se julgava um maestro quase santo  
E de todas as aves a primeira  
Na linda copa de uma laranjeira.

Seu gorjeio repleto de doçura  
Despertava saudade, amor, ternura,  
De orgulhoso e vaidoso ele pensava  
Que o mundo inteiro a ele se curvava,  
Com a força vibrante de harmonia  
Novas notas criou naquele dia.

Um simples passarinho, uma avezinha,  
Que nem sequer no mundo um nome tinha,  
Por direito que assiste ao passarinho  
Naquela copa fez também seu ninho  
E modesto, com muita singeleza,  
Obedecendo à sábia natureza,  
Cheio de vida o seu biquinho abriu:  
Piu, piu, piu, piu, piu  
Piu, piu, piu, piu, piu  
Piu, piu, piu, piu, piu.

O sabiá se achando enfurecido,  
Para ele falou, seu atrevido!  
Com este canto que soltaste agora  
Tu desvirtuas minha voz sonora,  
Com a tua cantiga dissonante  
Tu não passas de um bicho ignorante,  
Eu não quero te ouvir perto de mim,  
Quem te ensinou cantar tão feio assim?

Do passarinho pobre de harmonia,  
Mas muito rico de filosofia,  
Logo a resposta o sabiá ouviu:  
– Este meu canto, piu, piu, piu, piu, piu,

Que o destino fiel me permitiu  
Para ninar os filhotinhos meus,  
Seu sabiá quem me ensinou foi Deus!

## A COBRA FALOU

Zé Maria era um rude camponês  
Assinar o seu nome não sabia.  
Mas contudo encerrava polidez  
A moral natural de Zé Maria.

O trabalho foi sempre o seu estudo  
Para ele esta lida era um brinquedo,  
Era o nome de Deus o seu escudo  
E por isto de nada tinha medo.

Mas um dia encontrou grande perigo,  
Medonha cascavel, um monstro imundo,  
O camponês até pensou consigo  
Que era aquela a mais velha deste mundo.

O caboclo sentiu grande surpresa,  
Porém dando uma prova de valente  
Erguendo um pau já tinha por certeza  
Machucar a cabeça da serpente.

Quando a cobra falou bem comovida:  
– Zé Maria, eu lhe peço por piedade,  
Eu lhe rogo que poupe a minha vida  
Pela Santa e Divina Majestade.

Meu veneno é fatal, é bem verdade,  
Sei que muitos me chamam de assassina,  
Mas eu tenho uma grande utilidade,  
Eu concorro em favor da medicina.

Que eu sou útil no mundo não esqueça,  
Eu sou filha de Deus, sou sua irmã;  
Se há de esmagar sem dó minha cabeça,  
É melhor me levar ao Butantã.

Aquele homem sensato e muito crente,  
Fé nas coisas de Deus tinha com sobra,  
Fez com gosto o pedido da serpente,

Voltou da roça sem matar a cobra.

# TEIA DE ARANHA

A Aranha, famosa artista  
E ao mesmo tempo tramista,  
Vive da desgraça alheia,  
Tem tudo a todo momento,  
Pois nunca falta o alimento  
Nos fios de sua teia.

O besouro incauto voa  
E finda ficando à toa  
Naquela dura prisão,  
Assim, a sabida aranha  
Colhe com a sua manha  
A sua alimentação.

O pequeno animalzinho  
Segue livre o seu caminho  
Sem conhecer da maranha  
Quando involuntariamente  
Se encontra aquele inocente  
Na falsa rede da aranha.

Parando na teia o inseto  
Passa uns momentos inquieto  
Mas não pode se livrar,

Preso naquele tecido  
Sente que está proibido  
Seu direito de voar.

Os nossos analfabetos  
São como aqueles insetos,  
Com a mesma circunstância  
Seus direitos são negados  
E vivem subordinados  
Na teia da ignorância.



# A MULHER

A mulher é sofredora  
Em sua constante lida  
E é a maior protetora  
Que o homem tem nesta vida.

Por gratidão e dever  
Merece o nosso carinho,  
Nunca vi alguém fazer  
Casa pra morar sozinho.

Se existe infidelidade  
Entre os lares conjugais  
E a mulher faz falsidade  
O homem faz muito mais.

Ela esteja onde estiver  
Merece o nosso respeito  
Esta vida sem mulher  
É como o sonho desfeito.

Ela é a rainha do lar,  
É nosso querido bem,  
Não há quem possa negar  
O direito que ela tem.

Vejo o seu valor profundo,  
Lhe censure quem quiser,  
Só quero viver no mundo  
Enquanto existir mulher.

## MINHAS FILHAS

Minhas filhas eu vejo que são três  
E cada qual é da beleza irmã,  
Se eu quero Lúcia, muito quero Inês,  
Da mesma forma quero Miriã.

Vendo a meiguice da primeira filha,  
Vejo a segunda que me prende e encanta,  
A mesma estrela que reluz e brilha,  
Se olho a terceira, vejo a mesma santa.

Se a cada uma com fervor venero,  
Fico confuso sem saber das três  
Qual a mais linda e qual a mais eu quero,  
Se é Miriã, se é Lúcia ou se é Inês.

E já velho, a pensar de quando em quando  
Que brevemente voltarei ao pó,  
Eu sou feliz e morrerei pensando  
Que as três filhas que eu tenho é uma só.

## MOTE

Caía de gota em gota  
Sumia de pingo em pingo.

## GLOSA

Fez a garota um balcão  
Todo preparado a nível  
Porém água no sertão  
É um sacrifício horrível.  
A água era tão vasqueira  
Que da ponta da mangueira  
Desde a segunda ao domingo  
No canteiro da garota  
Caía de gota em gota  
Sumia de pingo em pingo.

## MOTE

Com o grito do dinheiro  
A justiça não se apruma.

## GLOSAS

Ante o seu brado guerreiro,  
A honra desaparece,  
A razão empalidece  
Com o grito do dinheiro;  
O sujeito interesseiro,  
Que com ele se acostuma,  
De qualquer forma se arruma,  
Desconhece o próprio pai,  
Pois onde dinheiro vai,  
A justiça não se apruma.

Movimenta o mundo inteiro  
Este metal cobiçado,  
Fica tudo alvoroçado  
Com o grito do dinheiro,  
Onde ele forma um berreiro,  
Não respeita coisa alguma,  
Grita, guincha, berra, espuma,  
Derruba a lei do conceito,  
Pobre ali não tem direito,  
A justiça não se apruma.

## MOTE

Só desgraça traz a guerra,  
Defendemos, pois, a paz.

## GLOSAS

Deve a paz sempre reinar  
Em todo e qualquer sentido,  
Pois a guerra nos tem sido  
A causadora do azar;  
Rouba o nosso bem-estar  
E o nosso sonho desfaz,  
Chora o ancião e o rapaz  
Na hora em que o canhão berra,  
Só desgraça traz a guerra,  
Defendemos, pois, a paz.

A paz é um bem comum  
Que nos enche de prazer,  
Deve sempre florescer  
No peito de cada um,  
Da guerra o triste zum-zum  
É obra de Satanás,  
O vil inimigo audaz  
Tudo destrói, tudo aterra,  
Só desgraças traz a guerra,  
Defendemos, pois, a paz.

A paz é a salvação,  
A vida e a felicidade,  
A guerra é a barbaridade,  
O luto, a dor, a aflição,  
A miséria e a traição,  
Com seu instinto mordaz;  
Portanto, a todos apraz  
Implantar a paz na terra,  
Só desgraças traz a guerra,

Defendemos, pois, a paz.

Fui certa noite cantar

No sítio do Jenipapo,

E ouvi lá um bate-papo

Que me fez admirar;

Dizia, à luz do luar,

O velho Juca Tomaz:

– Perca o guerreiro o cartaz

Desde o vale até a serra!

Só desgraças traz a guerra,

Defendemos, pois, a paz.

# ESTA TERRA PARECE UM PARAÍSO

Eu nasci nesta serra de Santana  
Hoje a mesma está muito diferente  
Mas a tenho guardada em minha mente  
Toda hora e minuto da semana.

Era aqui que eu limpava jitirana  
Quando a mesma enramava em minha frente  
Fui robusto, fui forte e fui valente  
Com as graças da Virgem Soberana.

Pedacinho de Terra onde eu nasci  
Um momento de ti não esqueci  
E é por isso que em versos eu preciso.

Com as ordens do nosso Criador  
Dizer sempre com fé e com amor  
Esta Terra parece um Paraíso.

## PERCORRENDO O NORDESTE EM PREGAÇÃO

Seguiu sempre contente o seu caminho  
Porque foi por Jesus um enviado  
Por adulto e criança foi beijado  
Ninguém via na praça ele sozinho,  
Seu roteiro foi sempre bem-talhado  
Mesmo sendo pisado sobre espinho  
Nesta Terra foi muito venerado  
Nosso santo e querido capuchinho.  
Bem distante da Terra, no Brasil,  
Sob a sombra do nosso céu de anil,  
Foi bastante feliz Frei Damião,  
Quer no campo e também pela cidade  
Prometendo uma santa eternidade  
Percorrendo o Nordeste em pregação.



# VOU CASAR SEM SABER VOCÊ QUEM É

Mesmo preta bem preta não me engana  
Com a cor acabar minha paixão,  
Pois pertence à sagrada criação  
É semente que vem da raça humana.

Inda mesmo que sendo uma africana,  
Ou que seja da Itália ou do Japão  
É produto que vem do mesmo Adão  
A Sagrada Escritura é Soberana.

Se sabemos que amor é um segredo  
Ninguém vem contra mim formar enredo  
Só em Deus nesta vida eu tenho fé,

Se lhe prezo, estimo e quero bem  
Pouco importa saber de onde é que vem  
Vou casar sem saber você quem é.

## VIVE DOIDINHA A PROCURAR MARIDO

Esta mulher que esperançosa passa  
Com aparência de mulher bem nova,  
Quatro maridos sacudiu na cova  
E agora o quinto satisfeita passa.

Falou na venda, bote uma cachaça,  
Depois os dentes com cuidado escova,  
Devido à pinga rimou uma trova  
Porém a mesma não serviu de graça.

Teve a viúva quatro casamentos  
E os seus maridos muitos sofrimentos,  
Mataram três e um foi falecido.

E ela vaidosa, com o mesmo instinto,  
Qual cobra-preta procurando pinto  
Vive doidinha a procurar marido.

## É PRECISO SABER COMPOR SONETO

Poesia é um dom da natureza  
Que nos enche de graça e de alegria  
Mesmo o tema tratando de ironia,  
De revolta, de choro e de tristeza.

Foi Olavo Bilac com certeza,  
Com o Guima na sua companhia  
Nos mostrando a maior filosofia  
Versejando com muita realeza.

Eu nasci inspirado sertanejo  
Com a lira na mente tudo vejo  
Um só erro no verso não cometo.

Pois conheço a ciência bem completa  
Para o cara provar que é bom poeta  
É preciso saber compor soneto.

# GAROTO INTELIGENTE

Um garoto inteligente,  
Disse um dia em minha porta:  
– Olhe uma galinha morta  
Que eu achei!

Há pouco presenciei  
Quando a raposa pegou  
E logo que me avistou  
Correu.

Já que isto aconteceu,  
Se Patativa e Belinha  
Não quiseram a galinha  
Eu quero.

Respondi-lhe: eu considero  
Que uma galinha assim,  
Sem ser cevada é ruim  
De tragar.

Querendo pode levar  
Pois até me causa espanto  
Em ver que você a tanto  
Se atreve.

Mas antes que você leve  
Este presente esquisito  
Vou fazer corpo delito  
Na galinha.

Não vi marca na bichinha  
Dos dentes do animal,  
Mas vi um grande sinal  
De pedrada.

E eu disse: meu camarada  
Sua história aqui não medra  
Raposa atirando pedra

Só se eu visse!

Tudo que você me disse  
Fazendo grande alvoroço  
Foi pra pegar um almoço  
De graça.

Por esta vez você passa,  
Mas vou pedir-lhe uma coisa  
Não brinque mais de raposa  
Em meu terreiro.

## VERSOS DO PATATIVA

Trabalhei qual condenado  
Lá nas minas da Sibéria,  
Porém vejo o meu roçado  
Exposto à grande miséria.  
O milho não tem boneca,  
E o feijão deu um sapeca  
Com o sol abrasador.  
Não chovendo agora em maio,  
Não há de esperança um raio  
Para o pobre agricultor.

Ouve-se o triste lamento,  
Dinheiro que é bom não há  
E os preços dos alimentos  
Estão no inferno pra lá.  
Aqueles mais precavidos  
Correram espavoridos  
E foram viver no Sul  
E outros ainda estão  
Aguardando a proteção  
Do chefe Garrastazu.

É um sofrimento horrendo,  
A mais doida confusão,  
Muitos já estão querendo  
Sair para o Maranhão.  
Quem já gozou um colosso  
Sofre na hora do almoço  
O pior abacaxi.  
Em vez de arroz com galinha,  
É um pirão de farinha  
Temperado com pequi.

Há cabras que não mastiga,  
Pois sofre uma crise roxa,

Diminuindo a barriga  
E as calças ficando frouxa,  
Em alguma habitação  
As panelas do fogão  
Estão no maior relaxo,  
Que entristece e desanima,  
Umas de fundo pra cima,  
Outras de boca pra baixo.

Não ligo este aqueta, aqueta,  
Pois já conheço o capricho  
Atrás de quem é poeta  
Sempre anda correndo um bicho.  
Não vou ligar prejuízo  
E ainda sendo preciso

Vender a minha viola,  
Eu não ficarei surpreso,  
O Gonzaga morreu preso  
E Camões pedindo esmola.

No meu viver de matuto  
Ao lado da minha gente,  
Trabalhando como um bruto,  
Estou preso na corrente  
Na base do papagaio,  
Porém daqui para maio  
Eu irei a Fortaleza  
Saber se a noiva do sol  
Canta como um rouxinol  
Ou também chora tristeza.

# MINHA CASTANHOLA

*Ao amigo Manoel Ferreira*

Castanhola, de sombra alvissareira,  
Começou lá no Crato a sua vida  
E lá mesmo me foi oferecida  
Como presente de Manoel Ferreira.

Que alguém queira me crer ou que não queira  
Foi você minha oferta preferida,  
É belo ver a sua fronde erguida  
Nesta praça da Santa Padroeira.

Era nova, bem nova, uma plantinha,  
Quatro folhas apenas você tinha  
E hoje frondosa cheia de beleza.

Já transformada em um arbusto amigo,  
Olhando a copa satisfeito digo:  
Muito obrigado! sábia natureza.



# A VOZ DO MILHO ABANDONADO

*Nesta poesia de Patativa, o milho fala e critica Patativa e seus filhos, porque deixaram o mato invadi-lo.*

Ai di di  
Patativa e sua gente  
Pensam que manga é pequi  
Me enterraram neste chão,  
Não voltaram mais aqui,  
O mato era tão fechado  
Que não sei como nasci.

Ai di di  
Dentro deste grameal  
Nunca mais o sol eu vi  
Já tem ninho de rolinha  
De campina e bem-te-vi  
E tem galho onde se arrancha  
Boca-torta e enxuí.

Ai di di  
Ô povo ingrato danado  
Deste jeito eu nunca vi.  
A moita de unha-de-gato  
Dizendo a de calombi:  
Comadre, a coisa está boa,  
Pai-luis já vem ali.

Ai di di  
Boiadeiro, boiadeiro,  
Quando passar por aí,  
Tenha cuidado em seu gado,  
Que aqui também tem tinguí  
E a catinga de gambá  
Não é gambá, é tipí.

Ai di di  
Tenho vivido apertado

Que só tatu no jequi  
Com saudade do sabugo  
Onde tão quieto vivi  
Sofrer deste jeito assim  
Só mesmo no Cariri.

# O PARAFUSO

*Apelido que pegou no referido, devido à maneira como ele andava, torcendo e retorcendo.*

Segurando na mão bengala tosca  
De cigarro na boca e enxada ao ombro  
Sem ter mais onde caiba ruga e rosca  
A andar pela estrada causa assombro.

Simulando contar lentas passadas,  
Com olhar piedoso e gesto implório,  
Do cigarro despacha baforadas  
Qual fumaça que sai do purgatório.

E com ar de quem não está querendo,  
Desta forma ele vai fora da linha,  
Pensativo torcendo e destorcendo,  
Trabalhar no roçado do Zequinha.

No roçado, torcido e retorcido,  
Vai sem jeito cavar a terra dura,  
Como se ele estivesse arrependido  
A cavar sua própria sepultura.

Mas ouvindo dizer: venha almoçar,  
Fica todo contente e transformado,  
Apressando as passadas pra voltar  
Da bengala se esquece no roçado.

O Zequinha que vive já sem fé  
Pois conhece o rojão acostumado,  
Lhe pergunta afinal, compadre Zé,  
Quantos eitos limpou no meu roçado?

Ele faz uma pausa e não esconde,  
Enganar ao compadre não adianta,  
Paciente, com calma, lhe responde  
(Mas depois de um tempero de garganta).

– Tirei três, mas puxei grande rojão,

As carreiras são largas e compridas  
E nós todos sabemos que já estão  
As camadas da terra ressequidas.

Eu na enxada me enrolo e desenrolo  
Trabalhando constante e com cuidado,  
Mas do solo e também do subsolo  
O molhado já foi evaporado.

O Zequinha que vive um tanto mouco  
É preciso lhe ouvir segunda vez  
E achando que o trabalho é mesmo pouco  
Se conforma em ouvir-lhe o português.

# INGRATIDÃO

Amai-vos uns aos outros, Ele dizia  
Quando a santa doutrina apresentava  
E aquela multidão que o escutava  
Indiferente a voz do Mestre ouvia.

Além e mais além Ele seguia  
E os exemplos de amor a todos dava,  
Porém a humanidade sempre escrava  
Do orgulho, da inveja e da anarquia.

Morreu Jesus no topo do calvário,  
Com o fim de remir o mundo vário  
Foi seu sangue inocente derramado,

Mas, o mundo cruel e enfurecido  
Em sequestros e bombas envolvido  
Continua na lama do pecado.

## À PROFESSORA NEUMA

Para o seu nome se eu achasse rima  
Seria isto para mim um gozo,  
Mas, tudo belo, grande e precioso  
É bem difícil neste nosso clima.

Procurei meios com bastante estima,  
Foi um trabalho bem dificultoso,  
Mas mesmo sendo para mim custoso,  
Não me entristece nem me desanima.

Se falta rima do seu belo nome,  
Eu tenho muitas para o sobrenome  
Que tanto brilha, que enriquece e doura,

Se, com a lira a palestrar converso,  
Logo três rimas vêm no mesmo verso,  
É Neuma Moura, a loura professora.

# MEU RECADO A SÃO PEDRO

*18 de julho de 1988*

Amigo Fernando Amaro,  
Se a vida nos traz beleza,  
A morte vem de surpresa  
E acaba todo preparo,  
É este o prêmio, meu caro,  
Que o fim da vida nos dá,  
No caixão você está  
E eu serei o mesmo réu,  
Diga a São Pedro no Céu  
Que breve eu chegarei lá.

Lhe diga que a morte ingrata  
Tem abatido bastante  
E ainda vai muito adiante  
Porque velho aqui é mata,  
Meu cabelo cor de prata  
A minha morte anuncia,  
Quando chegar o meu dia  
Quero o meu cantinho lá  
Ao lado do meu xará  
Castro Alves da Bahia.

## A TRISTE PARTIDA

Passou-se setembro,  
outubro e novembro,  
estamos em dezembro,  
meu Deus que é de nós?  
assim diz o pobre  
do seco Nordeste  
com medo da peste  
e da fome feroz.

A treze do mês  
fez a experiência  
perdeu sua crença  
nas pedras de sal  
com outra experiência  
de novo se agarra  
esperando a barra  
do alegre Natal.

Passou-se o Natal  
e a barra não veio  
o sol tão vermeio  
nasceu muito além  
na copa da mata  
buzina a cigarra  
ninguém vê a barra  
pois barra não tem.

Sem chuva na terra  
descamba janeiro  
até fevereiro  
no mesmo verão  
reclama o roceiro  
dizendo consigo:  
meu Deus é castigo  
não chove mais não.



Apela pra março  
o mês preferido  
do santo querido  
senhor São José  
sem chuva na terra  
está tudo sem jeito  
lhe foge do peito  
o resto da fé.

Assim diz o velho  
sigo noutra trilha  
convida a família  
e começa a dizer:  
Eu vendo o burro,  
o jumento e o cavalo  
nós vamos a São Paulo  
viver ou morrer.

Nós vamos a São Paulo  
que a coisa está feita  
por terra alheia  
nós vamos vagar  
se o nosso destino  
não for tão mesquinho  
pro mesmo cantinho  
nós torna a voltar.

Venderam o burro,  
jumento e cavalo  
até mesmo o galo  
venderam também  
e logo aparece  
um feliz fazendêro  
por pouco dinhêro  
lhe compra o que tem.

Em cima do carro  
se junta a família  
chega o triste dia  
já vão viajar

a seca é terrível  
que tudo devora  
lhe bota pra fora  
do torrão natá.

No segundo dia  
já tudo enfadado  
o carro embalado  
veloz a correr  
o pai de família  
triste e pesaroso  
um filho choroso  
começa a dizer.

De pena e saudade  
papai, sei que morro  
meu pobre cachorro  
quem dá de comer?  
E outro responde:  
Mamãe, o meu gato  
da fome e maltrato  
Mimi vai morrer.

A mais pequenina  
tremendo de medo  
mamãe, meu brinquedo  
e meu pé de fulô  
a minha roseira  
sem água ela seca  
e minha boneca  
também lá ficou.

Assim vão deixando  
com choro e gemido  
seu Norte querido  
um céu lindo azul  
o pai de família  
nos filhos pensando  
o carro rodando  
na estrada do Sul.

O carro embalado  
no topo da serra  
olhando pra terra  
seu berço seu lar  
aquele nortista  
partido de pena  
de longe acena  
adeus, Ceará.

Chegaram em São Paulo  
sem cobre e quebrado  
o pobre acanhado  
procura um patrão  
só vê cara feia  
de uma estranha gente  
tudo é diferente  
do caro torrão.

Trabalha um ano  
dois anos mais anos  
e sempre no plano  
de um dia inda vim  
o pai de família  
triste maldizendo  
assim vão sofrendo  
tormento sem fim.

O pai de família  
ali vive preso  
sofrendo desprezo  
e devendo ao patrão  
o tempo passando  
vai dia e vem dia  
aquela família  
não volta mais não.

Se por acaso um dia  
ele tem por sorte  
notícia do Norte  
o gosto de ouvir

saudade no peito  
lhe bate de molhos  
as águas dos olhos  
começam a cair.

Distante da terra  
tão seca mas boa  
sujeito a garoa  
a lama e o paul  
é triste se ver  
um nortista tão bravo  
viver sendo escravo  
na terra do Sul.

# MÃE PRETA

O coração do inocente,  
É como a terra estrumada,  
Qui a gente pranta a simente  
E a mesma nace corada,  
Lutrida e munto viçosa.  
Na nossa infança ditosa,  
Quando o amô e a simpatia  
Toma conta da criança,  
Esta sodosa lembrança  
Vai batê na cova fria.

Quem pela infança passou,  
O meu dito considera,  
Eu quero, com grande amô,  
Dizê Mãe Preta quem era.  
Mãe Preta dava a impressão  
Da noite de iscuridão,  
Com seus mistero profundo,  
Iscondendo seus praneta;  
Foi ela a preta mais preta  
Das preta qui eu vi no mundo.

Mas, porém, sua arma pura,  
Era branca como a orora,  
E tinha a doce ternura  
Da Virge Nossa Senhora.  
Quando amanhecia o dia,  
Pra minha rede ela ia  
Dizendo palavra bela;  
Pra cuzinha me levava  
E um cafezim eu tomava  
Sentado no colo dela.

Quando as minha brincadêra  
Causava contrariedade

A minha mãe verdadêra  
Com a sua orotidade,  
Às vez brigava comigo  
E num gesto de castigo,  
Botava os óio pra mim,  
Mas porém, não me batia,  
Somente praque sabia  
Qui mãe preta achava ruim.

Por isso, eu não tinha medo,  
Sempre contente vivia  
Mexendo nos meus brinquedo  
E fazendo istripolia.  
Dentro de nossa morada,  
Pra mim não fartava nada,  
O meu mundo era Mãe Preta;  
Foi ela quem me ensinou  
Muntas cantiga de amô,  
E brincá de carrapeta.

Se às vez eu brincando tava  
De barbuleta a pegá,  
E impaciente ficava  
Inraivido a chorá,  
Ela com munta alegria,  
Um certo jeito fazia,  
Com carinho e com amô,  
Apanhava as barbuleta;  
Foi ela uma santa preta,  
Que o mundo de Deus criou.

Se chegava a noite iscura  
Com seus negrume sem fim,  
Ela com toda ternura,  
Chegava perto de mim  
Uma coisa cochichava  
E depois qui me bejava,  
Me levava pra dromida  
Sobre os seus braços lustroso.

Aquilo sim, era gozo,  
Aquilo sim, era vida.  
E depois de me deitá  
Na minha pequena rede,  
Balançava devagá  
Pra não batê na parede,  
Contando estes lindos verso  
Qui neste grande universo  
ôtros mais belo não vi,  
E enquanto ela balançava  
E estes versinho cantava,  
Eu percorrava dromi.

– Dorme, dorme, meu minino,  
Já chegou a escuridão,  
A treva da noite escura  
Está cheia de papão.

No teu sono terás beijos  
Da rosa e do bugari  
E os espíritos benfazejos  
Te defendem do Saci.

Dorme, dorme, meu minino,  
Já chegou a escuridão  
A treva da noite escura  
Está cheia de papão.  
Dorme o teu sono inocente  
Com Jesus e com Maria,  
Até chegar novamente  
O clarão do novo dia.

Isutando com respeito  
Estes verso pequenino,  
Eu sentia no meu peito  
Tudo quanto era divino;  
Nem tuada sertaneja  
Nem os bendito da igreja,  
Nem os toque de retreta,

In mim ficaro gravado,  
Como estes versos cantado  
Por minha boa Mãe Preta.

Mas porém, eu bem minino,  
Qui nem sabia pecá,  
Os ispinho do destino  
Começaro a me furá.  
Mãe Preta qui era contente,  
Tava um dia diferente,  
Preguntei o que ela tinha  
E assim qui ela oiô pra eu  
Dois pingo d'água desceu  
Dos óio da coitadinha.

Daquele dia pra cá,  
Minha amorosa Mãe Preta,  
Não pôde mais me ajudá  
Nas pega de barbuleta,  
Sem prazê, sem alegria  
Dentro de um quarto vivia,  
O dia e a noite intêra,  
Sem achá consolação,  
Inriba de seu croxão  
De foia de bananera.

Quando ela pra mim oiava,  
Como quem sente um desgosto,  
A minha mão apertava  
E o pranto banhava o rosto.  
Divido este sofrimento,  
Naquele seu aposento,  
No quarto onde ela vivia,  
Me improibiro de entrá,  
Promode não magoá  
As dô que a pobe sintia.

Eu mesmo dizê não sei  
Qual foi a surpresa minha,  
Quando um dia eu acordei,



Bem cedo demenhãzinha  
Entrei na sala e dei fé  
Qui um magote de muié  
Tava rezando oração;  
E vi Mãe Preta vestida  
Numa ropona comprida,  
Arva, da cô de argodão.

Sinti no peito um cansaço,  
Depois uns home chegaro  
Levantaro ela nos braço  
E numa rede botaro.  
A rede tava amarrada  
Numa peça perparada  
De madêra bem polida,  
E naquela mesma hora,  
Levaro de estrada afora  
Minha Mãe Preta querida.

Mamãe com todo carinho  
Chorando um bêjo me deu  
E me disse – meu fiinho,  
Sua Mãe Preta morreu!  
E ôtras coisa me dizendo,  
Sinti meu corpo tremendo,  
Me jurguei um pobre réu,  
Sem consolo e sem prazê,  
Com vontade de morrê,  
Pra vê Mãe Preta no céu.

O coração do inocente,  
É como terra estrumada  
Que a gente pranta a semente,  
E a mesma nasce corada  
Lutrida e munto viçosa;  
Na nossa infança ditosa,  
Quando o amô e a simpatia  
Toma conta da criança,  
Esta sodosa lembrança

Vai batê na cova fria.

## A ESCRAVA DO DINHEIRO

Boa noite, home e minino  
E muié deste lugá!  
Quero que me dê licença  
Para uma históra contá.  
Como matuto atrasado  
Eu dêxo as língua de lado  
Pra quem as língua aprendeu,  
E quero a licença agora  
Mode eu contá minha históra  
Com a língua que Deus me deu.

Mas ante de eu começá,  
Eu premeramente vou  
Dizê que o dinhêro é  
O maiô trensformadô,  
Apois sabe o mundo intêro  
Que este bichinho dinhêro,  
Com sua força e podê,  
A sua mancha, o seu jeito,  
Tem feito munto sujeito  
Sisudo se derretê.

Dinhêro transforma tudo,  
Dinhêro é quem leva e traz,  
Eu nem quero nem dizê  
Tudo o que dinhêro faz.  
Apenas aqui eu conto  
Que ele pra tudo tá pronto,  
Ele é cabrêro e treidô,  
É carrasco e é vingativo,  
Só presta pra sê cativo,  
Não presta pra sê senhô.

A pessoa neste mundo  
Bota o pé na perdição

Quando ela dêxa o dinhêro  
Gonverná seu coração.  
Pra o povo que tá me uvindo  
Não dizê que tou mentindo  
Eu vou agora contá  
Uma históra pequenina,  
A históra de Regina,  
Pra ninguém me duvidá.

Regina era minha noiva,  
Meu amô, minha inlusão,  
A morena mais bonita  
Do meu querido sertão.  
Seus grandes óio perfeito  
Fazia quarqué sujeito  
Tropeçá no brocotó,  
Era vê no mês de maio  
Dois grande pingo de orvaio  
Tremendo na luz do só.

Os seus laibo era corado  
Como a cera da cupira,  
A fala tinha a doçura  
Do favo da jandaíra.  
O nariz bem afilado,  
Cabelo preto e anelado,  
Da cô da pena do anum.  
Todos que conheceu ela  
Dizia que era a mais bela  
Do sertão dos Inhamun.

E era mêrmo a mais bonita,  
Quem conheceu inda diz,  
Ela tinha a perfeição  
Da Santa lá da Matriz  
Quando na festa se enfeita.  
Se as mão dela era benfeita,  
Mais benfeito era os seus pé,  
Vocemincêis pode crê:

Valia a pena se vê  
Essa franga de muié.

Mas dêrna de eu pequenino  
Que eu oiço o povo dizê  
Que no mundo um bom sem farta  
Não houve, nem pode havê.  
Pra que coisa mais formosa,  
Mais bonita e luminosa  
De que a pinta da corá?  
Mas ela tem um veneno  
Que mata o grande e o pequeno,  
Triste do que ela pegá!

Ninguém lê nos coração,  
E este mundo é um imbé,  
Onde o cabra engole delas  
Que o Diabo enjeita e não qué.  
Muitas coisas se padece  
Só porque ninguém conhece  
No mundo véio, infeliz,  
Onde é que a bondade mora;  
Às vez, o que é bom por fora  
Por dentro não vale um xis.

Regina tinha um defeito  
Que eu não posso perdoá;  
Era escrava do dinhêro,  
Era toda de metá...  
Quando ela me falava  
No luxo que desejava  
Pusêra, colá, cordão,  
Vestido de seda e crepe,  
Era mêmô que uns estrepe  
Furando em meu coração.

Ora, sendo eu um cabôco  
Dos mato, assim como sou,  
Que só pissuo uma roça  
E um cavalo corredô,

Quando essas coisa escutava  
Meu juízo latejava  
Num reboliço sem fim.  
Não acabava o noivado  
Porque tava enraizado  
Esse amô dentro de mim.

Eu tava louco de amô,  
Queria mêrmo casá.  
Já tinha inté perparado  
Acasa pra nós morá.  
O pai dela e seus parente  
Já tava tudo ciente  
Da nossa santa união.  
O povo todo sabia  
Que nós casava no dia  
Do mártir Sebastião.

Vinha chegando janêro,  
Era vespra de Natal;  
Foguete de toda sorte  
Subia rompendo o á;  
A meninada em folia  
Brincando se divertia  
Com traque, com buscapé,  
E as moça e seus namorado,  
Cada quá mais animado  
Rodava nos carrossé.

Os cabôco mais farrista  
Devorava aqui e ali  
Um tragozinho gostoso  
De cana do Cariri.  
E o beato Zé Perêra  
Com as muié rezadêra  
E outras famia de bem,  
Todos de prazê repreto  
Preparava os objeto  
Da lapinha de Belém.

Eu era naquele dia  
O mais feliz do sertão;  
Passeava com Regina  
Segurado em sua mão,  
E era por este respeito  
Que eu tava bem satisfeito,  
Alegre como xexéu  
Na cajazêra cantando  
Quando o só vem apontando,  
Beijando as nuve do céu.

Mas é certo aquele dito  
Dos véio antigo de atrás:  
Que o cão não come nem bebe  
Senão das arte que faz.  
Naquela noite de festa  
Eu vi o Diabo de testa,  
Coisa de fazê tremê,  
E embora forte e disposto  
Senti o maió desgosto  
Que o home pode sofrê.

Chegou num carro de luxo,  
Mandado não sei por quem,  
Um desses home perdido  
Que este nosso mundo tem,  
Todo pronto, engruvatado,  
Não sei por quem foi mandado  
Aquele crué dragão,  
Que chegou ali somente  
Mode entristecê a gente  
Daquela povoação.

Pelo jeito parecia  
Que o sujeito era ricaço,  
Tinha um relójo no peito  
E ôto na cana do braço,  
E mais ôtas fantasia,  
Na hora que ele se ria

A boca era ôro só,  
E além dos ôro dos dente,  
Uma bonita corrente  
Na gola do palitó.

Era alinhado devera  
Aquele rico freguês,  
Uns três anelão no dedo,  
No nariz uns pichinez;  
Não pude sabê seu nome,  
Nem tombém sube aquele home  
Aonde era moradô.  
Só sei que quando falava,  
Na sua conversa dava  
As parença de um dotô.

A sua fala não era  
Como as fala do sertão.  
Tinha todo o requifife  
Da coisa de inducação,  
Mas não valia de nada,  
Era inducação formada  
De pena, tinta e papé.  
Era inducação no jeito,  
Mas tinha dentro do peito  
Veneno de cascavé.

Naquela noite de festa,  
Provou com seu mau costume  
Que a inducação dele era  
Fora do santo rejume.  
Quando ele oiou pra Regina,  
Pra beleza da menina,  
Vi logo que ele ficou  
Mardando e se penerando,  
Como gavião oiando  
Pra rola fogo-pagou.

Regina oiava pra ele  
Mas sem pensá em xodó,



Sua ceguêra era o enfeito  
Da gola do palitó,  
Eu tava vendo e sabia  
Que não era simpatia,  
Era inveja, era imbição,  
Não era amô nem caboge,  
Era os ôro, era o reloge,  
A corrente e os anelão.

Agora vocemincêis  
Preste atenção e me escute,  
Pra sabê como o dinhêro  
Faz a pintura do fute.  
Apois aquele sujeito,  
Me fartando com o respeito  
E abrindo pertinho d'eu  
Uma bolsa atopetada  
De nota verde e rajada,  
Regina se derreteu.

Regina se transformou  
E com inveja sem fim  
Piscava os óio pro cara,  
Sem querê sabê de mim.  
E pra encurtá minha história,  
Mais tarde umas certas hora  
Qué sabê o que ela fez?  
Me engabelou sem escrupulo  
E logo, tráz-zás num vupo,  
Foi se embora com o freguês.

Pras banda do Pioí  
O descarado azulou,  
Com Regina, a sertaneja,  
A causa da minha dô.  
Por isso é que eu disse e digo:  
Dinhêro é grande inimigo,  
Dinhêro é farso e crué,  
E ainda mais faz afronta

Quando ele toma de conta  
De um coração de muié.

Ninguém vá pensá que eu conto  
História que uvi contá,  
Isso se passô comigo  
Numa noite de Natá,  
Vinte e quatro de dezembro.  
Inda hoje, quando me lembro  
Daquela farsa Regina,  
Daquela ingrata cabôca,  
Eu sinto no céu da boca  
Um gosto de quina-quina.

Já tou véio e sou casado,  
Não tenho mais inlusão,  
Mas inda vejo Regina  
Na minha imaginação,  
Essa mágua inda padeço,  
Pelejo mas não me esqueço  
Do má que ela fez a mim,  
Inda me fere e me dói,  
Não sei pra que Deus estrói  
Beleza com gente ruim.

Ô natureza de cobra!  
Bem dizia o meu avô  
Que há gente pra tudo e sobra  
Neste mundo enganadô.  
Eu fiquei horrorizado,  
Quage doido, amalucado,  
De vê aquela muié  
Se atravancá nos abismo  
Por causa de uns argarismo  
E uns pedaço de papé.

Dinhêro é um fogo ardente  
Que faz munto coração  
Se derretê como cera  
Na quintura do tição.

Dinhêro trensforma tudo,  
Faz de um alegre um sisudo,  
Dá nó e desmancha nó,  
E finalmente o dinhêro  
É o maió feiticêro,  
É o Rei do Catimbó.

## MARIA TÊTÊ

Dotô, meu sinhô dotô,  
Eu nunca gostei de inredo  
Mas vou lhe dizê quem sou  
Mesmo sem pedi segredo.  
Sou um cabôco sem sorte,  
Naci nas terra do Norte  
E se de lá vim me imbora  
E tô no Sú do país,  
É somente praque fiz  
Um casamento caipora.

Nunca quis questão nem briga  
Nem com quem já me ofendeu  
Não sei praque Deus castiga  
Um home bom como eu  
Que não matrata ninguém.  
Pro sinhô conhecê bem,  
Meu nome é Joge Sutinga,  
Sou honesto e sou honrado  
E nunca fui viciado,  
Não fumo, nem bebo pinga.

Promode vivê tranquilo  
Não gosto de censurá,  
Só acredito naquilo  
Que vejo a prova legá  
E é por isto que eu tou certo  
Que o mundo é cheio de isperto  
Iganando a boa fé;  
O dotô vai já sabê  
Quem foi Maria Têê,  
A minha ingrata muié.

Têê era uma morena  
Destas que sabe laçá

Que infeitiça e que invenena  
Logo do premêro oiá:  
Lôco por ela eu vivia  
E ela tombém me queria  
Nóis dois tava apaxonado  
Com o mesmo pensamento  
Até que veio o momento  
Do casamento azalado.

Casei com muito prazê,  
Pois com certeza lhe digo,  
Nunca Maria Têê  
Se aborrecia comigo.  
Além de sê munto bela,  
Minha vontade era a dela,  
Sua vontade era minha  
A nossa vida eu cumparo  
Duas conta do rosaro  
Correndo na mesma linha.

No meu vivê de marido,  
Fiz inveja a munta gente,  
De Têê sempre querido,  
Mas como sou decendente  
De famia de agregado,  
Com dois ano de casado  
Por capricho do destino,  
Ao lado da minha prenda  
Eu fui morá na fazenda  
Do coroné Virgulino.

A fazenda era um colosso  
De terra, miunça e gado  
E o coroné, belo moço  
Lôro, dos óio azulado.  
Recebeu nós satisfeito,  
Com tenção e com respeito,  
Com delicada manêra,  
Com inducação e brio,

Como quem recebe um fio  
Qui vem das terra istrangêra.

E me dixe: seu Sutinga,  
Pode morá sossegado,  
Tem baxio e tem catinga  
Pro sinhô botá roçado.  
Mode o sinhô trabaiá,  
Toda vez que precisá,  
Posso lhe arrumá dinhêro  
E in suas arrumação,  
Se achando com precisão,  
Pode matá um carnêro.

Com o que ele dixe a mim,  
Eu falei para a Têê:  
Patrão delicado assim,  
É custoso a gente vê,  
Com esta grande franqueza  
Já quage tenho a certeza  
De nós miorá depois,  
Este é patrão de verdade;  
Repare a felicidade  
Correndo atrás de nós dois.

As promessa que ele fez  
Correto desempenhava,  
E com seis ou sete mês  
Que nós na fazenda tava,  
Quando foi um certo dia  
No caminho que descia  
Pra cacimba de bebê,  
Têê achou um tesôro,  
Era um rico cordão de ôro,  
Valia a pena se vê.

Eu lhe dixe com razão:  
– Grande preço a joia tem,  
Acho bom guardá o cordão  
Que o dono a percura vem.

Mas Têê me arrespondeu:  
– Esta joia arguém perdeu,  
Ela tava no abandono  
Perdida inriba do chão,  
Vou usando este cordão  
Inté aparecê dono.

Com mais uns tempo pra frente  
Que isto tinha acunticido,  
Têê achou novamente  
Ôtro objeto perdido.  
Da cidade eu tinha vindo,  
Quando ela me oió se rindo  
Com seu oiá feiticero  
E dixe: quirido Jorge  
Hoje eu achei um reloge  
Que vale munto dinhêro.

Vendo que ela tinha sorte,  
O dito era verdadeiro  
Proque passava transporte  
Bem perto do meu terrêro,  
Dixe com sinceridade  
Sem um pingó de mardade  
Batê no meu coração:  
Este relóginho é  
De alguma rica muié  
Que passou no caminhão.

Logo um jurgamento eu fiz,  
De prazê todo repreto.  
Êita, que Têê feliz  
Promode achá objeto!  
Foi tanta felicidade,  
Que pra dizê a verdade  
Inté dinhêro ela achô.  
E com tanta coisa achada,  
Têê andava infeitada  
Que nem muié de dotô.

Ela já tinha pursêra  
Ané, reloge e cordão,  
Mas de minha companhêra  
Eu não censurava não!  
Pois delicada, tão boa,  
Eu não podia mardá.  
Meu coração é tranquilo,  
Só acredito naquilo  
Que veio prova legá.

O tempo alegre corria  
E nós alegre vivendo,  
Quando uma coisa eu queria,  
Têê já tava querendo.  
Causava admiração  
A nossa grande união,  
Sem ninguém se aborrecê.  
Tudo era amô e carinho,  
Mas porém nós dois sozinho  
Sem famía aparecê.

Ia dia, vinha dia,  
E a união a crecê  
Inté que chegou o dia  
De Maria adoecê.  
A pobre fazia pena,  
Sua cô que era morena  
Tava ficando amarela,  
Um fastio, uma murrinha  
E sintindo uma coisinha  
Friviando dentro dela.

Com esta situação  
Eu fiquei triste e sem graça,  
Pedi um burro ao patrão,  
Fui batê lá na farmaça  
E contei tudo ao dotô;  
Ele um caderno pegou  
E logo que o istudo fez



Me garantiu que Maria  
Ia sê mãe de famia  
No prauzo de nove mês.

Não era coisa medonha,  
O dotô logo deu fé  
Que era uma tal de cegonha,  
Que mexe com as muié  
Eu senti grande alegria  
Quando sube que Maria  
Ia sê a mãe de um fio,  
E tanto que da viage  
Só truxe uma beberage  
Mode ela acabá o fastio.

A gente fica contente  
Que só mesmo Deus conhece  
Quando o desejo da gente  
Na nossa vida acontece.  
Eu vivia a maginá  
Aqui, ali e acolá,  
No mato, in casa e na roça;  
Os nove mês eu contava,  
Quanto mais dia passava,  
Mais Têê ficava grossa.

Deus é grande e tem bondade  
Ele é o nosso Pai Celeste  
Que defende a humanidade  
De fome, de guerra e peste.  
Mas é preciso que eu diga,  
Não sei praquê Deus castiga  
Um home bom cumo eu.  
Dotô, veja o meu azá,  
Agora é que eu vou contá  
O que foi que aconteceu.

Certo dia da sumana,  
Eu chegando da cidade,  
Vi que na minha chupana

Tinha grande nuvidade,  
Tudo in ribuliço tava,  
Muié saía e entrava,  
Muié entrava e saía  
No maió contentamento;  
Têê naquele momento  
Já era mãe de famia.

Eu que tudo já sabia  
Sinti naquele segundo,  
A mais maió alegria  
Que si pode tê no mundo.  
Mas veja a sorte misquinha:  
Quando eu entrei na cuzinha,  
Uvi no pé do fogão  
Arguém, baixinho, dizê:  
O minino da Têê  
Tem a cara do patrão.

Com esta conversa feia,  
Que arguém cuchichou dizendo,  
Com um fogo nas urêia  
Saí pro quarto correndo  
E vi lá Têê deitada  
Na cama toda imbruiada,  
O corpo todo cuberto  
E a cara também ocurta,  
Como a pessoa qui furta  
E o rôbo vai discuberto.

Quando naquele minino,  
Eu vi a cópia fié  
Da cara do Virgulino,  
O traidô coroné,  
Vi que o tiro da desgraça  
Bateu in minha vidraça  
E a minha luz apagou.  
A coisa tava sem jeito,  
O coração no meu peito

Virou um bolo de dô.

Meu trumento e meu castigo  
Naquela criança eu via  
Não parecia comigo  
Nem com a mãe parecia.  
Têê da cô de canela;  
Tombém o cabelo dela  
Cô de pena de jacu  
E o capeta do minino,  
Lôro, do cabelo fino  
Além disto, os óio azu!

Foi grande a minha caipora  
E foi maió o meu desgosto,  
Eu saí de porta afora  
Com as duas mão no rosto  
Andando sem dereção;  
E fui me sentá no chão  
Lá pru detrás do currá.  
E pensando in meu distino  
Chorei mais de que minino  
Quando chora pra mamá.

Sinti minha arma firida,  
Não pude istancá meu choro,  
Porque Têê nesta vida  
Era todo o meu tesôro,  
E eu vi naquele momento  
Disonrado o juramento  
Mais sagrado deste mundo;  
Vi naquela hora misquinha  
Que a minha requeza tinha  
Virado um cheque sem fundo.

Com o corpo ardendo in brasa,  
Eu vortei de pé manêro  
E entrando dentro de casa  
Como o gato treiçãoêro  
Quando qué jogá o bote

Arrumei meus cafiote,  
Botei no borso uns vintém  
E como negro fugido  
Saí de casa escondido,  
Sem dizê nada a ninguém.

Dotô, derne aquele istante,  
Eu virei um vagabundo  
E hoje do torrão distante  
Ando na lasca do mundo,  
Sempre de ruim a pió,  
Sem ninguém de mim tê dó,  
Vagando com sacrifício  
Todo dia da sumana  
Como abêia-intaliana  
Quando não acha curtiço.

Muié farsa é um castigo  
E dela ninguém iscapa,  
Têê foi farsa comigo  
Dibaxo de sete capa  
Com a cara do seu fio  
Discubrio o trocadio,  
Vi que o reloge e os ané,  
A pursêra, o cordão de ôro  
E todo aquele tesôro,  
Quem deu foi o coroné.

Veja dotô minha sorte,  
Sou vagabundo infeliz  
Longe das terra do Norte,  
Aqui no Sú do país,  
Coberto de sofrimento,  
Só proquê meu casamento  
Com a Maria Têê  
Foi triste e foi azalado  
Foi mesmo que eu tê comprado  
Cartia pro ôtro lê.

*Guanabara, 8 de outubro de 1974.*

# O ROUXINOL E O ANCIÃO

*Ao meu filho Geraldo*

Meu filho querido, escuta:  
Com verdade absoluta  
Quero dar-te uma lição.  
Quero na tua memória  
Esta proveitosa história  
Do rouxinol e o ancião.

Um ancião imprevidente  
Criava, muito contente,  
Na gaiola o rouxinol.  
E extasiado escutava  
Quando o pássaro cantava  
Nas horas do pôr do sol.

O bom velho estudou tanto  
Aquele sonoro canto  
De melodia sem par,  
Com tal cuidado e vantagem  
Que daquela ave a linguagem  
Aprendeu a decifrar.

Um certo dia ele lendo  
Naquele canto e fazendo  
Os seus estudos sutis,  
Viu que o pobre, com saudade,  
Reclamava a liberdade  
Para poder ser feliz.

Cantava e fazia acenos,  
Pedindo ao senhor, ao menos,  
Um pouco de permissão,  
Voar um pouco queria,  
E de novo voltaria  
Para dentro da prisão.

O dono, com muita pena  
Daquela prisão pequena,  
Uma portinha abriu,  
E o preso, as asas abrindo,  
Voou, subindo, subindo,  
E no espaço se sumiu.

Mas oh, que fatalidade!  
Nessa curta liberdade  
Para voar na amplidão,  
Foi cair tão inocente  
Irremediavelmente  
Nas garras de um gavião.

O carancho esfomeado,  
Segurando o desgraçado,  
Ligeiro à terra baixou,  
E o ancião sem conforto,  
Vendo o passarinho morto,  
De arrependido chorou.

Meu filho, és um passarinho  
A quem paternal carinho  
Envolve na santa paz  
Nesta poesia rasa,  
A gaiola é a nossa casa  
Onde feliz viverás.

Enquanto os conselhos sábios  
Escutares de meus lábios  
Ouvindo minhas lições  
Como filho obediente  
Não cairás facilmente  
Nas garras das seduções.

Mas, como o pássaro implume,  
Que se transforma em condor,  
Tanto voaste e subiste,  
Até que, um dia, partiste,  
Com os louros da vitória.

Dorme em paz, Rogaciano:  
O Céu, a Terra, o Oceano,  
Cantarão a tua glória.

## AO DOTÔ DO AVIÃO

Seu dotô, fique ciente,  
Tudo aqui tá bem contente  
Proque no sertão chueu.  
Tudo mudou de sintido,  
Tem mio e feijão nascido  
E a chapada enverdeceu.

Toda noite e demenhã  
O sunga-neném e a rã,  
A gia e o foi-não-foi,  
Canta e não para um momento,  
Com o acompanhamento  
Do berro do sapo-boi.

Onde as água já fez poço,  
Que beleza, que colosso,  
Se uvi os sapo cantá,  
O cururu baculeja,  
Parece dentro da igreja  
Munto devoto a rezá.

E inquanto o pobre rocêro  
Todo esperto e prazentêro,  
Trata do trabaio seu,  
Depressa fazendo as pranta,  
Todo passarinho canta  
Com as voz que Deus lhe deu.

De verde a terra se cobre,  
Do sofrimento dos pobre  
Jesus agora deu fé;  
A chuva aqui não foi fraca  
Escangaiou a barraca  
Do comprade Zê Quelé.

Senhô dotô, me perdoi,



Porém, esta chuva foi  
Obra das leis naturá,  
É esta, que é a chuva nossa,  
Eu nunca segurei roça  
Com chuva artificiá.

No Nordeste do país  
O dotô propaga e diz  
Que o avião faz chuvê.  
Se o senhô tanto comenta,  
Pro que no ano 70  
Deixou tudo se perdê?

Com as chuva de artifiço  
Pro que não fez benifiço  
Ao povo do Ceará?  
Socorrendo esta pobreza  
Pra não dá tanta despesa  
À Sudene e à Cobá?

Se Jesus não socorresse  
E o povo daqui vivesse  
Esperando a solução  
Da sua triste ingrisia,  
Eu sei que tudo morria  
Sem vê um pé de feijão.

A chuva que móia e cria  
E quando o relampo bria,  
Depois estôra o truvão;  
Dêrne o vale até a serra,  
Nunca vi chuva na terra  
Mandada por avião.

Quando as nuve se avoluma,  
Formando uma grande ruma  
Que não pode resisti  
Cai a chuva verdadêra  
De roncá na cachuêra  
E o morro se demoli.

Seu dotô, tome conseio,  
Já que este seu apareio  
Não pode inverno mandá  
Impregue no ôtro trabaio  
Arranje ôtro quebra gaio  
Que deste jeito não dá.

Chuvê quero proque quero,  
É coisa que eu não tolero  
E é fato que eu nunca vi,  
Eu vivo inda incabulado,  
Proque no ano passado  
A minha roça eu perdi.

Seu avião, seu bisôro,  
Tá fazendo um grande agôro  
Cronta as coisa naturá,  
Respeite o Deus Verdadêro,  
Não mexa nos nevuêro,  
Seu dotô, vá se aquetá!

## O PICA-PAU

Eu quero dizê premêro  
Qui sou José Pituí  
Sou eu o mais verdadêro  
Do sertão onde naci,  
Gosto da sinceridade;  
In matera de verdade,  
Ninguém me passa quinau,  
Só conto o qui foi passado,  
Sou como diz o ditado:  
Mato a cobra e mostro o pau.

No sertão onde eu vivia,  
Toda noite de luá  
O povo se reunia  
Mode me uvi cunversá;  
Quando uma históra vagava  
Que arguém dela duvidava,  
Aquela gente dali  
Mode a verdade sabê,  
Só bastava uvi dizê  
Quem dixe foi Pituí.

Meu dereito ninguém tira,  
Só a verdade eu assino  
Nunca dixe uma mintira  
Nem quando eu era minino.  
Se tem pessoa isquisita,  
Que iscuta e não me acredita,  
Diz inté que eu sou um tolo,  
É só praque, infilizmente,  
O mundo tem munta gente  
Da cabeça sem miolo.

Mas a pessoa inducada,  
Que tem os papé bonito,

Sei que não duvida nada  
Das coisa que eu tenho dito.  
Mermo que arguém me recrame,  
E argum safado me chame  
Mintiroso ou vagabundo,  
Vou contá uma verdade,  
A maió casualidade  
Que aconteceu neste mundo.

Se Deus do Céu deu a cada  
Vivente a sua missão,  
Não me admiro de nada  
Inriba do nosso chão  
Derne o elefante ao inseto  
O mundo é todo compreto;  
O mundo de tudo tem,  
E por isso mesmo eu digo:  
Pra ninguém teimá comigo,  
Nunca teimei com ninguém.

Tem gente que se admira  
Dos astronata i na lua,  
Já ôtro diz que é mintira,  
Não crê na corage sua;  
Eu creio de conciença,  
Pois a Santa Providênça,  
O nosso Pai Criadô,  
Com o seu sabê profundo,  
Trabaiô, fez este mundo,  
Depois aos home intregô.

E os home com seus istudo  
Sabe vê e sabe jurgá  
Capaz de descobri tudo  
Entre as coisa naturá  
Isto eu vejo, sinto e creio;  
Neste mundo todo cheio  
De verdade e de pecado,  
Só uma coisa incrontei

Qui munto me adimirei  
E inda vivo admirado.

Conheço um pé de aruêra  
Bem perto do meu roçado,  
Que nesta mesma madêra  
Tem um gaio seco e ocado.  
Um pica-pau todo dia  
Naquele gaio batia...  
Batia... sem isbarrá.  
Inquanto ele ia batendo  
Ia, sem querê, fazendo  
Todas nota musicá.

Naquele seu disadôro,  
Com seu bico de pião,  
Caçava broca e bisôro  
Que é sua alimentação,  
Pois todos nós tem certeza  
Que as coisa da natureza  
Ninguém vai contrariá;  
Que seja ou não inocente,  
Deus não fez nenhum vivente  
Pra comê sem trabaiá.

Inquanto ia martelando  
No seu constante vai e vem,  
No gaio seco ia dando  
As nota que a musga tem;  
E o praquê daquilo tudo,  
Ninguém percisa de istudo,  
Pois inté mesmo o minino  
Esta razão adivinha  
Com certeza este oco tinha  
Lugá grosso e lugá fino.

Todo dia in meu trabaio  
Eu uvia achando bom  
O pica-pau lá no gaio,  
Biliscando e dando som.

Não sei que jeito ele fez,  
Inté qui uma certa vez  
Casuarmente tocou  
Uma musga toda certa,  
Eu fiquei de boca aberta  
Com isto que se passou.

Eu juro no santo nome,  
Como aquele pica-pau,  
Tarvez pro causa da fome  
Omentou mais o seu grau  
Apressando as bicorada,  
Dando jeito de toada,  
Lá no gaio da aruêra  
E tanto e tanto intuou,  
Inté que ele terminou  
Tocando a “Muié Rendera”.

Foi um ato casuá  
O que aconteceu ali  
Como aquele de Cabrá  
Quando discubriu o Brasí.  
Como era num gaio oco,  
O som era munto moco,  
Mas ele inzecutô bem,  
Eu vi, ouvi e dei fé,  
Não é históra quarqué,  
Contada por seu ninguém.

Nunca me deu sugestão  
I na lua os astronauta,  
Eles tem suas lição  
De jografia e gramata,  
Deus lhe deu intiligência,  
Mexeu com munta ciência  
Inté que pôde aprendê.  
Quando ele sai no fuguete  
Pra dá na lua um rodete,  
Já sabe o que vai fazê.

É coisa bem naturá  
Pois ele é home, tem mente;  
O que faz adimirá  
É um bichinho inocente,  
Um pobre inracioná  
Andando pra lá e pra cá  
Inguá uma lançadêra,  
Num gaio cheio de inrusga,  
Sem nada sabê de musga,  
Tocando a “Muié Rendêra”.

Tem gente besta que pensa  
Que ele queria aprendê,  
Mas porém, foi a inocênça;  
Ele tocou sem querê.  
Foi um fato casuá  
Não foi querendo tocá  
Como na armonca se toca;  
Se ele daquela manêra  
Tocou a “Muié Rendêra”  
Era precurando broca.

O mundo de tudo tem  
Por isso mesmo é que digo,  
Nunca teimei com ninguém,  
Pra ninguém teimá comigo,  
Mas porém tenho incrontado  
Sujeito má-inducado  
Que não qué me acreditá;  
Diz inté que eu tô mintindo,  
Mas Deus no Céu tá mi uvindo  
E o resto fique pra lá.

# A FOGUÊRA DE SÃO JOÃO

Meu São João, meu São Joãozinho!

Quanto amô, quanto carinho,

Quanto afiado e padrinho

Nesta terra brasilêra

Não tem a gente arranjado,

No quilaro abençoado,

Tão belo e tão respeitado,

Da sua santa foguêra.

Meu querido e nobre santo,

Que a gente qué e ama tanto,

Sua foguêra é o encanto

Da gente do meu sertão.

Não pode sê carculada

A porva que vai queimada

Nessas noite festejada

Da foguêra de São João.

Quantos véio bacamarte

Virge, que nunca fez arte,

Não tão guardado de parte,

Com amô e devoção,

Mode o povo sertanejo

Com eles fazê trovejo,

No mais alegre festejo

Da foguêra de São João!

Pois quarqué arma ferina,

Bacamarte ou lazarina,

Já criminosa, assarsina,

Como é a do caçadô,

Não tem a capacidade

De atirá com liberdade

Na santa quilaridade

Desta foguêra de amô.



Meu São João! Meu bom São João!  
Santo do meu coração,  
Repare e preste tenção  
Quanto é lindo o seu festejo.  
Repare lá do infinito  
Como isto tudo é bonito,  
Sempre digo e tenho dito  
Que o senhor é sertanejo!

O homem pode sê ruim  
E tê mardade sem fim,  
Vivê da intriga e moitim,  
Socado na perdição,  
Mas a farta mais grossêra,  
Mais e feia e mais agorêra,  
É de quem não faz foguêra  
Na noite de São João.

No mundo tem tanta gente  
Véia, já quage demente,  
Que não sente o que nós sente  
E desfruta por aqui,  
Gente sem gosto e sem sorte,  
Que já vai perto da morte,  
Sem vê um São João do Norte,  
Nas terras deste Brasília.

Quem veve lá na cidade  
Não conhece de verdade  
A maió felicidade,  
Pois nunca viu no sertão  
Três cabôco empareiado,  
Com seus bacamarte armado  
Dá três tiro encarriado:  
– Pei! Pei! Pei! Viva São João!

E o foguete e o buscapé,  
E o traque faz rapapé,  
Arvoroçando as muié,  
Quando elas vai sê madrinha,

E a contente criançada,  
Na mais doce gargaiada,  
Vai puxando uma toada,  
Brincando de cirandinha.

Nesta noite alegre e rica  
O prazê se mutiprica,  
Na latada de oiticida  
Tudo dança com despacho.  
O véio Jirome Guéde,  
Que sacrifício não mede,  
Toca o que o povo lhe pede  
Numa armonca de oito baxo.

Meu São João! Meu bom São João!  
Chuvinha, tiro e balão  
Nós lhe manda do sertão,  
Do nosso grande país,  
Damo viva a toda hora  
Quando o bacamarte estora,  
Dos santo lá da Gulora  
O senhô é o mais feliz!

A cinza santa e sagrada  
De sua foguêra amada,  
Com fé no peito guardada  
Quem tira um pôquinho dela  
Despois que se apaga a brasa  
E bota em roda da casa,  
Na vida nunca se atrasa,  
Se defende das mazela.

É tão grande, é tão imensa  
A minha fé e minha crença,  
Que se Deus me dé licença,  
Quando eu morrê, vou levá  
Grosso fêcho de madêra  
De angico e de catinguêra,  
Pra fazê uma foguêra  
Lá no céu, quando eu chegá.

# AMANHÃ

Amanhã, ilusão doce e fagueira,  
Linda rosa molhada pelo orvalho:  
Amanhã, findarei o meu trabalho,  
Amanhã, muito cedo, irei à feira.

Desta forma, na vida passageira,  
Como aquele que vive do baralho,  
Um espera a melhora no agasalho  
E outro, a cura feliz de uma cegueira.

Com o belo amanhã que ilude a gente,  
Cada qual anda alegre e sorridente,  
Como quem vai atrás de um talismã.

Com o peito repleto de esperança,  
Porém, nunca nós temos a lembrança  
De que a morte também chega amanhã.

## CONVERSA DE MATUTO

Zé Fulô e João Moiriço.

Zé Fulô:

Meu amigo João Moiriço,  
Eu agora fiquei certo  
Que nós já tamo bem perto  
De saí do sacrifício.  
Eu ontem uvi um comiço  
De um dotô que é candidato,  
Home sero e munto isato  
E ele garantiu que agora  
Vai havê grande miora  
Para o pessoá do mato.

No comiço ele falou  
Que depois que ele vencê,  
Vai com gosto potregê  
A cada um inleitô.  
O povo trabaiadô  
Que padece no roçado,  
Pode votá sem coidado  
Que depois das inleição,  
Com a sua potreção  
Vai tudo recompensado.

Aquele é home de bem,  
Quando desceu do palanco,  
Falou com preto, com branco,  
Com rico e pobre também;  
Ali não ficou ninguém  
Pra ele não abraçá,  
Veve sempre a conversá,  
É alegre e sastifeito,  
Num home daquele jeito  
Faz gosto a gente votá.

Do palanco ele desceu  
Alegre dizendo graça  
E mais tarde lá na praça  
Palestrando apareceu,  
Se assentou pertinho deu  
Lá num banco da venida,  
Perguntou por minha vida  
E disse na mesma hora  
Que a sua grande vitora  
Já tá quage dicidida.

E pediu que eu precurasse  
Com munta dilicadeza  
Aqui nesta redondeza  
Gente que nele votasse  
Que depois que ele ganhasse  
Ia as coisa resorvê.  
A premêra era fazê  
Aqui no nosso lugá  
Um grande grupo escolá  
Pra nossos fio aprendê.

Depois, um mioramento  
Pra nós podê trabaiá,  
Semente pra nós prantá  
Sem precisá pagamento,  
Quarquê coisa no momento  
É nós querê e pedi  
E depois de consegui  
Esta premêra vantaje,  
Vem uma bela rodage  
Da cidade até aqui.

Eu tenho isperança e fé  
Nas promessa do dotô  
E pedi a ele eu vou  
Um imprego pra José.  
Mais tarde, se Deus quisé,  
O meu fio faz figura,

Saindo da agricultura,  
Este cansado chamego  
E arranjando um bom imprego  
Lá dentro da Prefeitura.

E tanto, que vou caçá  
Argum voto por aqui;  
Já cunversei com Davi,  
Com Vicente e Vardemá,  
Fuloriano, Mozá,  
Mané Chico e Zé Lavô,  
Dona Suzana e Lindô,  
Napoleão e Romeu,  
E tudo me prometeu  
Que vai votá no dotô.

João Moiriço, meu amigo,  
Sei que você acredita,  
Não venho fazê visita  
Hoje aqui no seu abrigo;  
Oiça bem o que lhe digo  
Você nunca me faltou  
E a ocausão chegou  
De pedi seu voto isato  
Para o dotô candidato  
De prestíjo e de valô.

Isto que eu tou lhe falando  
É bom pra nosso futuro,  
Nóis tamo num grande escuro  
E uma estrela vem briando;  
Veja que você votando  
Neste home de tanto brio,  
Em quem com gosto confio,  
É um negócio importante  
Vai havê de agora em deante  
Escola pra nossos fio!

João Moiriço:

Meu amigo Zé Fulô,  
Vou lhe dizê a verdade:  
É véia a nossa amizade  
Porém você se enganou.  
Pode pedi, que eu lhe dou  
Uma quarta de feijão  
Uma arroba de argodão  
E cinco metro de fumo,  
Tudo com gosto lhe arrumo,  
Porém o meu voto, não!

Lhe dou, se você quisé,  
Minha boa lazarina  
E o meu galo de campina  
Que eu amo com muita fé,  
Dou minha porca Baié  
E o meu cachorro Sultão,  
Maria dá um capão  
E o Chico dá um cabrito,  
Isto tudo eu admito  
Porém o meu voto, não!

Meu amigo Zé Fulô,  
Não siga por esta tria,  
Você ainda confia  
Em premeça de dotô?  
Aquilo que ele falou  
É somente imbromação.  
Quando é tempo de inleição  
Esse home se prepara  
Trazendo um santo na cara  
E o diabo no coração.

Você não dê confiança,  
Pois quando a campanha vem,  
Com ela chega tombém  
A pabulage e a lembrança.  
Às vez os matuto dança  
Com as fia do dotô,

É aquele grolôlô,  
Tudo alegre e satisfeito,  
Ante do dia do preito  
Tudo é perfume e fulô.

Mas depois que passa o preito,  
O desmantelo renova,  
Palavriado não prova  
A bondade do sujeito.  
Pra garrafa deste jeito  
Não iziste sacarrôia.  
Não quera fazê iscôia  
Se não você sai perdendo,  
Este dotô tá inchendo  
As suas venta de fôia.

Isto já vem do passado  
E a pisada ainda é essa,  
Por causa dessas premissa  
Meu avô foi inganado,  
O meu pobre pai, coitado!  
Foi inganado tombém  
E eu, que já conheço bem,  
Pra votá sou munto franco,  
Mas porém só voto em branco,  
E não confio em ninguém.

Em branco eu tenho votado,  
Pois só assim me convém  
Proque votando em arguém,  
Traz o mesmo risurtado,  
Com certos palavreado  
Ninguém pode me inludi,  
Vivo trabaiaando aqui  
Nesta vida aperreada,  
Mas, não sou dregau de escada  
Pra seu fulano subi.

Zê Fulô, repare bem,  
As premissa é só na hora,



Porém, depois da vitória,  
Premessa valô não tem  
E esperá por quem não vem  
Matrata, dói e acabrunha,  
Digo e tenho testemunha,  
Quage todos candidato  
Tem a mamparra do gato,  
Dá um bote e esconde a unha.

Na campanha eleitorá  
Quando eles incronta agente,  
Chama de amigo e parente,  
Naquele parrapapá,  
Mas, depois de eles ganhá  
E recebê posição,  
A ninguém presta tenção,  
Assim que a gente repara,  
Vê logo a cara do cara  
Como cara de lião.

Zê Fulô, não seja bruto  
Seja mais inteligente,  
Repare que aquela gente  
Não faz conta de matuto.  
Não dou crença e nem escuto  
Premessa desses dotô,  
Pra não passá o que passou  
Sendo inganado e inludido,  
O meu pobre pai querido  
E o finado meu avô.

Tome esta boa lição,  
Dêxe logo esta veneta,  
Seja sero, não se meta  
Com fuxico de inleição;  
Este dotô sabidão  
Que agora lhe apareceu  
E tudo lhe prometeu,  
Depois da vitória pronta,

Fica fazendo de conta  
Que nunca lhe conheceu.

E se você se afobá  
E pegá com lero-lero,  
Zangado, falando sero,  
Querendo se revortá,  
Pedindo pra lhe pagá  
Todas promessa que fez,  
Ele, com estupidez,  
Fica cheio de malícia,  
Dá logo parte à puliça  
E lhe mete no xadrez.

Portanto, vá se aquetá  
Não entre neste curtiço.

# VOCÊ SE LEMBRA?

*À minha querida esposa Belinha*

Você se lembra de um feliz passado  
E inda gravado está no coração?  
No que nos deu uma alegria imensa,  
A gente pensa e não se esquece não.

Daquela quadra eu faço ainda estudo  
Relembro tudo e dou louvor a Deus,  
Versos saudosos a minh'alma canta  
Lagoa D'Anta dos prazeres meus.

Faz muito tempo, mas relembro aquelas  
Noites tão belas, bem enlugaradas,  
Você, repleta de vigor e graça;  
Lavava massa pelas farinhadas.

Eu, rude bardo, uma paixão cantava  
E lhe julgava nos meus doces cantos,  
A camponesa minha preferida,  
Para na vida consolar meus prantos.

Esperançosos fomos nos amando,  
Ambos pensando em um feliz noivado,  
Até que um dia o nosso lindo sonho  
Sempre risonho foi realizado.

Cumprindo as juras com prazer infindo  
Cantando e rindo pela vida afora  
A gente via no conjugal ninho  
Luz e carinho de uma nova aurora.

Trinta e seis anos nós assim vivemos  
Exemplos demos de coração nobre,  
Com paciência dentro da guarida  
A nossa vida de família pobre.

Aos trinta e sete, que tristeza a nossa!  
Deixei a roça como a gente vê

E conduzido pelo negro fado  
Vivo afastado, longe de você.

Longe e saudoso neste meu retiro,  
Triste suspiro do meu peito arranco.  
Eu quero ainda no meu lar viver!  
Eu quero ver o seu cabelo branco.

Querida esposa, guia do meu norte,  
Vejo que a sorte veio contra mim;  
Para quem tem um coração sensível,  
É muito horrível padecer assim.

*Guanabara, novembro, 1974*

# MARIA DE TODO JEITO

Sou um pobre vagabundo  
Meu nome é Mané Preá,  
Vivo vagando no mundo  
Que nem bola de biá  
Pelo taco sacudida;  
A história de minha vida  
É de arrupiá cabelo,  
Vou cantá pubricamente,  
Pra todos ficá ciente  
De onde vem meu dismantelo.

Vou dá uma prova boa,  
Por mintira ninguém tome.  
A bondade da pessoa  
Nada tem com o seu nome.  
Minha mãe era Maria,  
Nome que lhe deu a pia  
Numa abençoada hora;  
Era carinhosa e bela.  
Maria do jeito dela  
Só mesmo Nossa Senhora.

Divido a sua bondade  
E o seu nome tão bonito,  
Eu tinha grande vontade,  
Uma esperança, um parpito  
De quando ficá rapaz,  
Pra omentá meu cartaz  
Meu prazê, minha alegria  
E a vida ficá mais boa,  
Casá com uma pessoa  
Com o nome de Maria.

E quando rapaz fiquei,  
Foi sacrifício de morte,

Andei, virei, revirei  
E a coisa não dava sorte;  
Foi um trabaio penoso,  
Porém eu sempre teimoso,  
Sem mudá meu pensamento,  
Queria praque queria,  
Toda Maria que eu via  
Lhe falava em casamento.

Naquele meu abandono,  
Eu incabulado andava,  
De noite não tinha sono,  
De dia não trabaiava  
E de tanto maginá  
Naquele meu grande azá  
Ainda uns dia passei  
Leso, de cabeça tonta,  
Não sei nem dizê a conta  
Das malas que eu arrastei.

Lá mesmo no meu distrito  
Morava umas dez Maria,  
Mas por arte do mardito  
As mesmas não me quiria  
Quando do assunto eu tratava,  
Muntas inté se zangava.  
Era uma grande caipora.  
E eu vendo que não achava  
No lugá onde morava  
Dei um broqueio pra fora.

A gente só desingana  
Dispois que chega no fim;  
Se deu no sito Imburana  
Um animado festim  
E fui com munta alegria  
Percurá uma Maria,  
Porém, não deu resurtado,  
Tive uma sorte misquinha

Na festa as moça já tinha  
Cada quá seu namorado.

Porém dispois de hora e meia  
Vi chegá perto de mim  
Uma moça gorda e feia  
Do cabelo de afinin;  
Tinha aquela criatura  
O corpo inguá, sem cintura.  
O pescoço era incuído  
Sua venta era achatada  
Os óio munto ruído  
E as pestana bem faiada.

Como quem amô percura  
Aquele rola de gente,  
Com toda sua feiura  
Se sentou na minha frente  
E eu fiz que não tava vendo  
Dispois fiquei conhecendo  
Que a gurducha da Imburana  
Me arreparava e surria  
Piscava os óio e batia  
Aqueles quatro pestana.

Eu vendo aquela figura  
Se atirando pra meu lado,  
Divido a sua feiura  
Fiquei bastante acanhado  
Com aquela arrumação;  
Mas dixe com meus botão:  
Ela não tem um siná  
De beleza e simpatia  
Mais, porém, se fô Maria  
Ainda vou me arriscá.

Casamento não se apela,  
Por não ser isto brinquedo:  
Me cheguei pra perto dela  
Como quem fica com medo

Quando vê uma visage;  
Depois criando corage,  
Preguntei com inergia  
Que naci foi pra sê home:  
Moça, me diga seu nome  
E ela respondeu: – Maria.

Com esta resposta bela,  
Meu coração se buliu,  
E a feiura da donzela  
Depressa diminuiu;  
Pois tinha o nome sagrado  
Tão querido e abençoado  
Da mamãe que Deus me deu.  
E eu repreto de alegria  
Preguntei logo: Maria,  
Você qué casá com eu?

Ela não teve demora  
Foi respondendo: pois não!  
Graças a Deus eu agora  
Descansei meu coração  
Sempre sempre tinha andado  
Procurando um namorado  
E vivendo sempre só  
No mundo do desengano,  
Já tou com trinta e dois ano  
E nunca achei um xodó.

Eu, com o prazê que tive  
Tratei logo de casá  
O mais dipressa pussive,  
Com medo de si acabá.  
Falando com o vigaro,  
Fui cuidá de meus preparo  
Naquela mesma sumana,  
E com doze ou quinze dia,  
Eu já tava com Maria  
Dentro da minha chupana.



Eu, com a minha Maria,  
Fumo tratá de vivê;  
Era uma amizade fria  
Mas dava pra se ruê.  
Porém veja o que ela fez,  
Depois de nove ou dez mês  
Que o casamento se deu,  
Maria tava sisuda  
Munto grossêra e bicuda  
Sem querê falá com eu.

Mamãe munto me queria,  
Era carinhosa e boa,  
Mas minha muié Maria  
Era o demônio in pessoa.  
Tanta força que botei  
Pra casá; quando casei  
Não tive felicidade,  
O maió desgosto tive,  
Vivendo assim como vive  
Um criminoso na grade.

Quando eu saía pra roça,  
Maria ficava in casa,  
Sisuda, de cara grossa,  
Raivosa pisando in brasa,  
E um certo jeito ela tinha  
Que in vez de tá na cozinha  
Se largava a passiá;  
Se eu vortava do roçado,  
O fogo tava apagado  
E o feijão sem cuzinhá.

E se um jeitinho eu caçava,  
Nas minhas arrumaçã  
E uma carninha comprava  
Pra misturá com feijão,  
Pra mim de nada sirvia.  
Quando pro roçado eu ia,

Munta vez aconteceu,  
A safada na cuzinha  
Cumê a carne sozinha  
E guardá o feijão pra eu.

Demenhã quando eu dizia:  
Maria, faça o café,  
Ela, bruta, respondia:  
Faça você, se quisé  
Não gosto de sê mandada  
E nem sou sua empregada;  
Era o que fartava agora!  
Sua preguiça era tanta  
Que merenda, armoço e janta,  
Tudo era fora da hora.

E assim Maria passava  
Toda noite e todo o dia;  
Aquilo que eu preguntava  
Munta vez não respondia.  
Umas palavra de agrado  
Não dizia pra meu lado  
Tava sempre zuruó,  
E além de sê priguiçosa.  
Bruta, grossêra e teimosa  
Tinha farta mais pió.

Sem confiá no marido,  
Muntas vez ela mandava  
Arguém me botá sintido  
Pra sabê se eu namorava.  
E toda minha sentença,  
Sofria com paciência,  
Mas porém achava feio  
Aquele seu mau costume,  
Pois além de tê ciúme  
Gostava dos home aleio.

Foi bem triste a vida minha,  
Foi bem triste o meu estado

Os objetos que eu tinha  
Dentro das mala guardado  
Maria dava sumiço.

Só Jesus sabe o supriço  
Que eu sufri nas unha dela,  
Filizmente, um miçanguêro  
Que passou no meu terrêro,  
Um dia carregou ela.

E hoje, só, no meu caminho,  
Vou pensando no ditado:  
É mió vivê sozinho  
Do que mal acompanhado –  
Foi esta a maió lição  
Passada inriba do chão.  
Não fiz meu prano direito,  
E agora conheço bem  
Que este mundo véio tem  
Maria de todo jeito.

*Hospital São Francisco de Assis  
Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1974.*

## SER FELIZ

Que tens, rico poderoso,  
Que em vez de um supremo gozo  
Tu vives tão desgostoso,  
Cabisbaixo e triste assim?  
Nessa tristeza absorto,  
Com o teu coração morto,  
Não acharás um conforto  
Nos teus tesouros sem fim?

Se aí por esse ambiente,  
Ante o cofre reluzente  
Tua pobre alma não sente  
Prazer e consolação,  
Abandona o teu tesouro,  
O brilhante, a prata e o ouro,  
E vem consolar teu choro  
Nas cabanas do sertão.

Vem matar o teu desejo  
Aqui, onde o sertanejo,  
Fruindo um prazer sobejo,  
Não sente o peso da cruz,  
E onde a lua cor de prata,  
Linda, majestosa e grata,  
Estende por sobre a mata  
Sua toalha de luz.

Vem consolar os teus prantos,  
Ouvir das aves os cantos  
E admirar os encantos  
Das obras da criação.  
Contemplando a natureza  
Expulsarás, com certeza,  
Esse manto de tristeza  
Que vive em teu coração.

Eu sei, por experiência,  
Pois desde a minha inocência,  
Nesta estrada, a Providência  
Dirigiu os passos meus.  
A vida vivo gozando,  
Sorrindo, alegre e cantando,  
Sempre amando e admirando  
As maravilhas de Deus.

Nunca descreve a verdade  
Quem diz que a felicidade  
Vive lá pela cidade,  
Entre as galas do salão.  
Ela reina soberana  
É dentro de uma choupana,  
Ao lado de uma serrana  
Que sabe mexer pirão.

É ao lado da sertaneja,  
Que trabalha, que peleja,  
E na vida só deseja  
Cumprir o santo dever,  
Sempre alegre, a fazer festa,  
Boa, carinhosa e honesta,  
Forte cabocla modesta,  
Que sabe amar e sofrer.

Ela reina na palhoça,  
Na mais rude e pobre choça  
Do pobre bardo da roça,  
Que no terreiro do lar,  
À noite todo pachola,  
Entre os filhos, que o consola,  
Dedilha a sua viola,  
Cantando à luz do luar.

Ser feliz é ser ditoso,  
Ser nobre é ser venturoso,  
Não é ser um poderoso,  
Ser rico é ter posição.

A doce felicidade  
É filha da soledade,  
Nasceu na simplicidade  
Sem ouro, sem lar, sem pão.

## ABC DO NORDESTE FLAGELADO

A – Ai, como é duro viver  
nos Estados do Nordeste  
quando o nosso Pai Celeste  
não manda a nuvem chover.  
É bem triste a gente ver  
findar o mês de janeiro  
depois findar fevereiro  
e março também passar,  
sem o inverno começar  
no Nordeste brasileiro.

B – Berra o gado impaciente  
reclamando o verde pasto,  
desfigurado e arrasto  
com o olhar de penitente;  
o fazendeiro, descrente,  
um jeito não pode dar,  
o sol ardente a queimar  
e o vento forte soprando,  
a gente fica pensando  
que o mundo vai se acabar.

C – Caminhando pelo espaço,  
como os trapos de um lençol,  
pras bandas do pôr do sol,  
as nuvens vão em fracasso:  
aqui e ali um pedaço  
vagando... sempre vagando,  
quem estiver reparando  
faz logo a comparação  
de umas pastas de algodão  
que o vento vai carregando.

D – De manhã, bem de manhã,  
vem da montanha um agouro

de gargalhada e de choro  
da feia e triste cauã:  
um bando de ribanã  
pelo espaço a se perder,  
pra de fome não morrer,  
vai atrás de outro lugar,  
e ali só há de voltar,  
um dia, quando chover.

E – Em tudo se vê mudança  
quem repara vê até  
que o camaleão que é  
verde da cor da esperança,  
com o flagelo que avança,  
muda logo de feição.  
O verde camaleão  
perde a sua cor bonita  
fica de forma esquisita  
que causa admiração.

F – Foge o prazer da floresta  
o bonito sabiá,  
quando flagelo não há  
cantando se manifesta.  
Durante o inverno faz festa  
gorjeando por esporte,  
mas não chovendo é sem sorte,  
fica sem graça e calado  
o cantor mais afamado  
dos passarinhos do norte.

G – Geme de dor, se aquebranta  
e dali desaparece,  
o sabiá só parece  
que com a seca se encanta.  
Se outro pássaro canta,  
o coitado não responde;  
ele vai não sei pra onde,  
pois quando o inverno não vem



com o desgosto que tem  
o pobrezinho se esconde.

H – Horroroso, feio e mau  
de lá de dentro das grotas,  
manda suas feias notas  
o tristonho bacurau.  
Canta o João corta-pau  
o seu poema funério,  
é muito triste o mistério  
de uma seca no sertão;  
a gente tem impressão  
que o mundo é um cemitério.

I – Ilusão, prazer, amor,  
a gente sente fugir,  
tudo parece carpir  
tristeza, saudade e dor.  
Nas horas de mais calor,  
se escuta pra todo lado  
o toque desafinado  
da gaita da seriema  
acompanhando o cinema  
no Nordeste flagelado.

J – Já falei sobre a desgraça  
dos animais do Nordeste;  
com a seca vem a peste  
e a vida fica sem graça.  
Quanto mais dia se passa  
mais a dor se multiplica;  
a mata que já foi rica,  
de tristeza geme e chora.  
Preciso dizer agora  
o povo como é que fica.

L – Lamento desconsolado  
o coitado camponês  
porque tanto esforço fez,  
mas não lucrou seu roçado.

Num banco velho, sentado,  
olhando o filho inocente  
e a mulher bem paciente,  
cozinha lá no fogão  
o derradeiro feijão  
que ele guardou pra semente.

M – Minha boa companheira,  
diz ele, vamos embora,  
e depressa, sem demora  
vende a sua cartucheira.  
Vende a faca, a roçadeira,  
machado, foice e facão;  
vende a pobre habitação,  
galinha, cabra e suíno  
e viajam sem destino  
em cima de um caminhão.

N – Naquele duro transporte  
sai aquela pobre gente,  
aguentando paciente  
o rigor da triste sorte.  
Levando a saudade forte  
de seu povo e seu lugar,  
sem um nem outro falar,  
vão pensando em sua vida,  
deixando a terra querida,  
para nunca mais voltar.

O – Outro tem opinião  
de deixar mãe, deixar pai,  
porém para o Sul não vai,  
procura outra direção.  
Vai bater no Maranhão  
onde nunca falta inverno;  
outro com grande consterno  
deixa o casebre e a mobília  
e leva a sua família  
pra construção do governo.

P – Porém lá na construção,  
o seu viver é grosseiro  
trabalhando o dia inteiro  
de picareta na mão.  
Pra sua manutenção  
chegando dia marcado,  
em vez do seu ordenado  
dentro da repartição,  
recebe triste ração,  
farinha e feijão furado.

Q – Quem quer ver o sofrimento,  
quando há seca no sertão,  
procura uma construção  
e entra no fornecimento.  
Pois, dentro dele o alimento  
que o pobre tem a comer,  
a barriga pode encher,  
porém falta a substância,  
e com esta circunstância,  
começa o povo a morrer.

R – Raquítica, pálida e doente  
fica a pobre criatura  
e a boca da sepultura  
vai engolindo o inocente.  
Meu Jesus! Meu Pai Clemente,  
que da humanidade é dono,  
desça de seu alto trono,  
da sua corte celeste  
e venha ver seu Nordeste  
como ele está no abandono.

S – Sofre o casado e o solteiro  
sofre o velho, sofre o moço,  
não tem janta, nem almoço,  
não tem roupa nem dinheiro.  
Também sofre o fazendeiro  
que de rico perde o nome,

o desgosto lhe consome,  
vendo o urubu esfomeado,  
puxando a pele do gado  
que morreu de sede e fome.

T – Tudo sofre e não resiste  
este fardo tão pesado,  
no Nordeste flagelado  
em tudo a tristeza existe.  
Mas a tristeza mais triste  
que faz tudo entristecer,  
é a mãe chorosa, a gemer,  
lágrimas dos olhos correndo,  
vendo seu filho dizendo:  
mamãe, eu quero morrer!

U – Um é ver, outro é contar  
quem for reparar de perto  
aquele mundo deserto,  
dá vontade de chorar.  
Ali só fica a teimar  
o juazeiro copado,  
o resto é tudo pelado  
da chapada ao tabuleiro  
onde o famoso vaqueiro  
cantava tangendo o gado.

V – Vivendo em grande maltrato,  
a abelha zumbindo voa,  
sem direção, sempre à toa,  
por causa do desacato.  
À procura de um regato,  
de um jardim ou de um pomar  
sem um momento parar,  
vagando constantemente,  
sem encontrar, a inocente,  
uma flor para pousar.

X – Xexéu, pássaro que mora  
na grande árvore copada,

vendo a floresta arrasada,  
bate as asas, vai embora.  
Somente o saguim demora,  
pulando a fazer careta;  
na mata tingida e preta,  
tudo é aflição e pranto;  
só por milagre de um santo,  
se encontra uma borboleta.

Z – Zangado contra o sertão  
dardeja o sol inclemente,  
cada dia mais ardente  
tostando a face do chão.  
E, mostrando compaixão  
lá do infinito estrelado,  
pura, limpa, sem pecado  
de noite a lua derrama  
um banho de luz no drama  
do Nordeste flagelado.

Posso dizer que cantei  
aquilo que observei;  
tenho certeza que dei  
aprozada relação.  
Tudo é tristeza e amargura,  
indigência e desventura.  
– Veja, leitor, quanto é dura  
a seca no meu sertão.

## A ESTRADA DE MINHA VIDA

Trilhei, na infância querida,  
Composta de mil primores,  
A estrada de minha vida,  
Ornamentada de flores.  
E que linda estrada aquela!  
Sempre havia ao lado dela  
Encanto, paz e beleza;  
Desde a terra ao grande espaço,  
Em tudo eu notava um traço  
Do pincel da natureza.

Viajei de passo lento,  
Pisando rosas e relvas,  
Ouvindo a cada momento  
Gemer o vento nas selvas;  
Colibris e borboletas  
Dos ramos das violetas  
Vinhão render-me homenagem,  
E do cajueiro frondoso,  
O sabiá sonoro  
Saudava a minha passagem.

O sol, quando despontava,  
Convertendo a terra em ouro,  
Em seus raios eu notava  
O mais sublime tesouro;  
E de noite, a lua bela  
Era qual linda donzela,  
De uma beleza sem fim;  
A sua luz prateada  
Tinha a cor imaculada  
Das vestes de um querubim.

Se a noite escura chegava  
Envolvida em seus negroses,

Uma santa me embalava,  
Cantando trovas de amores.  
E quando raiava o dia,  
Que do bercinho eu descia,  
Chegava aos ouvidos meus,  
Pelas brisas matutinas,  
O som das harpas divinas  
Dos santos anjos de Deus.

E eu seguia o meu caminho,  
Sempre alegre e sorridente,  
Balbuciando baixinho  
Minha canção de inocente.  
E enquanto, sem embaraço,  
Eu transpunha, passo a passo,  
Os tapetes da campina,  
No centro da espessa mata,  
As águas de uma cascata  
Cantavam ao pé da colina.

Nossa viagem de amor  
Nada me causava tédio,  
Tudo vinha em meu favor  
Pelo divino intermédio,  
Mas a torpe sedução,  
Qual fera na escuridão,  
Manhosa, sagaz e astuta,  
Atirou sem piedade  
Sua seta de maldade  
Contra minha alma impoluta.

Desde esse dia maldito,  
Tudo tornou-se o contrário,  
Foi se tornando esquisito  
Meu luzente itinerário.  
Segui pela minha estrada  
Como a folha arrebatada  
Na correnteza de um rio;  
Entre a grande natureza,

Tudo quanto era beleza  
Apresentou-se sombrio.

O sabiá não cantava  
Pelos bosques e colinas,  
Nem pela brisa chegava  
O som das harpas divinas.  
Só me ficou na memória  
Aquela quadra de glória  
Da minha infância feliz,  
Lá onde deixei guardados,  
Entre as roseiras dos prados,  
Meus brinquedos infantis.

Qual peregrino sem fé  
Atrás de um santo socorro,  
Um dia cheguei ao pé  
Do mais altaneiro morro,  
E subi pelos escombros,  
Levando sobre meus ombros  
Um fardo de paciência,  
Sem encontrar obstáculo,  
Galguei o alto pináculo  
Do monte da decadência.

Na mais horrível peleja,  
Vivo hoje em cima do cume,  
Onde a brisa não bafeja  
E as flores não têm perfume.  
A vagar triste e sozinho,  
Sem conforto e sem carinho,  
Na solidão deste monte,  
Não ouço o canto das aves,  
Nem os sussuros suaves  
Das claras águas da fonte.

No deserto desta crista,  
Ninguém consola meus ais,  
Fugiram da minha vista  
As belezas naturais.



Tudo, tudo me embaraça,  
A lua pelo céu passa  
Desmaiada e já sem cor,  
E as lanternas das estrelas  
Procuro e não posso vê-las,  
É triste o meu dissabor!

E aqui o que mais me pasma,  
Me faz tremer e chorar,  
É ver um negro fantasma  
Com as mãos a me acenar;  
Sempre, sempre me rodeia,  
E com voz horrenda e feia  
De quando em quando murmura  
Baixinho, nos meus ouvidos,  
Para descermos unidos  
Os degraus da sepultura.

## BRASI DE CIMA E BRASI DE BAXO

Meu compadre Zé Fulô,  
Meu amigo e companhêro,  
Faz quage um ano que eu tou  
Neste Rio de Janêro;  
Eu saí do Cariri  
Maginando que isto aqui  
Era uma terra de sorte,  
Mas fique sabendo tu  
Que a miséra aqui no Su  
É esta mesma do Norte.

Tudo o que procuro acho.  
Eu pude vê neste crima,  
Que tem o Brasi de Baxo  
E tem o Brasi de Cima.  
Brasi de Baxo, coitado!  
É um pobre abandonado;  
O de Cima tem cartaz,  
Um do ôtro é bem deferente:  
Brasi de Cima é pra frente,  
Brasi de Baxo é pra trás.

Aqui no Brasi de Cima,  
Não há dô nem indigença,  
Reina o mais soave crima  
De riqueza e de opulência;  
Só se fala de progresso,  
Riqueza e novo processo  
De grandeza e produção.  
Porém, no Brasi de Baxo  
Sofre a feme e sofre o macho  
A mais dura privação.

Brasi de Cima festeja  
Com orquesta e com banquete,

De uísque dreá e cerveja  
Não tem quem conte os rodete.  
Brasi de Baxo, coitado!  
Vê das casa despejado  
Home, minino e muié  
Sem achá onde morá  
Proque não pode pagá  
O dinhêro do alugué.

No Brasi de Cima anda  
As trombeta em arto som  
Ispaiando as porpaganda  
De tudo aquilo que é bom.  
No Brasi de Baxo a fome  
Matrata, fere e consome  
Sem ninguém lhe defendê;  
O desgraçado operaro  
Ganha um pequeno salaro  
Que não dá para vivê.

Inquanto o Brasi de Cima  
Fala de transformação,  
Industra, matéria-prima,  
Descobertas e invenção,  
No Brasi de Baxo isiste  
O drama penoso e triste  
Da negra necessidade;  
É uma coisa sem jeito  
E o povo não tem dereito  
Nem de dizê a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo  
Nas ponta das pobre rua  
O descontente cortejo  
De criança quage nua.  
Vai um grupo de garoto  
Faminto, doente e roto  
Mode caçá o que comê  
Onde os carro põe o lixo,

Como se eles fosse bicho  
Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,  
Estes fio do abandono,  
Que veve vagando à toa  
Como objeto sem dono,  
De manêra que horroriza,  
Deitado pela marquiza,  
Dromindo aqui e aculá  
No mais penoso relaxo,  
É deste Brasi de Baxo  
A crasse dos Marginá.

Meu Brasi de Baxo, amigo,  
Pra onde é que você vai?  
Nesta vida do mendigo  
Que não tem mãe nem tem pai?  
Não se afrija, nem se afobe,  
O que com o tempo sobe,  
O tempo mesmo derruba;  
Tarvez ainda aconteça  
Que o Brasi de Cima desça  
E o Brasi de Baxo suba.

Sofre o povo privação  
Mas não pode recramá,  
Ispondo suas razão  
Nas coluna do jorná.  
Mas, tudo na vida passa,  
Antes que a grande desgraça  
Deste povo que padece  
Se istenda, cresça e redrobe,  
O Brasi de Baxo sobe  
E o Brasi de Cima desce.

Brasi de Baxo subindo,  
Vai havê transformação  
Para os que veve sintindo  
Abondono e sujeição.

Se acaba a dura sentença  
E a liberdade de imprensa  
Vai sê legá e comum,  
Em vez deste grande apuro,  
Todos vão tê no futuro  
Um Brasi de cada um.

Brasi de paz e prazê,  
De riqueza todo cheio,  
Mas, que o dono do podê

Respeite o dereito aleio.  
Um grande e rico país  
Munto ditoso e feliz,  
Um Brasi dos brasilêro,  
Um Brasi de cada quá,  
Um Brasi nacioná  
Sem monopolo istrangêro.

# MEU CASTIGO

*Ao meu neto Expedito*

Por campo, vila e cidade,  
Andei no mundo à vontade,  
Atrás da felicidade,  
Esta flor tão desejada.  
Andei tanto, que cansei  
E a mesma não encontrei,  
Até que, por fim, me achei  
Com uma perna quebrada.

A minha dor a carpir,  
Passei noites sem dormir  
Procurando descobrir  
De onde o meu castigo vem;  
Pois, digo de consciência,  
Atendendo a providência,  
Durante a minha existência  
Nunca ofendi a ninguém.

Sem saber se era culpado,  
Já vivia encabulado,  
Mas, depois de ter pensado  
Toda a noite e o dia inteiro,  
Me veio a triste lembrança  
Com certa desconfiança,  
Que no tempo de criança  
Fui minino bodoqueiro.

De qualquer um camarada  
Sempre eu ganhava a parada,  
Não errava uma balada.  
Era escopeteiro exato  
No bodoque já fui rei  
E no tempo em que cacei,  
Muitas pernas eu quebrei

De passarinho no mato.

Aquelas aves, coitadas!  
Com suas pernas quebradas  
Por minhas cruéis baladas,  
Perdiam até seus ninhos.  
Estas causas recordando,  
Eu fico triste pensando  
Que agora é que estou pagando  
As pernas dos passarinhos.

Você, netinho Expedito,  
É atirador perito,  
Com o seu bodoque bonito,  
Nunca balada perdeu,  
Porém, ouça o que lhe digo:  
Fuja do grande perigo,  
Pense no triste castigo  
Que comigo aconteceu.

A minha hora chegou,  
Muito sofre o seu vovô,  
Por isso um conselho dou:  
Trate as aves com carinho;  
Guarde no seu coração  
A minha situação,  
Deixe o bodoque de mão,  
Não mate mais passarinho!

*Instituto Dr. José Frota, Pavilhão B  
Fortaleza, setembro de 1973.*

## VICENÇA E SOFIA OU O CASTIGO DE MAMÃE

Vou dá uma prova franca  
falando pra seu dotô  
gente preta e gente branca  
tudo é de Nosso Senhô  
mas tem branco inconciente  
que querendo sê decente  
diz que o preto faz e nega,  
que o preto tem toda faia  
não vê os rabo de paia  
que muitos branco carrega.

Pra sabê que o preto tem  
capacidade e valia,  
não vou mexê com ninguém  
provo é na minha famia;  
eu sou branco quage lôro,  
Mas no premêro namoro  
com a santa proteção  
da Divina Providença  
eu casei com a Vicença,  
preta da cô de carvão.

Ela não tinha beleza,  
não vou menti, nem negá,  
mas tinha delicadeza  
e sabia trabaiá,  
venta chata, beijo grosso  
e muito curto o pescoço  
disto tudo eu dava fé  
a feiura eu não escondi,  
os óio grande e redondo  
que nem os de caboré.

Mas Deus com sua ciência



em tudo faz as mistura  
a bondade de Vicença  
tirava a sua feiura  
e o amô não é brinquedo,  
amô é grande segredo  
que nem o saibo revela  
quando a Vicença falava  
parece que Deus mandava  
que eu casasse com ela.

Houve um baruío do diacho,  
papai e mamãe não queria  
fôro arriba e fôro abaxo  
mode vê se eu desistia  
um falava ôto falava,  
porém do jeito que eu tava  
eu não podia dexá,  
eu tava que nem ureca  
que depois que prega a seca  
nem tem quem possa arrancá.

Mamãe dizia: Romeu,  
veja a grande diferença  
veja a cô que Deus lhe deu  
e o perfume da Vicença,  
tenha vergonha, se ajeite  
aquela pipa de azeite  
não serve de companhia,  
isto é papé do capeta  
você com aquela preta  
desgraça a nossa famia.

Isto muito me aborrece,  
que futuro você acha  
nesta preta que parece  
um tubo sujo de gracha?  
Lhe dou um conseio agora;  
dexa tudo e vá se imbora  
ganhá dinhêro no Sú,

venda o meu burro e o cavalo  
vá se imbora pra São Paulo,  
acabe com este angu.

Mude a sua opinião  
senão você fica à toa,  
eu não lhe boto a benção  
e o seu pai lhe amaldiçoa,  
este infeliz casamento  
só vai lhe dá sofrimento  
isto eu digo e em Deus confio  
você vai se arrependê  
depois mais tarde vai tê  
vergonha até de seus fio.

Fio com mãe não discute,  
mas porém, com esta briga  
eu disse: mamãe, escute,  
é preciso que eu lhe diga,  
não fale da fia aleia  
a Vicença é preta e feia,  
não vou lhe dizê que não  
disto tudo eu já dei fé,  
mais eu não quero muié  
pra botá na exposição.

Mamãe, eu quero muié  
é promode me ajudá  
fazê comida e café  
e a minha vida zelá  
e aquela é uma pessoa  
que pra mim tá muito boa,  
o que é que a senhora pensa?  
Lhe digo sem brincadêra  
mamãe é trabaiadêra,  
mas não vai com a Vicença.

Dotô, mamãe desta vez  
de raiva ficou cinzenta,  
fungou inguá uma rez

quando cai água nas venta  
com raiva saiu de perto  
e eu achei que eu tava certo  
defendendo meu amô,  
pois tenho na minha mente  
que negro também é gente  
pertence a Nosso Senhor.

E eu disse: eu vou é cotá  
meu casamento pra riba,  
tenho idade de casá  
não vejo quem me improiba,  
saí como quem não foge  
fui na casa de Seu Joge  
cheguei lá, pedi licença  
e tratei do meu noivado,  
ficou tudo admirado  
do meu amô por Vicença.

E eu disse: mamãe e papai  
o casamento não qué,  
mas porém a coisa vai,  
mesmo havendo rapapé.  
Seu Joge eu quero é depressa,  
já dei a minha promessa  
e eu prometendo não nego,  
mesmo, eu conheço o direito,  
casamento deste jeito  
se faz é tráz-zás, nó-cégo.

Seu Joge com muito gosto  
fez as obrigação dele  
pois era forte e disposto,  
que eu nunca vi como aquele,  
depois que fez os preparo  
convidou seu Januário  
um bom tocadô que eu acho  
que é com o seu dom soberano,  
o maió pernambucano

pra tocá nos oito baxo.

Com a pressa que nós tinha,  
seu Joge tomou a frente  
como quem caça meizinha,  
pra quem tá com dô de dente,  
e depressa, sem demora,  
veio o dia e veio a hora  
do mais feliz casamento  
e perto do só se pô,  
seu Januário chegou  
montado no seu jumento.

Eita festona animada  
mió não podia sê  
o tamanho da latada  
não é bom nem se dizê,  
sogra, sogro e seus parente  
brincava tudo contente,  
cada quá o mais feliz,  
porém ninguém puxou fogo,  
nem houve banca de jogo  
proque seu Joge não quis.

Era noite de luá  
e a lua o mundo briando  
dentro das leis naturá,  
lá pelo espaço, vagando,  
poura como a consciênça  
de minha noiva Vicença,  
o meu amparo e meu bem,  
parece até que se ria  
e pras estrela dizia:  
Romeu tá de parabem.

Seu Januário sem medo  
tomou um pequeno gole  
e foi molegando os dedo  
no tecrado do seu fole,  
o véio, a moça e a criança

cairo dentro da dança  
com uma alegria imensa  
e eu com a noiva dançando,  
já ia me acostumando  
com o suó de Vicença.

Seu dotô, eu se que arguem  
não me acredita e me chinga,  
mas o suó de meu bem  
eu nunca senti catinga,  
esta vaidade tola  
da branca cronta a crioula,  
a maió bestêra é,  
com tudo a gente se arruma  
quarquê home se acostuma  
com o chêro das muié.

Seu moço, não ache ruim,  
pois eu vou continuá,  
uma históra boa, assim,  
só se conta devagá.

Já disse com paciência  
que eu casi com a Vicença,  
é este o premêro trecho,  
o mais mió deste mundo,  
agora eu conto o segundo  
pro senhô vê o desfecho.

Nem com a força do vento  
a luz de Deus não se apaga  
e quando chega o momento,  
aquele que deve, paga.

Munto ingnorante foi  
mamãe, que Deus lhe perdoi,  
e papai, o seu marido,  
nenhum falava com eu  
pra eles dois, o Romeu  
tinha desaparecido.

Mas nosso Deus verdadeiro

com a providença sua,  
escreve certo e linhêro  
até num arco de pua,  
lá um dia, a casa cai,  
com mamãe e com papai  
um desastre aconteceu,  
escute bem o que eu digo  
e veja como o castigo  
na casa deles bateu.

O meu irmão, o José,  
que ainda tava sortêro,  
lesado, besta e paié  
que nem peru no pulêro,  
se largou de seus coidado  
e por mamãe atizado,  
intendeu de se casá  
e casou com a Sofia,  
a mais bonita que havia  
praquelas banda de lá.

A Sofia era alinhada,  
branca do cabelo lôro,  
diciprinada e formada  
nas escola de namôro,  
o que tinha de fromosa,  
tinha também de manhosa.  
Dos trabaio de cozinha  
ela não sabia nada  
e pra sê bem adulada  
tomou mamãe por madrinha.

Foi a maió novidade,  
o casóro do José  
pra lhe dizê a verdade,  
sortaro até buscapé,  
foguete, traque e chuvinha,  
com o prazê que eles tinha  
foi comida pra sobrá,

houve armoço, janta e ceia  
mataro até minha uveia  
que eu tinha dêxado lá.

Foi grande o contentamento  
como iguá eu nunca vi  
e depois do casamento,  
era Sofia pra li  
e Sofia pra colá,  
a mamãe que pra cantá  
nunca teve intiligença,  
sorvejava a toda hora  
só proque tinha uma nora  
deferente da Vicença.

Mas pra fazê trapaçada  
Sofia era cobra mansa,  
inventou umas andada  
por aquela vizinhança  
e o meu irmão sem receio  
não ligava estes passeio  
confiando na muié,  
mas porém a descarada  
tava naquelas andada  
botando chifre em José.

A coisa inda tava assim  
na base da confusão,  
alguns dizia que sim  
outros dizia que não,  
mas foi pegado em fagrante  
lá dentro de uma vazante  
nuns escondidos que tinha,  
e quer sabê quem pegou?  
Não fui eu, nem seu dotô,  
foi mamãe sua madrinha.

A mamãe toda tremendo  
naquele triste segundo,  
como se tivesse vendo

uma coisa do ôtro mundo,  
vortou pra casa chorando  
lamentando e cramunhando  
o caso que aconteceu  
e a Sofia foi-se embora,  
largou-se de mundo afora  
nunca mais apareceu.

Por causa daquele imbruio  
minha mamãe acabou  
com a suberba e o orgúio  
que sempre lhe acompanhou.  
Mandou pedi com urgência  
que eu fosse mais a Vicença  
monde me botá a benção,  
pois ela e o seu marido  
de tudo que tinha havido  
queria pedi perdão.

Com o que fez a Sofia,  
mamãe virou gente boa  
e dizia, minha fia  
Vicença, tu me perdoa!  
Como o pobre penitente  
que dentro da sua mente  
um fardo de curpa leva,  
mamãe na frente da nora  
parecia a branca orora  
pedindo perdão a treva.

Se acabou a desavença,  
se acabou a grande briga,  
pra ela, hoje a Vicença  
é nora, fia e amiga,  
hoje o seu prazê completo  
é pentiá seus três neto  
do cabelo arrupiado,  
cabelo mesmo de bucha,  
mas mamãe puxa e ripuxa



até que fica estirado.

E é por isto que onde chego  
no lugar onde eu tive,  
ninguém fala mal de nêgo  
que seja home ou muié,  
o preto tendo respeito  
goza de justo direito  
de sê cidadão de bem,  
a Vicença é toda minha  
e eu não dou minha pretinha  
por branca de seu ninguém.

Se de qualquer parte eu venho  
entro na minha morada  
e aquilo que eu quero tenho,  
tudo na hora marcada  
da sala até a cozinha  
e a Vicença é toda minha  
eu também sou dela só,  
eu sou home, ela é muié  
e o que eu quero ela qué,  
pra que vida mais mió?

Seu dotô, muito obrigado  
da sua grande atenção  
escutando este passado  
que serve até de lição.  
Neste mundo de vaidade,  
critério, honra e bondade  
não tem nada com a cô,  
eu morro falando franco,  
tanto o preto como o branco  
pertence a Nosso Senhor.

# BROSOGÓ, MILITÃO E O DIABO

O melhor da nossa vida  
é paz, amor e união  
e em cada semelhante  
a gente ver um irmão  
e apresentar para todos  
o papel de gratidão.

Quem faz um grande favor  
mesmo desinteressado  
por onde quer que ele ande  
leva um tesouro guardado  
e um dia sem esperar  
será bem recompensado.

Em um dos nossos estados  
do Nordeste brasileiro  
nasceu Chico Brosogó  
era ele um miçangueiro  
que é o mesmo camelô  
lá no Rio de Janeiro.

O Brosogó era ingênuo  
não tinha filosofia  
mas tinha de honestidade  
a maior sabedoria  
sempre vendendo ambulante  
a sua mercadoria.

Em uma destas viagens  
numa certa região  
foi vender mercadoria  
na famosa habitação  
de um fazendeiro malvado  
por nome de Militão.

O ricoço Militão

vivia a questionar  
toda sorte de trapaça  
era capaz de inventar  
vendo assim desta maneira  
sua riqueza aumentar.

Brosogó naquele prédio  
não apurou um tostão  
e como na mesma casa  
não lhe ofereceram pão  
comprou meia dúzia de ovos  
para sua refeição.

Quando a meia dúzia de ovos  
o Brosogó foi pagar  
faltou dinheiro miúdo  
para a paga efetuar  
e ele entregou uma nota  
para o Militão trocar.

O risco disse: – Eu não troco,  
vá com a mercadoria  
qualquer tempo você vem  
me pagar esta quantia  
mas peço que seja exato  
e aqui me apareça um dia.

Brosogó agradeceu  
e achou o papel importante,  
sem saber que o Militão  
estava naquele instante  
semeando uma semente  
para colher mais adiante.

Voltou muito satisfeito  
na sua vida pensando  
sempre arranjando fregueses  
no lugar que ia passando  
vendo sua boa sorte  
melhorar de quando em quando.

Brosogó no seu comércio  
tinha bons conhecimentos  
possuía com os lucros  
daqueles seus movimentos  
além de casas e terrenos  
meia dúzia de jumentos.

De ano em ano ele fazia  
naquele seu patrimônio  
festejo religioso  
no dia de Santo Antônio  
por ser o aniversário  
do seu feliz matrimônio.

No festejo oferecia  
vela para São João  
Santo Ambrósio, Santo Antônio  
São Cosme e São Damião  
para ele qualquer santo  
dava a mesma proteção.

Vela para Santa Inês  
e para Santa Luzia  
São Jorge e São Benedito  
São José e Santa Maria  
até que chegava à última  
das velas que possuía.

Um certo dia voltando  
aquele bom sertanejo  
da viagem lucrativa  
com muito amor e desejo  
trouxe uma carga de velas  
para queimar no festejo.

A casa naquela noite  
estava um belíssimo encanto  
se via velas acesas  
brilhando por todo canto  
porém sobraram três velas

por faltar nome de santo.

Era lindo a luminária  
o quadro resplandescente  
e o caboclo Brosogó  
procurava impaciente  
mas nem um nome de santo  
chegava na sua mente.

Disse consigo: o Diabo  
merece vela também  
se ele nunca me tentou  
para ofender a ninguém  
com certeza me respeita  
está me fazendo o bem.

Se eu fui um minino bom  
fui também um bom rapaz  
e hoje sou pai de família  
gozando da mesma paz  
vou queimar estas três velas  
em tenção do Satanás.

Tudo aquilo Brosogó  
fez com naturalidade  
como o justo que apresenta  
amor e fraternidade  
e as virtudes preciosas  
de um coração sem maldade.

Certo dia ele fazendo  
severa reflexão  
um exame rigoroso  
sobre a sua obrigação  
lhe veio na mente os ovos  
que devia ao Militão.

Viajou muito apressado  
no seu jumento baixeiro  
sempre atravessando rio  
e transpondo tabuleiro

chegou no segundo dia  
na casa do trapaceiro.

Foi chegando e desmontando  
e logo que deu bom-dia  
falou para o coronel  
com bastante cortesia:  
Venho aqui pagar a conta  
que fiquei devendo um dia.

O Militão muito sério  
falou para Brosogó:  
Para pagar esta dívida  
você vai ficar no pó,  
mesmo que tenha recurso  
fica pobre como Jó.

Me preste bem atenção  
e ouça bem as razões minhas:  
aqueles ovos no choco  
iam tirar seis pintinhas  
mais tarde as mesmas seriam  
meia dúzia de galinhas.

As seis galinhas botando,  
veja a soma o quanto dá  
são quatrocentos e oitenta  
ninguém me reprovará  
pois a galinha aqui põe  
de oito ovos pra lá.

Preste atenção Brosogó  
sei que você não censura  
veja que grande vantagem  
veja que grande fartura  
e veja o meu resultado  
só na primeira postura.

Das quatrocentas e oitenta  
podia a gente tirar  
dos mesmos cento e cinquenta

para no choco aplicar  
pois basta só vinte e cinco  
que é pra o ovo não gourar.

Os trezentos e cinquenta  
que era a sobra eu vendia  
depressa, sem ter demora  
por uma boa quantia  
aqui, procurando ovos  
temos grande freguesia.

Dos cento e cinquenta ovos  
sairiam com despacho  
cento e cinquenta pintinhas  
pois tenho certeza e acho  
que aqui no nosso terreiro  
não se cria pinto macho.

Também não há prejuízo  
posso falar pra você  
que maracajá e raposa  
aqui a gente não vê  
também não há cobra-preta  
gavião, nem saruê.

Aqui de certas moléstias  
a galinha nunca morre  
porque logo à medicina  
com urgência se recorre  
se o gogo se manifesta  
a empregada socorre.

Veja bem, seu Brosogó,  
o quanto eu posso ganhar  
em um ano e sete meses  
que passou sem me pagar,  
a conta é de tal maneira  
que eu mesmo não sei somar.

Vou chamar um matemático  
pra fazer o orçamento,

embora você não faça  
de uma vez o pagamento  
mesmo com mercadoria,  
terreno, casa e jumento.

Porém tenha paciência  
não precisa se queixar,  
você acaba o que tem,  
mas vem comigo morar  
e aqui, parceladamente,  
acaba de me pagar.

E se achar que estou falando  
contra sua natureza,  
procure um advogado  
pra fazer sua defesa,  
que o meu eu já tenho e conto  
a vitória com certeza.

Meu advogado é  
um doutor de posição  
pertence à minha política  
e nunca perdeu questão  
e é candidato a prefeito  
para a futura eleição.

O coronel Militão  
com orgulho e petulância  
deixou o pobre Brosogó  
na mais dura circunstância  
aproveitando do mesmo  
sua grande ignorância.

Quinze dias foi o prazo  
para o Brosogó voltar  
presente ao advogado  
um documento assinar  
e tudo que possuía  
ao Militão entregar.

O pobre voltou bem triste



pensando, a dizer consigo:  
eu durante a minha vida  
sempre fui um grande amigo,  
qual será o meu pecado  
para tão grande castigo?

Quando ia pensando assim  
avistou um cavaleiro  
bem montado e bem trajado  
na sombra de um juazeiro  
o qual com modos fraternos  
perguntou ao miçangueiro:

Que tristeza é esta?  
Que você tem, Brosogó?  
O seu semblante apresenta  
aflição, pesar e dó,  
eu estou ao seu dispor,  
você não sofrerá só.

Brosogó lhe contou tudo  
e disse por sua vez  
que o coronel Militão  
o trato com ele fez  
para às dez horas do dia  
na data quinze do mês.

E disse o desconhecido:  
Não tenha má impressão  
no dia quinze eu irei  
resolver esta questão  
lhe defender da trapaça  
do ricaço Militão.

Brosogó foi para casa  
alegre sem timidez,  
o que o homem lhe pediu  
ele satisfeito fez  
e foi cumprir seu trato  
no dia quinze do mês.

Quando chegou encontrou  
todo povo aglomerado  
ele entrando deu bom-dia  
e falou bem animado  
dizendo que também tinha  
achado um advogado.

Marcou o relógio dez horas  
e sem o doutor chegar  
Brosogó entristeceu  
silencioso a pensar  
e o povo do Militão  
do coitado a criticar.

Os puxa-sacos do rico  
com ares de mangação  
diziam: o miçangueiro  
vai-se arrasar na questão  
Brosogó vai pagar caro  
os ovos de Militão.

Estavam pilheriando  
quando se ouviu um tropel  
era um senhor elegante  
montado no seu corcel  
exibindo em um dos dedos  
o anel de bacharel.

Chegando disse aos ouvintes:  
Fui no trato interrompido  
para cozinhar feijão  
porque muito tem chovido  
e o meu pai em seu roçado  
só planta feijão cozido.

Antes que o desconhecido  
com razão se desculpasse  
gritou o outro advogado:  
Não desonre a nossa classe  
com essa grande mentira!

Feijão cozido não nasce.

Respondeu o cavaleiro:  
Esta mentira eu compus  
para fazer a defesa  
é ela um foco de luz  
porque o ovo cozinhado  
sabemos que não produz.

Assim que o desconhecido  
fez esta declaração  
houve um silêncio na sala  
foi grande a decepção  
para o povo da política  
do coronel Militão.

Onde a verdade aparece  
a mentira é destruída  
foi assim desta maneira  
que a questão foi resolvida  
e o candidato político  
ficou de crista caída.

Mentira contra mentira  
na reunião se deu  
e foi por este motivo  
que a verdade apareceu  
somente o preço dos ovos  
o Militão recebeu.

Brosogó agradecendo  
o favor que recebia  
respondeu o cavaleiro:  
Eu era quem lhe devia  
o valor daquelas velas  
que me ofereceu um dia.

Eu sou o Diabo a quem todos  
chamam de monstro ruim  
e só você neste mundo  
teve a bondade sem fim

de um dia queimar três velas  
oferecidas a mim.

Quando disse estas palavras  
no mesmo instante saiu  
adiante deu um pipoco  
e pelo espaço sumiu  
porém pipoco baixinho  
que o Brosogó não ouviu.

Caro leitor, nesta estrofe  
não queira zombar de mim  
ninguém ouviu o estouro  
mas juro que foi assim  
pois toda história do Diabo  
tem um pipoco no fim.

Sertanejo, este folheto  
eu quero lhe oferecer,  
leia o mesmo com cuidado  
e saiba compreender,  
encerra muita mentira  
mas tem muito o que aprender.

Bom leitor, tenha cuidado,  
vivem ainda entre nós  
milhares de Militões  
com o instinto feroz  
com traçadas e mentiras  
perseguido os Brosogós.

# BIOGRAFIA

1909 – Nasce dia 5 de março, na serra de Santana, a 18 km de Assaré, Antônio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré, filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, pequenos proprietários rurais.

1913 – Perde um olho em decorrência de uma doença.

1917 – Morte do pai, em 28 de março. Passa a trabalhar, junto com os irmãos José, Joaquim, Pedro, Maria e Mercês, na terra deixada pelo pai, que mais tarde seria dividida entre eles.

1921 – Alfabetizado por meio do livro de Felisberto de Carvalho. Fica menos de seis meses na escola.

1922 – Começa a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos.

1925 – Vende uma ovelha para comprar a primeira viola. Passa a se apresentar nos sítios e festas da região.

1928 – Viagem à Belém do Pará onde ganha, de José Carvalho de Brito, o apelido de Patativa.

1936 – Casa-se no dia 6 de janeiro com Belarmina Paes Cidrão, a dona Belinha.

1940 – Apresenta-se com violeiros, como João Alexandre, nos sítios e festas do Cariri.

1955 – Conhece José Arraes de Alencar, que toma a iniciativa de transcrever seus poemas por meio de Moacir Mota, filho de Leonardo Mota.

1956 – Publicação de *Inspiração nordestina*, pela editora Borsoi Editor, do Rio de Janeiro.

1962 – Apresenta-se no São João Popular, no sítio Trindade, em Recife, promovido pela administração Miguel Arraes.

1964 – Luiz Gonzaga grava “A triste partida”.

1970 – Publicação de *Patativa do Assaré – Novos poemas comentados* de J. de Figueiredo Filho.

1972 – Raimundo Fagner musica e grava “Sina”, no disco *Manera Fru-Fru*, poema cuja autoria não foi lhe atribuída.

1973 – Atropelado quando atravessava a avenida Duque de Caxias, em Fortaleza, dia 13 de agosto.

1978 – Lançado *Cante lá que canto cá*, com o selo da Editora Vozes.

1979 – Passa a residir em Assaré, à rua Coronel Pedro Onofre, no 27, Praça da Matriz.

Homenageado, pela programação cultural do encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC, em Fortaleza.

Grava o disco *Poemas e canções*.

Participa da campanha pela Anistia aos Presos Políticos Brasileiros.

Personagem de “Patativa do Assaré”, no super-8 de Rosemberg Cariri.

Participa da Massafeira Livre, de 15 a 18 de março, no Theatro José de Alencar, *show* lançado em disco com o selo Epic (CBS), no ano seguinte.

1980 – Fagner grava “Vaca Estrela e Boi Fubá” (CBS).

1981 – Lança o disco *A terra é naturá*.

Apresenta-se programa *Som Brasil*, da Rede Globo, dia 31 de outubro.

1982 – Recebe o diploma de “Amigo da Cultura”, outorgado pela Secretaria da Cultura do Estado, pela “decidida atuação a favor do aprimoramento cultural do Ceará”.

Cidadão de Fortaleza, título aprovado pela Câmara Municipal.

1984 – Participa da campanha pelas Diretas-Já e sobe ao palanque, em Fortaleza, para dizer poemas, ao lado de lideranças políticas nacionais.

Publicação de *O metapoema em Patativa do Assaré: uma introdução ao pensamento literária do poeta*, de Francisco de Assis Brito, pela Faculdade de Filosofia do Crato.

Vídeo *Patativa do Assaré*, realizado pelo Projeto Experimental dos alunos do Curso de Comunicação Social da UFC, com apoio da TV Educativa.

*Patativa do Assaré – Um poeta do povo*, filme de Jefferson Albuquerque Jr. e Rosemberg Cariri, em 16 mm, ampliado para 35 mm, em cores.

1985 – Faz a letra de “Seca d’água”, criação coletiva para angariar fundos para as vítimas das enchentes que assolaram o Nordeste naquele ano.

Lança o disco *Patativa do Assaré*, um projeto cultural do Banco do Estado do Ceará (banco esse, hoje, comprado pelo Bradesco).

1986 – Apoia a candidatura de Tasso Jereissati ao governo do Estado do Ceará.

1987 – Recebe a Medalha da Abolição, pelos “relevantes serviços prestados ao Estado”.

1988 – Publica o livro *Ispinho e fulô*, pela Imprensa Oficial do Ceará.

Submetido a cirurgia em clínica oftalmológica de Campinas (SP).

1989 – Enredo da Escola de Samba Prova de Fogo, do Crato.

Doutor *Honoris Causa* da Universidade Regional do Cariri – Urca.

*Seminário 80 anos de Patativa do Assaré*, promoção da Urca.

Lança o disco *Canto nordestino*.

Inauguração da rodovia Patativa do Assaré, com 17 km ligando Assaré a Antonina do Norte, pelo governador Tasso Jereissati.

Apresentação de Patativa do Assaré e Théo Azevedo, no Teatro das Nações (Av. São José, no 1737), em São Paulo.

Evento *Patativa do Assaré-80 anos de vida e poesia*, dia 30 de novembro, no BNB Clube, em Fortaleza.

Apresentação de Patativa do Assaré com Fagner, no Memorial da América Latina, em São Paulo, de 7 a 9 de dezembro.

1990 – Participação no evento *Fortaleza das Violas*, no BNB Clube, em Fortaleza, dias 26 e 27 de janeiro, como convidado especial, juntamente com Otacílio Batista e Geraldo Amâncio.

Lançamento do disco *Patativa do Assaré – 80 anos de luz*, com apoio da Prefeitura Municipal de Assaré, Urca, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará e Associação dos Artistas e Amigos da Arte, de Juazeiro do Norte.

1991 – Enredo da Escola Acadêmicos do Samba, de Fortaleza.

Lança o livro *Balceiro*, organizado por ele e por Geraldo Gonçalves, que reúne parte da produção dos poetas de Assaré, publicado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará/Ioce.

1993 – Participa da novela *Renascer*, da Rede Globo de Televisão.

Entrevistado pelo programa *Jô Onze e Meia*, do SBT.

Lança a caixa *Cordéis do Patativa*, editada pela Secult, com apoio da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, na Casa de Juvenal Galeno, em Fortaleza, dia 20 de novembro.

1994 – Lança o livro *Aqui tem coisa*, na I Feira Brasileira do Livro de Fortaleza.

Documentário *O voo da Patativa*, com roteiro de Oswald Barroso e direção de Ronaldo Nunes, produzido pela TV Ceará.

Grava o disco *Patativa 85 anos de luz e poesia*.

Evento *Patativa do Assaré – 85 anos de fidelidade e amor à poesia e à sua gente*, dias 4 e 5 de março, em Assaré.

Inauguração do Centro de Cultura Popular Patativa do Assaré, à Rua Euclides Onofre, dependências da antiga usina, em Assaré (depois desativado).

Morte de Dona Belinha, dia 15 de maio.

Sócio-honorário do Museu do Gonzagão, em Exu, PE.

1995 – Lançamento de *Patativa e o universo fascinante do sertão*, de Plácio Cidade Nuvens.

Recebe o Prêmio Ministério da Cultura, categoria Cultura Popular.

1997 – Seminário *88 Anos de Patativa do Assaré*, promovido pela Urca e Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, no Crato.

Lançamento do CD *Patativa 88 anos de poesia*.

Inauguração da Rádio Comunitária Patativa do Assaré, em sua cidade natal.

Defesa da dissertação *A linguagem regional popular na obra de Patativa do Assaré*, de Maria Silvana Militão de Alencar, no Mestrado em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa da UFC, dia 5 de dezembro, sob a orientação da Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

1998 – Álbum de xilogravuras *Patativa–Vida poesia*, com 16 matrizes em umburana, de autoria de José Lourenço Gonzaga.

Recebe, dia 22 de maio, a Medalha Francisco Gonçalves de Aguiar, do Governo do Estado do Ceará, outorgada pela Secretaria de Recursos Hídricos.

Sessão solene da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, dia 10 de agosto, em homenagem aos 90 anos de Patativa do Assaré. Transcrita no volume 108, número 166, do dia 1º de setembro de 1998, do *Diário Oficial do Estado de São Paulo*.

Inauguração, dia 1º de outubro, da exposição *De um pinga d'água um oceano de rimas*, em homenagem a seus 90 anos, na III Feira Brasileira do Livro de Fortaleza.

Homenageado pela Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará, com a impressão de um calendário referente a 1999, com projeto gráfico de Evandro Abreu e xilogravuras de José Lourenço. Peça escolhida em concurso público.

1999 – Festa de aniversário, com a inauguração do Memorial Patativa do Assaré, e lançamento da revista *Inside Brasil*, em que era matéria de capa.

Recebe, na festa dos 90 anos, o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Estadual do Ceará – Uece.

Recebe, em outubro, em Assaré, o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará – UFC, quando é feito o lançamento do livro *Cordéis*, publicado pelas Edições UFC.

Recebe o Prêmio Unipaz, no VII Congresso Holístico Brasileiro, em Fortaleza, dia 20 de outubro.

2000 – Na festa dos 91 anos, recebe o título de Cidadão do Rio Grande do Norte.

Lançamento, em maio, dos livros *Patativa do Assaré*, de Gilmar de Carvalho (Fundação Demócrito Rocha) e *Patativa do Assaré*, de Sylvie Debs (Editora Hedra), no Sindicato dos Jornalistas, em Fortaleza.

Recebe o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Tiradentes, de Sergipe.

Defesa da dissertação de mestrado *Patativa do Assaré – As razões da emoção. Capítulos de uma poética sertaneja*, de Cláudio Henrique Sales Andrade, na FFLCH, da Universidade de São Paulo, em setembro.

Patrono da IV Bienal do Livro do Ceará 2000 (17 a 22 de outubro).

Lançamento do CD *Patativa do Assaré*, volume IV, da Coleção Memória do Povo Cearense, no encerramento da Bienal do Livro.

Internado, dia 18 de novembro, no hospital São Francisco, em Crato, com problemas urinários. Teve alta dia 24 do mesmo mês.

2001 – Lançamento do livro *Balceiro 2 – Patativa e outros poetas do Assaré*, organizado por Geraldo Gonçalves de Alencar e publicado pela Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará e Editora Terceira Margem, de São Paulo, nas festas de seu 92º aniversário.

Estreia do curta de animação *Patativa*, em 35 mm, colorido, 10 minutos de duração, de Ítalo Maia, durante o Cine Ceará, pelo qual foi premiado. O curta participou de festivais na Bahia, Goiás, Espírito Santo e recebeu o Troféu Jangada do Ocic.

Terceiro colocado na eleição para o Cearense do Século, promovido pelo Sistema Verdes Mares de Comunicação (o vencedor foi Padre Cícero).

Recebe o troféu Sereia de Ouro, do Grupo Edson Queiroz, no Memorial Patativa do Assaré, dia 28 de setembro.

Lançamento da Antologia poética de Patativa do Assaré, com organização e prefácio de Gilmar de Carvalho, editada pela Fundação Demócrito Rocha, dia 30 de outubro, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza.

Estreia do espetáculo *Patativa do Assaré*, de Alan Castelo Branco Xavier, no Teatro Glória, Rio de Janeiro, dia 3 de novembro.

Integra a exposição *O mote do cordel*, aberta dia 11 de dezembro, no Museu do Ceará, que exibe um chapéu e um par de óculos doados por ele ao acervo da instituição.

Lançamento do livro *Digo e não peço segredo*, organizado e prefaciado pelo professor Tadeu Feitosa, dia 27 de dezembro, em Crato, onde Patativa estava internado, acometido de infecção urinária (teve alta no dia 30 de dezembro).

2002 – Defesa da tese de doutorado em Sociologia (UFC) de Tadeu Feitosa, com o título *Patativa do Assaré: A voz de um canto*, dia 3 de maio, orientada pela professora-doutora Maria Auxiliadora Lemenhe.

Morre dia 8 de julho, de falência múltipla dos órgãos, de acordo com o laudo médico. Foi sepultado na tarde do dia 9, no Cemitério São João Batista, em Assaré.

## BIBLIOGRAFIA

*Inspiração nordestina*. Rio de Janeiro: Borsoi Editor, 1956. (Também editado pela Hedra em 2003.)

*Inspiração nordestina – Cantos do Patativa*. Rio de Janeiro: Borsoi Editor, 1967.



*Patativa do Assaré – Novos poemas comentados por J. de Figueiredo Filho*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.

*Cante lá que eu canto cá*. Petrópolis: Vozes, 1978.

*Ispinho e fulô*. Fortaleza: Ioce, 1988. (Também editado pela Hedra em 2005.)

*Balceiro – Patativa e outros poetas de Assaré*. Organizado por Patativa do Assaré e Geraldo Gonçalves de Alencar. Fortaleza: Secult/Ioce, 1991.

*O que é folclore? Patativa do Assaré e vários*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, jul./ago., 1993.

*Cordéis do Patativa*. Caixa com 13 folhetos. Juazeiro do Norte: Lira Nordestina. (Edição da Secult com apoio da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte.)

*Aqui tem coisa*. Fortaleza: Secult/Ioce, 1994. (Também editado pela Hedra em 2004.)

*Nordestinos*. Coletânea poética do Nordeste brasileiro. Organizada por Pedro Américo de Farias. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1994.

*Letras ao sol*. Antologia da literatura cearense. Organizada por Oswald Barroso e Alexandre Barbalho. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1998.

*Cordéis*. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

*Balceiro 2 – Patativa e outros poetas do Assaré*. Geraldo Gonçalves de Alencar (Org.). Fortaleza: Secult; São Paulo: Terceira Margem, 2001.

*Os cem melhores poetas brasileiros do século*. José Nêumanne Pinto (Org.). São Paulo: Geração Editorial, 2001.

*100 anos de poesia – Um panorama da poesia brasileira no século XX*. Claufe Rodrigues e Alexandra Maia (Orgs.). Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001. p. 141 a 144.

*Ao pé da mesa: motes e glosas*. Patativa do Assaré e Geraldo Gonçalves de Alencar. Fortaleza: Secult; São Paulo: Terceira Margem, 2001.

*Patativa do Assaré: Antologia poética*. Gilmar de Carvalho (organização e prefácio). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

*Balceiro 3 – Patativa e outros poetas do Assaré*. Geraldo Gonçalves de Alencar e Jurandy Temóteo (Orgs.). Crato: A Província Edições, 2003.

*A sariema de Totelina*. Infantil. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

*Lagartixas verdinhas pelo chão*. Infantil. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

*Um mundo desconhecido*. Infantil. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

## DISCOGRAFIA

Luiz Gonzaga – *A triste partida*, 1964.

Raimundo Fagner – *Manera Fru-Fru* (faixa “Sina”), 1972.

Patativa do Assaré – *Poemas e canções*, 1979.

Raimundo Fagner – *Soro*, Patativa declama o poema “Vida sertaneja”, 1979.

Raimundo Fagner – *Raimundo Fagner* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), 1980.

Quinteto Agreste – Compacto em vinil com a música vencedora do I Festival Credimus da Canção, parceria de Patativa do Assaré com Mário Mesquita (“Seu dotô me conhece”), 1980.

Massafeira Livre – Patativa do Assaré, disco 1, lado B (faixa “Senhor Doutor”), gravado ao vivo no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, de 15 a 18 de março de 1979 e lançada pelo selo Epic, CBS, 1980.

Patativa do Assaré – *A terra é naturá*, 1981.

Som Brasil – Participação de Patativa do Assaré, gravada ao vivo no Programa *Som Brasil*, dia 30 de novembro de 1981.

Quinteto Agreste – *Quinteto Agreste* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), [s.d.].

Patativa do Assaré – *Patativa do Assaré*, Projeto Cultural do BEC, 1985.

Criação coletiva – *Seca d’água*, a partir de poema de Patativa, 1985.

Alcymar Monteiro – *Rosa dos ventos* (faixa “Sofreu”), 1987.

Patativa do Assaré – *Canto nordestino*, 1989.

Patativa do Assaré – *80 anos de luz*, 1989.

Gonzagão e Gonzaguinha – *Gonzagão e Gonzaguinha juntos* (faixa “A triste partida”), 1991.

Gonzagão e Fagner – *Gonzagão e Fagner* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), 1991.

Joãozinho do Exu – *Lembrando você* (faixa “A natureza chora”), 1993.

Patativa do Assaré – *85 anos de poesia*, 1994.

José Fábio – *José Fábio* (faixas “Vaca Estrela e Boi Fubá”, “Minino de rua”, “Lamento de um nordestino” e “Estrada da minha vida”), 1994.

Mastruz com Leite – *O boi zebu e as formigas* (faixa título), 1995.

Sérgio Reis – *Marcando estrada* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), 1995.

Cláudio Nucci e Nós & Voz – *É boi* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), 1995.

Cícero do Assaré – *Meu passarinho meu amor* (faixa-título e “Lamento de um nordestino”), 1996.

Daúde – *Daúde*, (faixa “Vida Sertaneja”), 1996.

Mastruz com Leite – *Em todo canto tem cearense, inclusive neste CD* (faixa “Sem-terra”), 1996.

Fagner – *20 supersucessos II* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”).

Pena Branca e Xavantinho – *Cio da terra* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), 1996.

Gildário de Assaré – *Sou nordestino* (faixas “Saudade”, “Tenha pena de quem tem pena”, “Assaré querido” e “Sou nordestino”), [s.d.].

Alcymar Monteiro – *3o Circuito de Vaquejadas* (faixas “Ingém de ferro” e “Nordestino sim, nordestinado não”), 1997.

Gildário de Assaré – *Agora* (faixas “A tristeza”, “Saudação a Juazeiro” e “Morena e mastruz com leite”), [s.d.].

Baby Som – *Quente arrochado – Volume 2* (faixa “Ao rei do baião”), [s.d.].

Abidoral Jamaru – *O peixe* (faixa-título), 1997.

Simone Guimarães – *Cirandeiro* (faixa “Sina”), 1997.

Patativa do Assaré – *88 anos de poesia*, 1997.

Cantorias e Cantadores 2 – *Pena Branca e Xavantinho* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”).

Kuarup Discos, [s.d.].

Alcymar Monteiro – *Eterno moleque* (faixa “Minha viola”), 1998.

Renato Teixeira e Pena Branca e Xavantinho – *Ao vivo em Tatuí* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), 1998.

José Fábio – *José Fábio canta Patativa*, single promocional, 1998.

José Fábio – *José Fábio canta Patativa do Assaré*, 16 faixas com poemas de Patativa musicados por Téo Azevedo, Playarte, 1998.

Programa Cultura Musical do BNB – *Abidoral Jamararu* (faixa “O peixe”), 1998.

Alcymar Monteiro – *Os grandes sucessos de vaquejada* (faixa “Nordestino sim, nordestinado não”), 1998.

Rolando Boldrin – *Som rural – Caipira* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), 1998.

Joãozinho de Exu – *Preciso de você* (faixa “A natureza chora”), 1999.

Patativa do Assaré – CD encartado no livro *O poeta do povo. Vida e obra do Patativa do Assaré*, de Assis Ângelo, com poemas declamados pelo poeta, entrevistas feitas pelo autor do livro e trilha sonora de Gereba, 1999.

Luiz Gonzaga – *Caixa 50 anos de chão* (faixa “A triste partida”, disco 2), [s.d.].

Gildário de Assaré – *Contos de Patativa*, 15 faixas com poemas de Patativa musicados, 1999.

Daúde – *Simbora* (faixa “Vida sertaneja” remixada), 1999.

Geraldo Amâncio e Moacir Laurentino – *2o Festival Nordestino da Viola* (faixa “Patativa e D. Hélder são dois reis coroados de fé e poesia”), 1999.

Waldonys – *Waldonys canta e toca sucessos nordestinos* (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”), 2000.

Abidoral Jamararu – *Avallon*, CD (faixa “O peixe”), julho de 2001.

João Alexandre Sobrinho – *Memórias de um poeta* (faixa “A triste partida”), 2001.

Cantar – volume 1 – Rede de Protagonistas pelo Meio Ambiente e Cidadania. Apoio Unicef – (faixa “A lição do pinto”, cantada por Zé Vicente), 2001.

Patativa, ave, homem e poesia – I Feira de Literatura do Colégio Christus Anexo (barraca “Patativa: ave, homem e poesia”). Fortaleza, CE, 2005.

Gildário do Assaré – *Forró em poesia* (faixas “Sou nordestino”, “Tenha pena de quem tem pena” e “A tristeza mais triste”), 2005.

Ricardo Bezerra – *Juá guri* (faixa “A terra é nossa”), 2006.

## LIVROS DO AUTOR

*O metapoema em Patativa do Assaré: uma introdução ao pensamento literário do poeta.* Francisco de Assis Brito. Crato: Faculdade de Filosofia, 1984.

*Filosofando com Patativa.* Jesus Rocha. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

*Um certo planeta azul.* Luiza de Teodoro Vieira. Fortaleza: Seduc, 1994.

*Patativa e o universo fascinante do sertão.* Plácido Cidade Nuvens. Fortaleza: Unifor, 1995.

*O poeta do povo: vida e obra de Patativa do Assaré.* Assis Ângelo. Fotos e projeto gráfico Gal Oppido. São Paulo: CPC-Umes, 1999.

*Patativa do Assaré: uma voz do nordeste.* Sylvie Debs (introdução e seleção). São Paulo: Hedra, 2000. (Coleção Biblioteca de Cordel)

*Patativa do Assaré*. Gilmar de Carvalho. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. (Coleção Terra Bárbara)

*Digo e não peço segredo: Patativa do Assaré*. Tadeu Feitosa. São Paulo: Escrituras, 2001.

*Cordel canta Patativa*. Gilmar de Carvalho (organização e prefácio). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

*Patativa poeta pássaro do Assaré – Entrevista*. Gilmar de Carvalho. Fortaleza: Omni Editora Associados Ltda., 2002.

*Patativa do Assaré: pássaro liberto*. Gilmar de Carvalho. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

*Patativa do Assaré, um clássico*. Plácido Cidade Nuvens. Crato: A Província Edições, 2002.

*Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*. Luiz Tadeu Feitosa. São Paulo: Escrituras, 2003.

*Patativa do Assaré – As razões da emoção. Capítulos de uma poética sertaneja*. Cláudio Henrique Sales Andrade Nankin/Edições UFC, 2004.

© Isabel Cristina da Silva Pio, 2005  
1ª Edição, Global Editora, São Paulo 2006

Diretor Editorial - **Jefferson L. Alves**  
Produção Digital - **Eduardo Okuno**  
Revisão - **Juliana Alexandrino**  
Projeto de Capa - **Victor Burton**  
Conversão para eBook - **Freitas Bastos**

**CIP-BRASIL. Catalogação na fonte**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

---

P332p

Patativa do Assaré, 1909-2002.

Patativa do Assaré : melhores poemas [recurso eletrônico] / Patativa do Assaré; seleção Cláudio Portela; [direção de Edla Van Steen]. – São Paulo: Global, 2012.  
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-260-1793-1 (recurso eletrônico)

1. Patativa, do Assaré, 1909-2002. 2. Poesia brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Portela, Cláudio. II. Steen, Edla Van, 1936-. III. Título. IV. Série.

12-8522.

CDD-869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

---



Direitos Reservados

**Global Editora e Distribuidora Ltda.**

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141

e-mail: [global@globaleditora.com.br](mailto:global@globaleditora.com.br)

[www.globaleditora.com.br](http://www.globaleditora.com.br)



Colabore com a produção científica e cultural.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: **2743.eb**

# Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Organizador](#)

[Seu Dotô Me Dê Licença: Patativa do Assaré](#)

[Fonte Patativana](#)

[Um Grande Poeta](#)

[Ciúme](#)

[Prefeitura Sem Prefeito](#)

[O Retrato do Sertão](#)

[O Banco do Chico Rosado](#)

[Maió Decepção](#)

[As Proezas de Sabina](#)

[Minha Viola](#)

[História de Uma Cruz](#)

[Vaca Lavandeira](#)

[Caboclo Roceiro](#)

[O que é Folclore?](#)

[O Bode do Serafim](#)

[Quadrinhas](#)

[Nanã](#)

[Minha Idade e Minha Poesia](#)

[Pai Luiz e o Preguiçoso](#)

[A Ligeira do Æo](#)

[Morrer Sem Morrer Deveras](#)

[Lagartixas Verdinhas pelo Chão](#)

[Um Mundo Desconhecido](#)

[A Derrota de Pedro Topa Tudo e a Vingança de Biluca](#)

[Crítica Construtiva](#)

[O Poeta Patativa e a Sariema de Totelina](#)

[Prefeito com Prefeitura](#)

[Doutor Honoris Causa](#)

[Dia Nacional da Poesia](#)

[Saudação ao Ano 2000](#)

[Vaca Estrela e Boi Fubá](#)

[A Morte de Nanã](#)  
[Vida Sertaneja](#)  
[Sou Cabra da Peste](#)  
[Coisa Estranha](#)  
[Pobre Santo Antônio](#)  
[Vingança de Matuto](#)  
[Minha Reza](#)  
[Perfume de Gambá](#)  
[À Meretriz](#)  
[Acróstico Espalhafatoso](#)  
[Voz Estranha](#)  
[O Prazer da Pipa](#)  
[O Nadador](#)  
[Carta ou Bilhete](#)  
[Fuga de Vênus](#)  
[Herança](#)  
[Eu Sou do Campo](#)  
[A Morte](#)  
[A Minha Cinza](#)  
[Mote](#)  
[O Sabiá Vaidoso](#)  
[A Cobra Falou](#)  
[Teia de Aranha](#)  
[A Mulher](#)  
[Minhas Filhas](#)  
[Mote/Glosa](#)  
[Mote/Glosas](#)  
[Mote/Glosas](#)  
[Esta Terra Parece um Paraíso](#)  
[Percorrendo o Nordeste em Pregação](#)  
[Vou Casar Sem Saber Você Quem É](#)  
[Vive Doidinha a Procurar Marido](#)  
[É Preciso Saber Compor Soneto](#)  
[Garoto Inteligente](#)  
[Versos do Patativa](#)  
[Minha Castanhola](#)  
[A Voz do Milho Abandonado](#)

[O Parafuso](#)  
[Ingratidão](#)  
[À Professora Neuma](#)  
[Meu Recado a São Pedro](#)  
[A Triste Partida](#)  
[Mãe Preta](#)  
[A Escrava do Dinheiro](#)  
[Maria Têê](#)  
[O Rouxinol e o Ancião](#)  
[Ao Dotô do Avião](#)  
[O Pica-Pau](#)  
[A Foguêra de São João](#)  
[Amanhã](#)  
[Conversa de Matuto](#)  
[Você se Lembra?](#)  
[Maria de Todo Jeito](#)  
[Ser Feliz](#)  
[ABC do Nordeste Flagelado](#)  
[A Estrada de Minha Vida](#)  
[Brasi de Cima e Brasi de Baxo](#)  
[Meu Castigo](#)  
[Vicença e Sofia ou O Castigo de Mamãe](#)  
[Brosogó, Militão e o Diabo](#)  
[Biografia](#)  
[Bibliografia](#)  
[Discografia](#)  
[Livros do autor](#)  
[Créditos](#)